

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

CURIOSIDADES DE GUIMARÃES. XV GUIMARÃES NAS EXPOSIÇÕES NACIONAIS E INTERNACIONAIS.

BRAGA, Alberto Vieira

Ano: 1953 | Número: 63

Como citar este documento:

BRAGA, Alberto Vieira, Curiosidades de Guimarães. XV Guimarães nas Exposições Nacionais e Internacionais. *Revista de Guimarães*, 63 (3-4) Jul.-Dez. 1953, p. 307-460.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt

URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Curiosidades de Guimarães

XV

Guimarães nas Exposições Nacionais e Internacionais

Por ALBERTO VIEIRA BRAGA

Exposições. Feiras-Exposições:

Poderia formar-se, com certo vagar e tempo, um panorama histórico das Exposições organizadas no País, e da contribuição portuguesa de mais caracterizada industrialização nacional e progressiva, levada às Exposições Internacionais, onde em algumas destas se marcou também, e expressivamente, o valor artístico e cultural da Nação e das tradições regionalistas e agrárias.

Para observada atenção e confronto das graças produtivas, deviam, porém, ser organizados os índices de todas as particularidades e especializações locais, de todos os expositores e capacidade do seu fabrico, abrangendo os informes já indagados e publicados nos Relatórios, nos pareceres oficiais do Estado e nos inquéritos industriais e agrícolas, e os demais elementos que se obtivessem. Só assim, o conjunto deste trabalho nos daria, indubitavelmente, o domínio e o conhecimento de muitos aspectos característicos da produção industrial, caseira e agrícola, do labor mental e estético, e do temperamento folclórico e etnográfico, manifestações estas, verdadeiramente apreciadas, pela radiação do seu alcance educativo e social.

Nestas condições esclarecedoras, se abrangeria, na essencial correspondência dos elementos peculiares e sentidos de unidade de cultura produtiva, todo

o passado histórico e económico das Exposições, ficando a aperceber-se, pelas regiões e pelas classes, todos os interesses de vitalidade, todas as diversidades de contribuição, todos os costumes, todas as tendências de trabalho, possibilidades, e valorizações comuns, das localidades e concelhos que mais influenciadamente se expandiram e mostraram, nos recursos próprios da sua actividade, pelos certâmens primeiros realizados no País, em épocas de deficiência e custosos amanhos, dentro dos contactos e actuações agrícolas e fabris.

O que importava, para favorável aproveitamento de compreensão e aproximação — e isso seria tarefa para algumas pesquisas, através dos catálogos, relatórios das Exposições e dos inquéritos oficiais sobre a indústria e agricultura (1), que há setenta e dous anos largamente se espalharam pelo País — era organizar, em transunto fiel, um mapa cronológico desses sucessos Concelhios e Internacionais, e precisar a melhoria do que se alcançou pelo balanço do que se expôs, na medida e paralelo do progredir, depois da vitória das máquinas industriais, e do espalhado conhecimento das nossas especializadas culturas agrícolas, que se desenvolvem em aspectos diversos, ao giro temperado do clima e das variadas condições regionais. Depois, indispensável seria, estabelecer os confrontos, evolutivos e numéricos, sob todos os alcanços de realização e rendimento, com as modernas e esclarecedoras estatísticas oficiais.

Foi custosamente, que muitos mercados se conquistaram, mercê dos persistentes esforços em tornar conhecidas as nossas habilitações e possibilidades materiais, em governo de trabalho, de produção e da estabilidade natural de uma cultura agrícola, de associação comunal nas ajudas, nas tradições e nos usos, que frutifica mais pela situação geográfica e pela rotina, do que pelas defesas técnicas que lhe dispensam.

(1) Ao inquérito industrial de 1881, só responderam, e escassamente, três industriais vimaranenses.

E assim, por uma formação de correntes internas e externas, que projectavam os estímulos e os interesses, em contacto com os tempos e os povos, foi que através dos mares e das fronteiras, se espalharam os nossos linhos, as nossas frutas, os nossos curtumes e cutelarias, os nossos vinhos, as nossas árvores aborígenes, e as nossas madeiras.

Até onde fomos nós, vimaranenses, entre as terras portuguesas de comércio interno e continental, e o que realizamos e auferimos pelo valor da representação levado a muitas Exposições, em épocas mais afastadas e menos conhecidas da nossa capacidade manual e labor assinaladamente típico e caseiro?

É esta, uma nova ascensão de influência sugestiva, reveladora das tradições regionais, da paisagem e da personalidade, complexos de sentimento e de amor que andam à volta de um puro ideal de trabalho, com todas as destacadas feições de criar e produzir.

Não é demasiada esta nossa afirmação, sabido que os nossos doces, a nossa extensíssima variedade de fruta seca, a nossa arte de amorosa confecção feminina de labores em fio de linha, rendas e papéis recortados, as nossas curiosas e lantejouladas encadernações freiráticas de livros beáticos e manuais de reza, as ourivesarias de adornos esmalta-



Encadernação bizarra de um manual de reza (1789), obra executada com pontas metálicas e pequeninas pedras de cor, pelas freiras dominicanas. (Col. particular)

dos e filigranados, as baétilhas e muitas particularidades regionais de governo e utilidade familiar, em utensílios e tecidos para a lavoira e para os domésticos casais das gentes do moirer mais rude, atravessaram e atravessam, as populações de todas as Províncias de Portugal.

Atravessam agora, claro está, para os longes do País e das fronteiras, principalmente os produtos que saindo da rotina inicial, e dos decantados vagares manuais, adquiriram créditos de desenvolvimento e perfeição, porque os demais, e muitos eram, caíram em mortício abandono, ou totalmente se aniquilaram e desfizeram ao sopro de outras renovações, inovações e de outros hábitos, trocando-se, em muitos pormenores, a arte do arranjo e do adorno, o específico da duração, do vistoso, do bom e do tradicional, pela comodidade e rapidez do que os engenhos mecânicos produzem.

Os mercados são outros, como outras são as condições de vida. As necessidades acompanham as evoluções, e estas, pelos veios da infiltração, vão desfazendo as rondas tradicionais e características dos agrupamentos e dos seus costumes, alterando no etnográfico e folclórico, de radículas primárias e de origem, o que modernamente se vai integrando, sem limites nem distinções, nos múltiplos aspectos, sistemas e estudos das geografias humanas, políticas, sociológicas e económicas. E vieram, por seu lado, os assustadores avanços progressivos e produtivos, que acarretam uma super-abundância de artigos industriais, em desmedida com os celeiros agrícolas, que não abastecem suficientemente as localidades mais ricas de população e labor fabril, onde abundam os fabriquiteiros e falham os lavradores.

Como o nosso propósito não é dissertar, e já que não temos o ousio de cometer o avanço para um estudo de conjunto sobre o panorama das Exposições realizadas até hoje, no País e no Estrangeiro, estudo que só poderá fazer-se, mais certo e melhor, quando todas as cidades e vilas tenham os valores da sua indústria e da sua agricultura inventariados pela ordem dos certâmens a que concorreram, e dos proveitos e vantagens que adquiriram e dos progres-

soos que avolumaram, como não temos e tememos esse arriscado ousio, baixaremos de pendão para história mais singela, da nossa própria casa, mais à beira do que fizemos ou do que fizeram os representantes da indústria local e agrícola.

É que para um estudo de expressão e de formação, teríamos de saber, pelo menos, quando se realizaram as primeiras Exposições Portuguesas, e todas as demais que lhes sucederam.

Este seria o ponto de partida, e depois, de afor diante, seguir todos os mapas de inventário expositivo, todos os sentidos do comércio, todos os factos de valorização e de actividade, operados dentro das instituições e dos estabelecimentos de produção das localidades, e todos os preceitos e sentimentos da expansão das artes e das indústrias menores, caseiras e populares.

Quantas coisas se expuseram, sobretudo do rudimentar labor manual e das artes familiares, de grandeza artística pela intuição, pela paciência e pelo impecável acabamento, hoje decadentes, esquecidas ou mortas, em objectos de filigrana, de linha, de sola, ex-votos em cera, em arranjos indumentários, em apeirias da lavoira e trastarias diversas de diversas serventias!

Mas quando foi, então, que se arvorou e realizou o primeiro acontecimento português de Exposição, de natureza e factores comerciais e históricos, com as estimativas dos nossos valores sociais e produtivos?

Mercantilizadas eram as exposições que se faziam em Lisboa, das especiarias chegadas da Índia, e das maravilhas preciosas com que as naus vinham abarrotadas, para o sôfrego comerciar dos mercados internacionais, que infestavam então os nossos portos de mar, num tráfego de ganância e de ganhuça.

Associavam uma variada interpenetração de influências arribadas, estas exposições de feira, que nos levavam mais de riquezas do que nos deixavam de lucros.

Mas iniciar-se iam assim, deste modo e desde quinhentos, áurea de rotas marítimas de fertilidade, de mercadores e de embarcações, as primeiras tentativas de exposição comercial, para uma generalizada

perspectiva de levar longe o conhecimento de todos os nossos aspectos e recursos nacionais e coloniais?

Eram produtos exóticos, desconhecidos, invejados, postos em avantajadas Exposições de mercado público, condições favoráveis para todas as aproximações de negócio e estabilidades económicas. Para vender, é preciso expor.

Todas as feiras da idade-média, de resto, que se realizavam com a permanência de vários dias e se efectuavam duas, três e quatro vezes por ano, segundo a importância, o afastamento ou as necessidades de cada povoação, e gozavam de muitas seguranças, isenções, garantias e mercês régias, eram já um elemento famoso de certâmen mercantil, onde se expunha o que se produzia e o que se reunia de outras paragens distantes, e era elementar ao sustento, ao vestuário e às laborações domésticas e agrícolas.

«Constituíam, segundo H. Pirenne, as feiras, o ponto de reunião periódica de mercados de profissão. Eram centros de troca por grosso, onde se procurava atrair, fora de qualquer consideração local, o maior número de homens e de produtos. Podem comparar-se a uma espécie de exposições universais, porque elas não excluem nada nem ninguém.»

O mercado tem apenas uma influência local ou regional ». (1)

(1) *Subsídios para o estudo das Feiras Medievais Portuguesas*, por Virginia Rau.

— D. Afonso III, por carta de 16 de Maio de 1258, mandou fazer feira no seu castelo de Guimarães, quatro vezes por ano, em meados de Dezembro, de Março, de Junho e de Setembro, devendo durar de cada vez, quatro dias. Garantia a carta régia segurança e isenção de penhora por qualquer dívida a todos que a ela concorressem, quer para vender quer para comprar. Todo aquele que causasse dano aos homens que viessem à feira pagaria mil morabitinos e em dobro aquilo que tivesse tirado ao seu dono.

Os produtos e mercadorias que deviam pagar portagem eram muitos e variados: panos de cor e de Segóvia, picotes, bureis, manta galega, panos de linho, bragal, feltro, vestuário de homens e de mulher — capotes, capas de pano de cor, saios, guarnacha, peles de cordeiro, de cabrito, couros vacaris cur-

Criaram-se e vieram depois as Feiras-francas, de comércio a prazo e gado sortido, em raças de trabalho, de engorda e de matança, que se estenderam por todo o País, sob a invocação dos Santos mais simbólicos e publicanos de cada região: Feira-franca de S.^{to} Amaro, de S. Gualter, em Guimarães, de S. Mateus, em Viseu, de S. Miguel, em Cabeceiras, etc., etc.

E vieram, em virtude do incremento populacional e das condições económicas das regiões, que quanto mais agrária e industrialmente produziam, mais consumiam dos variados produtos que lhes eram escassos, e só podiam ser fornecidos pelo tráfego dos ambulantes e dos mercadores feirantes. Estas feiras já tinham mais directa interferência de jurisdição Concelhia, manobrando sob as leis de formação régia, mas condicionadas aos regimentos Camarários.

Voltemos, porém, a carrilar o assunto, depois deste pequeno desvio, que de certo modo também é história integrada no valor social dos mercados, das feiras e das exposições.

Com aquele carácter permanente e oficial, em arranjo de mostruários e especificação de produtos

tidos e verdes, cera, pimenta, sal, ferraduras, peças de ferro, aço, sardinhas, congros secos, pescadas frescas e secas, gado — bois, vacas, porcos, cavalos e éguas, rocins, poldros, mulas, — e escravos mouros.

Não pagavam portagem os carneiros, as ovelhas e as cabras e os alhos pagavam por cada carga de cavalo duas réstias. Os vizinhos e moradores de Guimarães eram escusados de darem portagem, mas estes últimos eram obrigados a levar os seus produtos à feira do Castelo, e durante os quatro dias que ela durava não era permitido vender na vila coisa alguma, excepto vinhos das cubas de Guimarães, mas não vinho de trebelhos nem de «carreto».

Pairando acima do vulgo, a nobreza e o clero nada pagavam quando na feira comprassem panos «pro ad suum corpus», mas os bufões que armavam as suas tendas na feira, ou vendiam andando de um lado para o outro, tinham de pagar respectivamente três dinheiros ou três mealhas.

— D. Afonso V concede a Guimarães outra feira franqueada, de 7 de Agosto até dezassete dias seguintes do dito mês (Ver *Feiras Medievais Portuguesas*, por Virginia Rau, pág. 49, e *Romagem dos Séculos*, por Eduardo de Almeida).

essencialmente de laboração nacional, portugueses, e de abundante feição progressiva, querem alguns devotados curiosos das velharias e das efemérides, que a primeira Exposição Industrial Portuguesa se realizasse na pequena vila de Oeiras, no ano de 1775.

Esta mesma se intitulava e foi, de facto, pelos resultados práticos e intenções que presidiram à sua realização, uma *Feira-Exposição*.

Teria-a promovido o Marquês de Pombal, que ordenou fossem intimados todos os donos de fábricas e oficinas a expor em barracas os produtos que manufacturavam, para obsequiar e surpreender El-Rei D. José, na ocasião de Sua Magestade ir habitar naquela vila, para fazer uso dos banhos no Estoril, e demonstrar-lhe em verdadeiro e minucioso quadro, os resultados práticos das sábias reformas empreendidas no seu reinado. Que se teria realizado, aventam outros, nas lojas, que estavam repletas de objectos variados adquiridos e comprados todos eles dentro do País. A corte teria percorrido a Exposição durante três dias sucessivos, comprando grande número de artefactos.

Ainda segundo outros, a primeira Exposição de indústria nacional, inaugurou-se no dia 6 de Junho de 1775, por ordem do mesmo Marquês, em tendas ou barracas singelas, em torno da grande Praça do Comércio, e pelas ruas da cidade baixa até ao Rossio.

Foi, pois, Portugal, a Nação onde a ideia duma Exposição Industrial teve a sua primeira realização.

Em França, só em 1798, o Directório fez organizar a primeira Exposição francesa, e a Itália, em 1803, na cidade de Milão. ⁽¹⁾

A Sociedade Promotora da Indústria Nacional, bem cedo abriu, num começo renovador de política económica, em 1838, uma Exposição pública de produtos industriais, no edificio da sua sede, em Lisboa, na Calçada do Combro.

(1) Ver «Religião e Pátria», de 24-2-1864 e *O Labor da Grei*, 1923, e «O Occidente» revista ilustrada, vol. IV, n.º 101 de 11-10-1801.

A terceira Exposição realizou-se em 1840, em Lisboa, no edificio dos Paulistas, seguida de outra em 1844. (1)

Teve depois a sua vez o Porto, com Exposições realizadas em 1857, 1860 e em 1865, esta de carácter internacional, e por esse facto a mais importante e concorrida, visto que tinha mais amplas directrizes para o agasalhar de todas as variedades que as legiões dos expositores nela depositassem.

Depois começaram a generalizar-se, numa variedade de condições, de registos e de reportórios: Concelhias, Locais ou Distritais, e sob aspectos especializados ou de conjunto, entre as classificações Industriais, Agrícolas, Etnográficas, de Arte ornamental ou popular, Bibliográficas, etc.

Guimarães foi a primeira terra portuguesa que organizou a primeira Exposição Industrial Concelhia, em 1884.

Em dois grupos diferentes, mas demonstrativos do património artístico e científico e dos recursos industriais e agrícolas, temos de colocar a representação levada por Guimarães aos esplendores das Exposições organizadas em terras portuguesas:

O primeiro grupo, de procedência artística e arqueológica, formando no conjunto das peças de influxo primitivo, e das curiosidades preciosas da fábrica das confrarias e das igrejas, uma teoria documental esfiada em lições, e o segundo grupo, de procedência agrária e industrial, mantido pelos artigos e produtos da intensa combinação da técnica e dos esforços, lição moral de disciplina e de trabalho.

Todas estas essências e espécimes de exposição, prestigiosamente salutarés do ponto de vista

(1) «Já se podem extrair dados comparativos e tirar conclusões.

A Exposição de 1838 concorreram 46 fabricantes e artistas com as suas manufacturas, à do ano de 1840 concorrem apenas 36, mas na de 1844 já aparecem 134 fabricantes, artistas e curiosos, com cerca de 2.000 artefactos, que são vistos por mais de 60.000 pessoas». (*Poupar é um bem?* — Conferência realizada em 13 de Agosto de 1953 na Sociedade M. Sarmento, por António Luís Gomes).

educativo, discorriam, só por si e em presença, pelas impressões, pelos testemunhos directos, pelo explicar dos princípios e das origens, discorriam, só por si, pensamentos e conhecimentos de compreensão, entre o que de material se movimenta nas séries da vida e do trabalho, e o que de espiritual revela a formação intelectual e artística, pelos lídimos valores da produção.

As principais espécies de arqueologia pré-histórica e as artísticas, estas ligadas ao culto e à história de Nossa Senhora da Oliveira, e aquelas às origens clássicas do passado, que andaram honrosa e culturalmente a espalhar o nome da nossa terra por essas Exposições portuguesas, ostentam-se agora, agasalhadamente protegidas e estimadas, nos escrínios de Arte que são os Museus de Martins Sarmiento e Regional de Alberto Sampaio.

Não cirandaram lá por fora, preciso é dizer-se, todas as gemas flamantes e reais do nosso património artístico, arqueológico e histórico.

Umas, andavam dispersas, outras, dormiam abafadamente desconhecidas, e as melhores correriam o risco, sempre provável, nas andanças dos certames de exposição, de qualquer avaria ou contingência de irremediável extravio.

Os particulares, as Confrarias, a Colegiada, e sobretudo a Sociedade Martins Sarmiento, não se fizeram representar na total riqueza que possuíam.

Foram em imagens fotográficas, as peças de mais nomeada, e os monumentos arqueológicos de mais saliente realce, pela dificuldade da sua representação em espécie.

Nem tudo podia ter ido, ora pois.

Foram os objectos, voltaram os objectos. Mas muitos, de pertença individual, sobretudo, e valiosos eram, de facto, (jóias, pinturas e pratas) desandaram para a almoeda, e para os escaninhos dos adventícios coleccionadores.

Lamentou-se, quando da Exposição de 1883, realizada no Porto, que a ourivesaria moderna dessa época, de carácter e feição locais, não se tivesse representado, para o avaliar do seu incremento, sob o ponto de vista artístico, e estabelecer paridade en-

tre o antigo e o moderno, no campo das realizações técnicas da execução e das manifestações criadoras e inventivas. Guimarães, na sua Exposição Concelhia de 1884 não apresentou muito, em ourivesaria moderna, mas esteve presente com nove expositores (de Guimarães, S. Torcato e Castelões) na viva representação de diversos objectos, entre pulseiras, adereços, anéis, argolas, alfinetes, brincos, broches, faqueiros, colares, estrelas, medalhões, cruzes, contas, etc. (1).

A maioria era figurada em objectos de filigrana, demais porque filigraneiros e lapidários existiam por essa altura, e bons, dentro dos muros desta velha terra, embora em sombra apagadiça se recordem hoje os seus amanhos primorosos na ductilidade do ouro (2).

E se Guimarães, em 1883, se fizesse representar no Porto, nesta modalidade da arte ouriveseira, por certo faria boa figura na ocupação do seu lugar.

As Exposições que se iam realizando pelo País e pelo Estrangeiro, levedaram, porém, o fermento impulsionador das energias colectivas e dos brios locais, e tanto assim, que passante pouco tempo das primeiras, de tendências operosas e progressivas, na imprensa vimaranense, bons pioneiros e magníficos escritores, principiaram a defender a ideia, com decisão e entusiasmo, de se levar a cabo em Guimarães, uma Exposição Concelhia, que mostrasse claramente ao País, todo o valor da sua realidade industrial, e toda a riqueza da sua laboração múltipla e variada.

Da Sociedade Martins Sarmiento saiu um dia a iniciativa, logo acalentada pelo fervor bairrista do seu principal orientador, o fecundo homem de ciência e Historiador insigne que se chamou Alberto Sampaio.

(1) *Relatório da Exposição Industrial de Guimarães em 1884*, pág. 100.

(2) Guimarães foi, até um tempo muito recente, um dos mais operosos centros da arte de ourivesaria em Portugal. (*Exposição de Arte Sacra Ornamental*, por Ramalho Ortigão, Lisboa, 1895, pág. 37).

E em 1884, ali no Palacete de Vila-Flor, abriu e raiou, festivamente, a primeira Exposição Concelhia de Guimarães, e a primeira assim efectuada, com estas características de nobreza geográfica e industrial, dentro do País.

Mais tarde, em 1910, organizou-se, em dois pavilhões adrede preparados, no Terreiro de S. Francisco, hoje Largo 28 de Maio, e por iniciativa da Associação Comercial, um mostruário das Indústrias de Guimarães e dos produtos agrícolas lavoiados no Concelho. João Gualdino Pereira foi a alma desta concorrência de vitalidades obreiras.

Em Agosto de 1923, a Associação Comercial voltou a abrir, mas então de par em par, com grandeza e estrondosamente, no edifício da Escola Industrial Francisco de Holanda, a maravilhosa e para sempre memorável Exposição Industrial e Agrícola Concelhia, que teve como seus principais fomentadores o estrênuo baírrista Francisco Martins e o aliciante e empreendedor espírito de João Rodrigues Loureiro (1).

Nesta última Exposição, grito de alegria e de trabalho, as formosas e duplamente valiosas indústrias caseiras do Concelho de Guimarães, fizeram-se representar largamente, pela primeira vez, num atestado flagrante de oportunidade e de vibração artística, como que mostrando aos interesses colectivos e humanos, a sua útil e irradiante vantagem de particularidades e apreços familiares, que dentro da economia, em grau estimativo, tais indústrias representam para as populações dos lares remediados e humildes (2).

Com as três Exposições Concelhias, Guimarães deu a conhecer, socialmente, numa verificação de factos e afirmações, os voluntariosos predomínios, que sem intercurso de desvirtuação ou abatimento fraquejante, vinham de séculos, das profundas condições estruturais, e parcelares tarefas duma existên-

(1) *O Labor da Grei* — Publicação comemorativa da Exposição.

(2) Ver o artigo de Alberto Vieira Braga — *Indústrias caseiras*, publicado em *O Labor da Grei*, pág. 130 e segts.

cia providoura de colonos, rendeiros, e homens dos ofícios, que enriqueciam administrativamente a régia função dos Coutos, dos Reguengos, das Comendas e as senhoriais nobrezas das Ordens, dos Cabidos, dos Fidalgos e das associações municipais.

*

Um parágrafo de estilo determinado e especial se impõe agora, como remate, sabido que a indústria do linho e fio de linha gozou de primordial importância entre nós (1). Foi a nossa riqueza máxima, atingindo a sua exportação para Espanha e Brasil, somas fabulosas, que anafaram de bens os mercadores mais representativos do velho burgo vimaranense de outras eras.

De maneira que nunca pode ser levado à conta de soberba ou inferioridade, o constante recordar do áureo esplendor dos trabalhos caseiros executados a fio de linha, canseirosos e hoje postergados, desde que algumas achegas se tragam para firmar e consolidar os seus antigos créditos.

Do fio de linha derivou entre nós uma afamada e esmerada educação de arte doméstica, com influências preponderantes nas internadas dos recolhimentos, sobretudo no das Dominicás, esclarecidas freiras que concorriam com todas as mais bizarras e fantasiosas concepções, delineadas primorosamente com o linho que preparavam e fiapavam no mais doce cuidado de místicas fadas, às Exposições que se realizavam, sabendo de antemão que o seu especioso engenho, não tinha paridade nem rival no mundo das representações originais.

Francisco Martins, em *O Labor da Grei*, aborda umas considerações muito apreciáveis, que são oportunas, pelo grande volume que a indústria mecanizada dos linhos, em geral, tomou entre nós, desde 1923.

(1) Os novelos da linha de Guimarães eram muito empregados no fabrico de rendas de Peniche, Algarve, Viana do Castelo e outras localidades. («O Occidente» revista ilustrada, vol. X, n.º 320 de 11-11-1887).

Integram-se, todavia, pela feição documental, naqueles tempos de notável predomínio da indústria que maior nome deu a Guimarães.

«E diz: «O desenvolvimento da indústria algodoeira tomou tal incremento em todo o concelho,



Estojo de barba. Todos os utensílios e a própria caixa, são executados a fio de linha. É um trabalho de paciência das freiras do convento de S.ta Rosa de Lima.

(Do museu da Soc. M. Sarmento)

que quase subverteu a de linha e tecidos de linho, que desde séculos constituía a parte nobre de trabalho da população vimaranense e de grande reputação em todo o país. Não obstante essa desoladora decadência dos tecidos e cultura do linho da terra,

ainda as nossas fábricas, empregando o linho estrangeiro, são as abastecedoras dos mercados do país e de bastante exportação para o Brasil.

A fição e tecelagem de linho era memorável e florescentíssima já no século XII.

A fição de linho e a sua doba, tiveram um lugar distinto nos trabalhos femininos, pois todas as famílias se entregavam a esse tradicional e útil labor, e não era raro ver-se uma senhora da nossa melhor nobreza nos seus luxuosos aposentos sentada em lindo tamborete, fiando linho de finíssimas e longas fibras, em linda roca de marfim com fuso de prata ou ponta de ouro fino; ou dobando em elegantes e delicadas parábolas, adornadas de caprichosos desenhos ».

Não precisamos de transcrever o mais que em poesia e louvor, Francisco Martins teceu à volta da encantada nobreza das nossas fidalgas e senhoris linheiras das épocas já despedaçadas e mortas.

É que se vê, e nota-se, pela observação e concretização dos factos e das origens de tal indústria, e pelo estudo crítico que a boa história local nos apresenta, que os trabalhos em fio de linha, entraram noutros tempos de mais recolhida concentração familiar, numa esplendente renovação estética dentro do cenário e do ambiente vimaranense, por uma influência do meio e do especializado arranjo do linho, em todas as fases delicadas da sua preparação. Depois havia certas relações entre o patriarcado viver e os sentimentos íntimos de sociabilidade caseira, apêgos gavinados duma expressividade romântica, que encaminhavam a ternura feminina para a confecção de todos os variados motivos ornamentais e bizarros, executados em linha enrespada ou corredia.

E assim, conservando em princípio, uma tradição regional, dilatando a vida no afã da cultura económica e da ciência do arranjo e do proveito, sem manual, nem escola, se tornaram muitas donas de casa e muita constância de filhas casadoiras ou saudosistas das virtudes freiráticas, com todas as regras da prática e da assimilação, herdeiras duma técnica estabelecida e expansiva, sob as leis do ambiente e do meio.

Era dantes, pelo que se vê, artisticamente apreciada, toda a fantasia de filigranas e bordados, e era

moda, nas salas e nos pátios dos solares, ter objectos de ornato, finamente lançados e executados a fio de linha, como fossem os ramos, os toucadores, os estojos, as capelinhas, ou a mais variada representação da natureza, em geométricos jardins, rebanhos com os seus pastores, aves, ninhos, plantas, flores e corações em



*Corbelha com flores e frutos de cera,
trabalho delicado das freiras do convento
de S.^{ta} Rosa de Lima.*

(Do museu da Soc. M. Sarmento)

fofas nuvens, no resguardo de caixinhas de presente, para noivos e namorados. Uma imaginária sem limites. Depois, pelo estilo novo e singular duma arte tão esmeradamente apresentada em delicadeza de arranjo e de engenho, um grande comércio se fazia daqueles ornatos de mimo orientalista, obrados como que em sonho com palácios e príncipes encantados, com castelos de reis e de mouros.

E o comércio era largo, para todo o país, para o Brasil e para Inglaterra.

Desta arte doméstica, executada em Guimarães por todas as senhoras de aprimorados dotes e pelas que se entregavam à devoção dos recolhimentos, saíam verdadeiras obras primas, exímios bordados e rendas de bom gosto e de finíssimo recorte (1).

Todos estes trabalhos eram largamente influenciados pelos usos tradicionais e pelo gosto de uma época de espiritual convívio entre as sociedades familiares, que seguindo os ensinamentos do evangelho burguês, se acamaravam e se reuniam pelos sentimentos educativos e do coração, nobres predicados de quem sabia receber, sociar, divertir-se, educar-se e oferecer os seus cuidados às artes domésticas e dignificadoras, e os seus préstimos à caridade, ao bem público, e a todas as iniciativas e sucessos patrióticos.

Para se avaliar um pouco desta engenhosa arte, honrosamente doméstica, de que se orgulhavam as distintas damas vimaranenses, precisamos de trazer ao conhecimento dos tempos de hoje, algumas curiosidades das exposições particulares que se faziam, quando os presentes que as damas ofereciam para fins beneficentes, tinham a sua elevação artística.

E eram sempre realizadas em palacetes nobres, num ambiente de asseio e de respeito.

Em Maio de 1863, a exposição das prendas oferecidas para o leilão que se realizaria em benefício do Asilo de S.^{ta} Estefânia, efectuou-se no palacete do Fidalgo do Toural.

Era uma magnífica colecção de 400 prendas, que no dizer do noticiarista, podiam figurar com

(1) Em 29-12-1884, numa das salas do palacete do Dr. Francisco Martins Sarmento, abre-se a escola de aprendizagem da renda de linha, assistindo ao acto a comissão de damas vimaranenses, a cuja iniciativa e cuidado era devido este cometimento à Sociedade Martins Sarmento.

— Da representação destes entremeios e labores femininos nas Exposições vimaranenses, ver o *Relatório da Exposição Industrial de Guimarães, em 1884*, págs. 96, 97, e 102 a 109, e *Guimarães O Labor da Grei*, publicação comemorativa da Exposição de 1923, págs. 203 e 204.

muita distinção e muita honra em qualquer das principais cidades do reino e até no estrangeiro. Verdadeiras perfeições artísticas em *crochet*, bordados a lã, trabalhos em sola e objectos de linha, entre os quais sobressaíam uma taça, com almofada, coroa e cetro real, e um estojo completo de costura, um quadro com um ramo de flores — alto relevo a bico de alfinete, em papel, etc. etc.



*Coração e flores executados a fio de linha.
Trabalho mimoso das freiras do con-
vento de S.ª Rosa de Lima.*

(Col. particular)

Em Junho de 1864, as prendas oferecidas para o leilão a favor do Hospital de Beneficência do Rio de Janeiro, foram postas em exposição no palacete de Vila Pouca: Cobertas de linho, bordadas; quadros bordados a canotilho; lenços de linho e de cambraia, bordados; um limoeiro feito de linha; quadros bordados a missanga; um quadro com um violão, entrelaçado de flores bordadas em cera; um ramo de conchas; uma caixa com dois corações, feitos de linha; um paliteiro de linha e um quadro com uma palmeira bordada a cadornilho e missanga, em cor, etc., etc.

Museus-Exposições

Agora, em tom mais ameno e particular, e aqui para nós, que ninguém nos ouve.

Todos perdoarão a insignificância dumas considerações que batalham cá no nosso fraco entender, e que embora possam ser julgadas de arrojo, nem por isso desmerecem pelos intuitos de carinho e prestança de louvor, ao comum dos servidores mais úteis, mais modestos e humildes.

Reputamos de considerável e objectivo interesse, a protecção que se possa dispensar às singulares manifestações da cultura e das artes menores e populares de cada região, dentro das necessidades de cada agrupamento ou classe.

Tudo quanto por elas se faça, terá fins e reflexos de importância para a economia doméstica e geral.

Em muitas das nossas freguesias, verdes e doirados centros de abastança, de produção cerealífera igual e comum, onde as vinhas, as latadas e os batatais superam, em inviolável domínio, os olivais, os linhais e a criação do noviço bravio, em pinheiros, sobreiros, carvalhos e castanheiros, árvores que mingnam assustadoramente pelo desvasto desmedido, feito numa rasoira de ceifa, em muitas das nossas freguesias, existem pequenas e modestas indústrias rurais, depauperadas ou adormecidas umas, e outras limitadas a uma heráldica de tradição, com o mercado restrito das feiras, que as vai sustentando.

Podiam, algumas, manter a noção de atractivo e desenvolvimento regional, podiam as demais, merecer uma ajuda que economicamente as defendesse e fizesse sair das particularidades dos mourejos pessoais e das tutelas de tarefa, condicionadas pelos ajustadores fabricantes e armazenistas.

Há, porém, adentro dos destinos de vida destes labores manuais e domésticos das pequenas indústrias, certos fenómenos distintos que não deixam sair essas indústrias pobres, do estagnamento da produção e dos movimentos, e são eles, os mais latentes e observados, de ordem psicológica e habitual escassez de trabalho.

Pela escassez de trabalho, permanecem quase à míngua, os preguiçosos, os fogueteiros, as manteiras de farrapos, as mulheres dos chapéus de palha e múltiplas variedades de sacas e saquinhas bordadas a lã, as bordadeiras e as tecedeiras manuais dos linhos e bragais caseiros, e as de tarefa, que montavam os órgãos dos seus rudes teares, com as teias dos riscados de colchão, panos brancos de algodão, e cotins de caninhas, etc. etc.

Na inteligência, porém, dos artifices rurais mais adestrados na distinção dos exclusivos manejos dos seus ofícios, movem-se um instinto de ruminância e um tipo de psicologia apercebível, que os leva a fecharem-se com a utilidade das suas virtudes de trabalho especializado, e por mórbida tendência, sòmente cuidam do individual proveito que colhem, e como defesa da sua arte ou da sua habilidade, atraçoam, pela tacanhez ou pela usura, as prosperidades mais largas que se poderiam extrair do amplo desenvolvimento das suas profissões.

Este velho andaço psicológico, temos nós verificado nos jugueiros, fuseiros, roqueiros, fazedores de coroças, espadelas, espadeladoiros, canudos para caçar toupeiras, paus de socos, aros de peneira, colheres de pau, emboladeiras ou escudelas de pau, pandeiros, tambores, cavaquinhos, cofeiros, (fabricantes de cofos), seireiros, (fabricantes de seiras para os moinhos de azeite), cerieiros de ex-votos, e cesteiros de obra fina, em vime e zangarinho, etc. (1).

Propagaram-se, porém, de um modo mais intenso, as exposições de carácter industrial e agrícola, desde que no Palácio de Cristal do Porto se abriu, em 1865, a celebrada exposição internacional. Este certame despertou, de certo modo, a emulação e as energias das sociedades constituídas e formadas

(1) Quase todas estas pequenas artes e indústrias estiveram dignamente representadas na Exposição Industrial e Agrícola Concelhia de Guimarães, em 1923. (Ver *O Labor da Grei*, pág. 130 e segts.).

Na Exposição de 1953, pouco e mal se lobrigaram, o que constituiu grande falta.

em ramos de classe, e fez com que as terras mais elevadas em brios e responsabilidades, principiassem a revelar as suas sementeiras económicas e comerciais. E de mistura lá iam aparecendo também as exposições educativas, estabelecendo-se verdadeiros torneios documentais de muitas e consideradas actividades de valor artístico, agrícola, industrial e caseiro, que andavam ignoradas e dispersivas. Concordamos, pois, que estas paradas do foro progressivo das ciências técnicas, industriais e agrícolas, se realizem de muito longe em muito longe, consoante o aperfeiçoamento gradual dos ensinamentos, das maquinarias aplicadas, e do uso inovado das matérias primas.

Como também somos de parecer, que as exposições de especialização regional e popular e as que se moldam a todas as manifestações etnográficas, folclóricas, artísticas, iconográficas e bibliográficas, sejam realizadas de pouco tempo em pouco tempo, e constituam um número de programa em todas as festas civilizadoras, pelo alto significado de estudo, de educação e de comparação que representam, pois formam, dentro da ciência e da história, a maior lição cultural para todos os espíritos, e assim não se dirá nem apontará, sobretudo, que somos *estranhos nas cousas da casa, e peregrinamos na própria pátria.*

Mas que é que fica, em boa verdade, do conjunto integral duma exposição, a marcar positivamente, pelos tempos fora, o movimento colectivo duma terra, nas suas afirmações criadoras de labor industrial e agrícola, se desaparecem de pronto, como as cores polvilhadas do arco-íris, as imagens vivas de todas as riquezas que se viram, e de todos os primores que se admiraram, e não mais, em fixidez permanente se pode ver, o muito que poderia ficar a ver-se?

Queremos nós dizer, em subentendimento, que duma exposição, campo de sementeira abundosa e factor social de valor económico, e sobretudo neste correr dos tempos modernos, progressivos e acelerados, devia brotar, em ramificação frutuosa, um museu, factor cultural, de valor educativo.

Lá por fora, cá dentro, tem-se de onde a onde verificado esta vantagem de organização, pelo fundamento histórico que representa para as localidades um museu, lição sempre aberta e públicamente facultada, desde que nele se patenteiem, pelo menos, todos os recursos tangíveis dessas localidades, e a mais os da sua indústria e os de laboração caseira, juntamente com todos os documentos e imagens de rigoroso carácter tradicional, que são por si e em essência, a melhor e mais encarnada parcela da etnografia, fonte principal dos estudos populacionais e territoriais.

Verificou-se este inteligente conhecimento, em particulares ou gerais condições de afirmação e realização, na Póvoa de Varzim, Lisboa e no Porto, criando esta cidade, depois da Exposição etnográfica do Douro Litoral, realizada no Palácio de Cristal em Setembro de 1940, com o maior lote das indústrias caseiras ali expostas, um grandioso Museu Provincial, acrescido de muitos artefactos similares e artísticos, que se envolvem na graça de todas as criações populares, e dão vulto, pela expressão, à matéria complementar que abrange em larga escala a ciência etnográfica (1).

(1) Este conhecimento de utilidade, demais, já vem de longe.

Um decreto de 24-12-1883, criou, em visão de largo alcance, dois Museus Industriais e Comerciais, um com sede em Lisboa e outro no Porto. Cada museu tinha duas secções, industrial e comercial, e cada secção dividia-se em duas sub-secções, nacional e estrangeira.

Os museus tinham por fim proporcionar instrução prática pela exposição dos variados produtos, e prestar um serviço mais directo a fabricantes e consumidores.

Além da sua índole especial, teriam natureza de exposições permanentes. Cada um dos museus abria uma secção especial regional que seria constituída:

Para o museu de Lisboa, pelos distritos de Faro, Beja, Évora, Portalegre, Santarém, Leiria, Castelo Branco e Ilhas adjacentes.

Para o do Porto, pelos distritos de Viana, Vila Real, Braga, Bragança, Aveiro, Coimbra, Viseu e Guarda.

As direcções dos museus tratariam de coligir, por meio de originais ou reproduções, os objectos necessários para se constituir gradualmente a colecção retrospectiva ou histórica

Esta doutrina de discernimento, porém, não é nova. É de todos os tempos. Surge, pela atenção dos factos, ao pensamento. É intuitiva. Ainda há pouco, quando o Dr. António Luís Gomes realizou uma conferência na Sociedade Martins Sarmento, sob

das ferramentas e utensílios, bem como dos objectos notáveis das indústrias e arte industrial nacional.

Para o fim de reunir as colecções de produtos da pequena indústria e das indústrias caseiras, o Governo ordenaria às autoridades competentes para atenderem os pedidos.

Escolas de desenho seriam estabelecidas no recinto dos mesmos museus, e teriam um carácter de nacionalidade, inspirando-se nos modelos e formas artísticas dos objectos da indústria tradicional e popular.

Junto dos museus se realizariam prelecções e criariam bibliotecas. (Ver o curioso opúsculo *Museus Industriais e Comerciais — Escolas Industriais e Escolas de Desenho Industrial* — Imprensa Nacional, 1884).

— Segundo notas curiosas do Dr. Magalhães Basto, em 1889 foi Joaquim de Vasconcelos nomeado Director de um Museu por ele organizado, que se intitulava «Museu Industrial e Comercial do Porto». Esteve largos anos instalado no antigo Circo do Palácio de Cristal. E Magalhães Basto continua dizendo que era crença profunda do arqueólogo Joaquim de Vasconcelos, que o futuro da Arte Portuguesa está na indústria popular, nas indústrias caseiras, nas indústrias tradicionais do País. Em 1884, enumerando os trabalhos e as conferências sobre as artes industriais, e sobre a história da Arte Peninsular comparada que tinha proferido desde 1878, as Exposições de Indústrias Caseiras e Cerâmica Nacional; Ourivesaria e Joalheria; Tecidos Nacionais, que tinha organizado, e que eram, pelos programas, inteiramente novas, no nosso País, Joaquim de Vasconcelos afirmava ser tudo isso demonstração do valor que ligamos à arte espontânea do operário popular, às suas preciosas disposições naturais, que apenas carecem de uma educação cuidadosa...

Este museu teve a seguinte representação industrial de Guimarães.

João António de Almeida & Irmão: Curtimento e aparelho de couro seco e verde.

Joaquim Martins de Oliveira e Costa: 85 peças de tecidos de linho e algodão (meias, guardanapos, toalhas, lenços, etc.).

José Ferreira de Abreu & Irmão: caixas com amostras de sabão.

Manuel Gonçalves, de S.^{to} Estêvão de Briteiros: colheires de pau.

José Gomes, de S. Clemente de Sande: fusos de diversas madeiras, e mainças metálicas.

Pedro Pereira da Silva Guimarães: 17 volumes com amostras de cotins, de diversos desenhos e cores.

o título, *Poupar é um bem?* rematava a sua primeira parte do descritivo louvor à Exposição Industrial e Agrícola que Guimarães promoveu em 1953, deste jeito:

«E porque não fazéis numa sala desta Sociedade, como no Museu Naval de Estocolmo, um *mappa*

António Ferreira Fernandes, de Serzedelo: 12 amostras de cotins e riscados.

António da Costa Guimarães, Filho & C.^a: 21 amostras de panos de linho.

José Mendes da Cunha: Uma colecção de cutelarias.

Joaquim António da Cunha Guimarães: amostras de cera, de fabrico concelhio.

— 1892. Avelino da Silva Guimarães, como elemento de instrução popular, defendeu a organização de Bibliotecas e Museus ambulantes («Revista de Guimarães», vol. IX, página 166).

É justo salientar que estes antigos pensamentos e critérios, defendidos por vários estadistas, escritores e pensadores de larga visão, de entre os quais citaremos Pombal, Antero de Quental, Bernardino Machado, etc., vão tendo modernamente quem os promova a realizações eficientes e práticas.

Há pouco ainda surgiu a primeira biblioteca itinerante, ou móvel, para servir as populações afastadas dos centros principais, tentativa louvável e auspiciosa realizada em Cascais, pelo Dr. Branquinho da Fonseca.

Pugna-se ainda para que portas adentro das Casas do Povo, sejam criadas bibliotecas populares e museus rurais, onde a representação de todos os usos, trajes e artes domésticas e caseiras de ofício e serventia, se mostre como lição tradicional e educativa.

— Em 1900 foi inaugurado, e manteve-se durante alguns anos, adentro da Sociedade Martins Sarmento, um curioso museu industrial, elaborando-se para esse fim um desenvolvido regulamento. (Ver todos os elementos referentes à criação deste museu, no vol. XVII da «Revista de Guimarães», págs. 39 e 43 a 46).

Neste museu da Sociedade, estavam representados os seguintes industriais: *António da Costa Guimarães, Filho & C.^a*, com tecidos de linho e algodão, destacando-se as colchas e os toalhetes de fantasia, que são obra prima. No Museu Industrial e Comercial de Lisboa, que se encontrava instalado no edifício da Casa Pia, e fora inaugurado em 28 de Julho de 1887, esta firma figurava, segundo a revista ilustrada «O Ocidente», com magníficas manufacturas de linho e alguns novelos de linha, muito empregada no fabrico de rendas de Peniche, Algarve, Viana, e outras localidades.

Fábrica a vapor de tecidos de linho de Guimarães, com tecidos de linho e algodão, sobressaindo os toalhetes adamas-

mundi iluminado, de grandes dimensões, tendo anexo um quadro representativo das produções desta terra para consumo local, para fora da região e para o estrangeiro, para se aquilatar facilmente da vossa capacidade?

cados e turcos de grande variedade e colorido, e o fino tecido de linha.

J. T. d'Abreu & C.^a, tecidos de linho e algodão.

Fábrica de tecelagem manual, de José de Freitas Costa Soares, com tecidos de linho e algodão, destacando-se uma colecção formosíssima de riscados.

Fábrica de tecidos mecânicos e manuais, de Francisco Inácio da Cunha Guimarães, com uma distinta colecção de riscados, toalhas, colchas, etc.

Tinturaria e Estampagem a Vapor, de Alexandre José Rodrigues, Pevidem, com um grupo completo de meadas de algodão, tinto em várias cores, e alguns riscados.

Fábrica de tecidos de S. João Baptista de Gondar, de Joaquim da Costa Vaz Vieira, com um grupo variado de cotins.

Chapelaria Progresso, de Francisco Agostinho Cardoso de Lemos, com uma colecção de chapéus, merecendo especialização os modelos *Martins Sarmiento*, *Tomás Ribeiro*, *João Franco*, *Boer*, etc.

Fábrica de tecidos de malha, de Gouveia & Lima, com uma colecção de camisolas, ceroulas, meias e malhas de lã e algodão.

Fábrica de curtumes, de Almeida & Irmão, com vitelas pretas de flor e brancas de carnoz, atañados, etc.

João José Gomes, expõe lóros para seleiros.

Manuel Luís Correia, expõe bezerro seco de Montevidéu, vitela verde com pós e sem pós.

Oficinas de Marcenaria, de João de Sousa Neves.

Oficinas de calçado, de Francisco de Oliveira, com calçado fino e grosso.

As irmãs hospitaleiras do Asilo de Santos Passos, expõem um ramilhetes formosíssimo; as da *Santa Casa da Misericórdia*, vasos de cravos e camélias; que são uma obra prima de imitação.

Portugal, fábrica a vapor, Madroa, pentes de chifre, unha e celuloide.

Eduardo da Silva Guimarães, trigo, mistura e milho.

José da Costa Carneiro, trigo, doces, e pão francês.

Fábrica de pão de ló, de Ribeiro Varandas, pão de ló e doces cobertos.

Ferragens: Cunha & C.^a, Gervásio António Pinto, Manuel Lopes de Araújo Guimarães e José António Ferreira da Cunha

Outro exemplo vos sugiro: o do Museu de Munique, em que se vê a evolução da manufactura dos diferentes produtos industriais, desde as matérias-primas: vidro, louças, minerais, barcos, tecidos...

Aliás estes exemplos de fora já foram realizados em Portugal mercê da legislação pombalina, que criou os Museus Regionais para elucidação e aprendizagem das indústrias locais.

Não seria possível que cada grupo de industriais afins preparasse uma demonstração deste tipo e com todas juntas se fizesse um Museu?

Em todos os espíritos prevalece sempre a ideia dos museus, mais úteis e práticos, sobremaneira, do que as fugídias exposições.

Demais, já existiu na Sociedade Martins Sarmiento um museu industrial, que foi inaugurado em 1900. Ver a (nota 1) onde desenvolvemos este empreendimento, que por ter sido mal organizado e pobremente distribuído por acanhadas dependências, poucos anos teve de existência.

Um museu mostra-nos rigorosamente, todas as vantagens positivas do permanente e movimentado prestígio local, quer nos sentimentos da forma, quer na relação dos elementos e das utilidades práticas. As actividades da casa e da lavoira, de demudadas particularidades de região para região, só pelos instrumentos e pelos registos, pelos trajos, pelos arranjos, pelos hábitos, pelos trastes e pelos fios da roca e do tear e pela boca do forno e da lareira, nos falam melhor da existência de todo o culto do amor e tradições de trabalho. E assim, dentro da função geral de todo este organismo interpretativo, forçoso seria dividir o corpo material do corpo espiritual, obtendo-se por este jeito as veias radicadas

expõem — tesouras, algumas de grande valor artístico, talheres, navalhas, foices, esporas, martelos, facas de cozinha, etc. *Companhia de Fiação e Tecidos de Guimarães*, expõe o fio nas diversas fases.

A safda, no escadório, vê-se a exposição de tanoaria, de Eduardo da Silva Guimarães e a de Marques & Irmão.

Fundição de Guimarães, de José Mendes de Castro, dois arados mecânicos. («O Comércio de Guimarães», de 20 de Março de 1900).

dos costumes, as tramas características, das indústrias e das artes populares, e o sangue corredio de toda a história folclórica e da crença e de todas as práticas das abusões.

Deste modo e maneira, o culto histórico e costumeiro das populações rurais saltaria documentadamente afirmado no arranjo ainda hoje primitivo, mas doce, maneirinho e gracioso, das suas indústrias caseiras e habilidades regionais: nos trajos, no mobiliário, nas apeiras e objectos de uso diário, nos votos de romaria, nos instrumentos de festada, nos arcos de arraial, nos andores das procissões, no fogo preso das rijas festanças, na iluminação, na alimentação, nas doçarias, nas diversões, nos divertimentos infantis, etc., etc.

De onde se aferem e arrecadam todos os conhecimentos morais, artísticos, religiosos e de produção afectiva e utilitária do nosso povo, senão em tudo aquilo que directamente observamos nas feiras, nas romarias, nas rifas, nos adros, nas fontes, nos carvalhais e nos serões?

E por este caminhar de ideias, e alta visão dos princípios modernos, práticos e acessíveis, predominantes e influenciados, que se observam em todos os países de expansão e expressão adiantadas, nos ramos da cultura técnica, artística e profissional, onde existem progressivos museus de toda a ordem, porque não ficar também, depois da nossa evidente demonstração dos valores expostos, um permanente mostruário das indústrias mais características da região? Mostruário que podia ser renovado consoante o volume de fabrico fosse aumentando, em manifestações de aperfeiçoamento e em novas modalidades de criação ou adaptação.

Daria, em aspecto decorativo, a maioria das nossas indústrias crescentes, celuloideas, plásticos, calçado, pentes, linhos, curtumes, colchas, cutelarias, olarias, etc., uma reconstituição interpretativa do espírito dos seus fabricantes, onde os traços, as cores e as formas, dominariam um ambiente de interesse, pela especialização particular e regional que lhe imprimissem.

E porque não, em melhor e mais completa forma, um Museu Etnográfico Industrial?

Ficaria, ao fim dum grande esforço, a permanecer, a tradição da ciência técnica industrial, popular e caseira, e o balanço associativo e económico de grande significação para todos os objectivos e interesses comerciáveis.

Podia ter a evolução valorizada e idêntica à capacidade servidora das feiras regionais, e o aspecto decorado, bizarro e moderno, das romarias mais festivas, mais engalanadas.

E agora vejamos, como dos elementos fabris e populares, se podem colher todas as expressões dos valores humanos e locais.

As feiras, sobretudo as anuais, são as paradas do trabalho, onde a vida comercial e industrial do povo, corre toda mercadejada, numa sinfonia de cores e falario, e no apreço de toda uma variada produtividade de arranjos e amanhos rústicos.

As romarias dão-nos o aspecto moral do povo, dentro do fervor e das práticas religiosas: nas promessas que faz, nos registos que merca, nos amuletos e bentinhos que benze, nos santos que venera, nos ex-votos que oferece, nas mortalhas que ostenta, nas abluções que pratica, de passo que aparece com o mais rico e gaiteiro trajar, com os mais líricos bailados, com as mais típicas festadas, para ver os mais caprichosos andores, os mais ostentosos arcos e o mais curioso e espantilhado fogo preso.

As rifas, pretextos de ajuntórios locais, e acampamentos taberneiros de petiscos, de vinhos e doces, e ainda a função de todos os programas cascadeiros pelo S.^{to} António, S. João e S. Pedro, apresentam a curiosidade mais viva e engalhosa do folclore, pelo arranjo das festadas e improvisação dos cantadores, que se depenicam ao desafio como rouxinóis travessos na quentura dos soutos revestidos.

Nos adros e nas fontes, nasce e brinca o amor, que se consubstancia depois em fadários e engrandecimento de temores e de crenças, no aninhado dos berços e na fadiga dos lares.

Ali surgem as primeiras falas, a troca dos primeiros ramos de namorados, e falam os primeiros beijos ao fogo da maior sede, sentidos de norтеação humana que fazem redobrar os trabalhos e os serões,

com a canseira da roca e do forno, produzindo o homem, em limitado âmbito, pelo sacrificio do pão, o que galhardamente fabrica na sua arte de jugueiro, cesteiro, garfeiro, peneireiro, tamanqueiro, ferreiro, cerieiro, ou fazedor dos mais diversos aprestos de uso doméstico ou agrícola.

Fui à fonte das três bicas
Bebi, tornei a beber;
Estava lá o meu amor,
Regalei-me de o vêr.

Fui à fonte p'ra te ver,
Ao rio p'ra te falar;
Nem na fonte, nem no rio,
Te pude lá encontrar.

No pousio dos carvalhais, aos domingos, o povo junta-se em folgança para o brincahotar das danças e das redouças; entra no jogo de pau ou no cantar à viola, e assim, dentro destes lugares mais reservados a cada grupo de freguesia, tem o povo a melhor escola ao ar livre, onde mais bem se desunha nas artes desembaraçadas do canto e da dança, e de mistura se vai baloiçando nos canos das carvalheiras, quando não promove a sua encanzinada luta de galos, como que a avaliar as suas próprias forças, quando os varapaus se debatem ou se encruzam em jogo rijo de varrimenta (1).

*Toca a abombar,
Que amanhã, Deus há-de dar.*

Todas estas manifestações da sensibilidade amorosa e cristã, todas estas criações da arte e da indústria tipicamente regionais, podem ser mais amplamente representadas e fixadas num museu, do que propriamente numa exposição, onde faltam as particularidades, os pormenores e o sentido espiritualizado da ligação tradicional, que vai dos costumes às práticas; dos hábitos da casa aos modos de trabalhar nos campos; da inteligência à concepção manufactureira, e da fé e credices à fileira de mil objectos de culto e de superstição.

E é tudo isto e mais do que isto, histórica e

(1) Possuimos um curioso e raro folheto de 15 páginas, intitulado: *Arte do Jogo de Pau*, por Joaquim António Ferreira, da cidade de Guimarães — Tip. Silva Teixeira. Porto, 1885.

geograficamente disposto, observadamente distribuído, prática e objectivamente orientado e discriminado, e inteligentemente engrenado, que dá o verdadeiro realce cultural à etnografia, ciência de matéria especializada, com a qual abarcamos todo o valor das terras e todas as tradições do povo.

Só os museus podem perpetuar, vivamente, pelas imagens, pelos símbolos e pelas espécies, muito do que se vai perdendo, obliterando e descaracterizando em todos os ramos da indústria, em todos os passos humanos da vida e das tradições.

Demais, nenhuma Exposição se pode considerar completa, e todos os Museus podem ser considerados bons, porque aos poucos e pelo correr dos tempos, se ampliam e completam. As Exposições são produto do momento, do entusiasmo, da pressa, e pela sua natureza, de dependência temporária.

Os Museus prosperam, em virtude do património local ficar aplicado, emancipado, garantido e estabelecido, e como lei da ciência e dos factos, só eles podem ter o movimento duradouro, pelo amparo dos ensinamentos e pelas constantes heranças de novos bens materiais, com que a história e as tradições os vão abastecendo e enriquecendo.

E não curamos de saber ou apregoar, se a valia intrínseca e os recheios opulentos dos museus Distritais ou Provinciais, sobrelevam os Regionais ou Concelhios, só porque um conjunto mais abundante, mais variado e seriado de motivos e matérias se pode apresentar, tanto maior e especificado, quanto maior e mais rica for a zona representada.

Em pormenores geográficos, em desconhecidos aspectos e subtis revelações tradicionais e justeza histórica, valem os concelhios.

É que todas as virtudes, todas as manifestações de personalidade de uma região, só podem aferir-se e compreender-se, com mais considerável vantagem de apercebimento e penetração, dentro da própria região, num contacto directo com as suas legendas, com os seus monumentos e com a notabilizada realidade das suas tradições e dos seus costumes, que tomam pelo cenário e pela ambiência, um carácter próprio, como facilmente se observa nas destacadas

influências e variantes do folclore, da arte e das indústrias caseiras.

E só dentro do ambiente de cada região e suas sub-regiões, é que podem expor-se os mais sugestivos motivos de qualificação e estudo, aqueles enfim, que mais as distingue e afirma.

Em riqueza substancial, para um estudo de conjunto, e para o aferir da evolução das várias classes da indústria, da arte popular e das expressões regionais, para o jogo de comparação e harmonia de confrontos entre as variantes dos costumes e o salteado dos usos numa vasta zona, onde o panorama geral nos mostre mais objectos e elementos de importância e mais soma de modelos e de assuntos, então valem os Provinciais.

Mas, de resto e ao fim, em teoria de cultura, investigadora das tradições e do passado, todos valem, desde que em combinação, as artes e as indústrias, o folclore e a etnografia, representem um volume harmónico de todas as características e íntimas revelações de povo de qualquer banda.

Se cada terra tivesse o seu museu de etnografia, de indústria tradicional e de artes industriais, estava naturalmente formado o Grande Museu Histórico-Etnográfico Nacional.

1844

Exposição Industrial realizada em Lisboa

Não conseguimos ver o Catálogo desta Exposição, mas por diversas notas colhidas na excelente publicação *O Labor da Grei*, sabemos que alguns vimaranenses ali se representaram:

Manuel José da Silva Cerqueira, hábil industrial, criou grande renome na sua especialidade—tesouras—em que era exímio. Na Exposição Industrial de Lisboa, em 1844, os únicos expositores em

cutelarias foram: este industrial com uma tesoura e *José Joaquim de Sousa Guimarães*, com dous talheres em cabo de osso e marfim, «que apesar de não terem tempo para executar obras de mais subido grau de delicadeza, e que bem pudessem honrar a classe, nem por isso deixaram de fazer ver nas que expuseram, que têm neste género o melhor e mais perfeito que se pode desejar» (Do relatório da mesma Exposição).

Ambos foram laureados na Exposição de Londres, em 1851, e o primeiro agraciado com o hábito de Cristo, pelo Governo, como recompensa dos seus esforços de aperfeiçoamento da indústria nacional.

As religiosas do Convento das Dominicás, que eram primorosas em trabalhos de fantasia, feitos da mais finíssima linha, apresentaram a esta Exposição um pastor com o seu rebanho, e um canário na sua gaiola.

1857

Exposição Portuense. Agrícola e Industrial.

«Não obstante ser de agricultura a próxima exposição no Porto, sabemos que nela vão ser expostas algumas produções da indústria de Guimarães, e destas algumas vimos nós de grande merecimento, como são: uma tesoura grande, de talhar obras de pano, uns vestribos, uma toalha de mesa, e outros objectos; porém, nada atraíu tanto a nossa atenção, como o jardim de linha, feito pela ex.^{ma} sr.^a D. Joaquina Carolina de Santa Rosa de Lima, religiosa no convento das Dominicás, desta cidade.

O jardim é cercado de altas pirâmides entresachadas com pedestais, sobre os quais estão collocados grandes vasos com plantas floridas, e tapado com grades. Sua forma é quadrada, e cada ângulo está occupado por um pedestal sobre o qual se firma em pé, uma figura humana simbólica de uma estação do anno. O terreno é dividido por quatro ruas,

ficando no meio um chafariz elevado. Este chafariz e seu tanque, as figuras do estio e inverno e algumas das flores dos vasos, não poderão ser tidas por obra feita de linha, e mais custará a creditá-lo, quando souberem, que cada uma das peças se pode desfazer, ficando um novelo de linha, com a qual qualquer senhora pode coser.

Todas as obras deste Convento são admiráveis, e com especialidade as desta Senhora, que teve a infelicidade de nascer portuguesa, e filha de Guimarães. Dá muito cuidado a condução, por não haver uma única estrada, que deixe de oferecer quedas, e precipícios aos condutores.

Que vergonha! que opróbrio > (1).

«O *Monitor*, com aquella imparcialidade própria dum jornal livre, menciona os objectos industriais que atraíram a sua vista, e entre eles, faz o devido elogio à indústria vimaranense, representada com particularidade nas tesouras dos srs. Cerqueira, Pereira Fezo, e Oliveira; na máquina para manteiga, e cozinha de folha, do sr. Ferreira; nos cobertores de linho do sr. Costa Guimarães; em um vaso para Sacrário, do sr. Coelho de Almeida (José Coelho de Almeida); em uma pulseira, e aifinete de marfim, do sr. Molarinho (Arnaldo) e ultimamente em um jardim feito de linha, trabalho admirável da sr.^a D. Joaquina Carolina de Santa Rosa de Lima. Agradecemos ao colega a justiça que faz à indústria vimaranense, tão digna e crédora de protecção» (2).

Só conseguimos ver o Relatório do Juri qualificador dos productos enviados a esta Exposição, que distingue os seguintes expositores vimaranenses:

— *António da Costa Guimarães*— colchas brancas de linho e algodão; duas peças de pano de linho, uma toalha de mesa adamascada e um maço de linha finíssima. (Foi-lhe conferida medalha de prata)

(1) «A Tesoura de Guimarães», n.º 82 de Junho de 1857.

(2) «A Tesoura de Guimarães», n.º 88 de Julho de 1857.

— O monógrafo vimaranense P.^e Caldas, embora chame, por engano, Joana, a esta illustre religiosa, no vol. *Guimarães*, a pág. 268, dela teceu o seguinte e justo elogio: «Joana (aliás

João Baptista — uma cozinha portátil, de nova invenção, com todos os seus acessórios, para funcionar com espírito de vinho, e uma máquina para fazer manteiga. (Foi-lhe conferida medalha de prata).

Joaquim Mendes da Silva Guimarães — tesouras de diversos tamanhos e feitios. (Menção honrosa).

Domingos José Pereira — estribos. (Menção honrosa).

Manuel José de Oliveira Doceiro — tesouras de costura. (Menção honrosa).

Domingos José de Abreu — garfos e facas com cabo de osso. (Menção honrosa).

José Coelho — um vaso para comunhão e dois cálices de prata. (Menção honrosa).

1861

**Catálogo dos produtos exibidos na
Exposição Industrial do Porto.**

«Na sessão de Camara, realizada em 25 de Abril de 1861, foram nomeados para a Com.^{am} que tem de promover nesta Cidade e Con.^{lho} para que do

Joaquina) Carolina de Santa Rosa de Lima, religiosa professa no convento das dominicas de Guimarães, é muito notável pelas suas obras de arte a fio de linha.

É admirável o quadro de linha por ella executado em 1856, representando o oceano agitado a debater-se nas praias, junto das quais se vê ancorada uma lancha com todos os aprestes da pescaria. Na mesma praia levanta-se uma pequena casa de banhos com as portas abertas, deixando ver dentro, vestidos dos banhistas, que se entretêm a tirar do mar uma rede com peixes e conchas. Ao largo navega outro barco com a vela a todo o pano, tripulada por dois pescadores.

A nossa famosa artista ofereceu à Senhora D. Maria II uma almofada de linha com os emblemas da realza, obra de tal perfeição e de tão alto apreço, que a nossa soberana não duvidou mandá-la, como valioso presente, à Rainha Vitória de Inglaterra. Ofereceu mais ao Duque de Saldanha, uma *árvore da liberdade*, e enviou às Exposições de Londres e Paris, uma escrivaniinha e outras obras de mimosíssimo labor que mereceram a aprovação de nacionais e estrangeiros».

mesmo sejam patentes na Exposição que tem de fazer-se na Cidade do Porto, no mez d'Agosto deste corrente anno, os objectos constantes do Programma remettido a esta Cam.^a por off.^o de Jose Pereira Cardoso Junior, Secretario da Associação Industrial Portuense. Foraõ nomeados os Cidadões seg.^{tes}: Pres.^{te} o V.^{or} desta Cam.^a João Antonio da S.^a Areias. Vogaes: José Custodio Vieira, Francisco Jose da Costa Guimaraes, Jeronimo de S. Carlos da Silva Ribeiro, Antonio da Costa Guimaraes, Manoel Joaq.^m da Cruz e Antonio José de Mattos Chaves» (1).

Expositores:

Bernardo José Lopes — curtumes.

Domingos José de Abreu — facas e garfos.

Domingos José da Cunha — facas e garfos.

Joaquim Mendes da Silva Guimaraes — facas, navalhas e tesouras.

José António Gonçalves Panão — tesouras.

Conde de Vila Pouca — seda em fio.

Leonor Maria de Carvalho Gomes — tecidos de linho.

Ana Maria Maia e Silva — pano de linho, toalhas, guardanapos e lenços; meias lisas e abertas, de linha; linha em meadas.

1863

Exposição Agrícola Distrital, realizada em Braga

— Projecta-se realizar em Braga, no mês de Outubro próximo, uma exposição agrícola, na qual terão cabimento quaisquer dos multiplicados produtos da terra: seja no estado em que a natureza os ministra, seja no estado em que a indústria os modifica.

(1) Livro n.^o 12 das Vereações, desde 8 de Junho de 1859 até 5 de Junho de 1761, a folhas 194 v — Arquivo Municipal de Guimarães.

Também serão admitidos nesta exposição: solos e estrumes; produtos arvenses e hortenses; plantas industriais e medicinais; arboricultura e floricultura; madeiras, gomas e resinas; produtos vegetais modificados; animais; produtos animais; líquidos fermentados e óleos; material agrícola, instrumentos de domagem animal e trabalhos gráficos e literários.

A Comissão filial neste concelho consta dos seguintes membros: Conde d'Azenha, Visconde de Santa Luzia, Barão de Pombeiro de Riça Vizela, António Alves Carneiro, D. João Peixoto da Silva, Luís Cardoso Martins da Costa e Luís Augusto Vieira, Administrador do Concelho (1).

— Foi efectivamente, como estava anunciado, no passado domingo, 25 de Outubro, a abertura solene da Exposição Agrícola em Braga.

Corremos com os olhos os variados produtos que em número abundante encontramos nesta exposição, e ufanámo-nos de noticiar aos vimaranenses que este concelho ocupa ali um lugar sobremaneira distintíssimo, tanto na boa qualidade dos produtos expostos, como na variedade dos mesmos, pois eram vistos em todas as secções (2).

— A parte da exposição pertencente a Guimarães, representa não só esmerada colecção de preciosos frutos e de outros produtos agrícolas, mas também amostras perfeitas de cutelarias e tecidos de linho, dois ramos importantíssimos de indústria. A cidade, que ainda hoje conserva o tipo primitivo das medidas do reino no começo da monarquia, soube elevar ao lado do trofeu agrícola e industrial

(1) *Religião e Pátria*, n.º 40 da 1.ª Série, de 10 de Junho de 1863.

(2) *Religião e Pátria*, n.º 17 da 2.ª Série, de 28 de Outubro de 1863.

— Esta Exposição distrital realizou-se no Campo de Santa Ana, que apresentava vistosa decoração, tendo ali decorrido movimentados festivais.

Da comissão directora desta grande Exposição bracaraense, fez parte o nosso conterrâneo ilustre Dr. Pereira Caldas, como activo secretário geral, orientando a maneira como rigorosamente os produtos deviam ser expostos e classificados.

da sua irmã bracarense, um outro trofeu de aperfeiçoamentos modernos, que dão realce às recordações históricas da nobre terra donde provêm (1).

— Nas argilas observamos um espécimen dos arrabaldes de Guimarães que nos informaram ter sido descoberto há pouco, e que se está aplicando com muita vantagem no fabrico dos tijolos, brelhos, segundo a denominação provinciana. Também nos dizem que os fornos, chamados de panela, tão aproveitáveis para a boa cozedura do pão, se constroem útilmente com essa argila (2).

— O sr. visconde de Pindela, expos em fruta seca: ameixa, carangueija, cereja de duas qualidades, pera e damascos. E em doce: marmelada, geleia de marmelo, pêssego, pera, melão, nabo, uva, ginja, alface, cidra, chila, melancia, morango e abóbora.

O sr. barão de Pombeiro, expos: pessegada, que nos pareceu excelente.

A sr.^a D. Joaquina Carolina de Santa Rosa: ameixa e carangueija, a 1\$000 réis a caixa, e peras e figos a 1\$950 réis. Aquelas duas espécies de doce já foram premiadas na Exposição Universal de Londres.

A sr.^a D. Emilia de Castro Sampaio: duas caixas com figos, a 400 réis o quilo.

Estas duas respeitáveis senhoras pertencem ao convento das Dominicás.

O sr. Joaquim José de Azevedo: ameixas a 1\$000 réis a caixa, figos a 1\$000 rs. e peras a 1\$500 rs.

Todas as variedades de doce, que acabamos de mencionar, sustentam, no primor e cuidado do preparo, o antigo e justificado crédito da fruta em doce de Guimarães (3).

— Vimos com satisfação os instrumentos agrícolas vindos de Guimarães ainda com vestígios de

(1) «O Archivo Rural», vol. VI, pág. 302.

(2) *Idem*, pág. 309.

(3) *Idem*, págs. 315 e 316.

haverem trabalhado na terra. Tais instrumentos são: arado inglês para cultivo da batata, arado americano de Dumbalst, e debulhador de milho grosso, exposto pelo sr. Administrador de Guimarães, e que tem sido usados na quinta de Vila Flor, na freguesia de Urgeses, pertencente ao sr. conde de Arrochela.

O sr. *Francisco José Ribeiro*, do mesmo concelho expos um arado denominado Zabumba.

O sr. *Domingos da Silva Guimarães*, compreendendo como todos os expositores de Guimarães, o verdadeiro aspecto que deve ter uma exposição agrícola, que é representar o estado da lavoura na época em que se realiza, expos uma série de instrumentos: alyião, enxada, sachola, sacho, fouce, machado, machada, fouchinha usual, fouchinha com Joelho, fouchinho, gadanho, sega, relha e charrua.

Manuel Machado Ribeiro Bernardes: um engaçó e um malho (1).

—D. Maria da Conceição Amaral, visconde de Pindela, barão de Pombeiro, António José Ferreira Caldas e outros expositores, que muito se distinguiram, expuseram variadas colecções de cereais e legumes. Nas plantas hortenses é muito louvável o empenho que se manifesta em todo o norte do reino para aumentar as suas variedades. Com referência ao feijão, seria impossível mencionar todas as que se patentearam ao público. As mais notáveis que vimos, pertencentes ao concelho de Guimarães, são: perdiz, arroz branco, esponja amarelada, arroz preto, de farta velhaco, redondos, amarelos, brancos, e pintos de subir.

O sr. *visconde de Pindela*, querendo mostrar, a par dos produtos da sua lavoura, alguns dos meios por que a realiza, expos na competente secção, como adubos e correctivos com que prepara as suas terras, bagaços de uvas, resíduos destilatórios de bagaço, granito grosso, fino e meio fino (2).

(1) «O Archivo Rural», vol. VI, pág. 317.

(2) *Idem*, pág. 354.

— Das indústrias correlativas à agricultura não há no reino outra que seja mais importante que a da seda.

Julgamos da mais alta conveniência pública, promover e premiar o desenvolvimento desta indústria. Possuimos todas as condições requeridas para ela prosperar, pois a consideramos como um dos primeiros elementos da riqueza do país.

Nem todos os expositores representam verdadeiramente trabalho industrial, mas todos têm para nós igual importância com referência ao facto económico que significa a presença no Campo de Santa Ana dos produtos que enviaram à Exposição.

A parte serícola era formada pelos seguintes expositores de Guimarães:

Sr.^a condessa de Basto: seda fiada e casulos.

D. Maria da Conceição Araújo Teixeira: seda em rama e fio.

Conde de Vila Pouca: seda fiada.

José Francisco de Sousa Bastos Guimarães: seda fiada.

Gaspar da Cunha Berrance: seda fiada.

Pedro Lopes Guimarães: seda fiada e casulos (1).

— A concorrência dos vinhos foi bastante variada. De Guimarães expuseram:

António José Ferreira Leão, D. Ana Emília de Araújo Machado, Francisco Martins de Morais Sarmiento, Henrique Cardoso de Macedo e Francisco José da Silva Basto (2).

— Desta grande Exposição distrital, chegou a publicar o vimaranense Dr. J. J. Pereira Caldas, que dela fazia parte como secretário, um *Catalogo Provisorio dos productos exhibidos na Exposição Agrícola de Braga (1863)*, dando-nos conta dos seguintes expositores vimaranenses:

Pedro Joaquim Ferreira — rochas.

Visconde de Pindela — argilas e terras melhoradas pela cultura, bagaço de uvas. (Casa do Proposto).

(1) «O Archivo Rural» vol. VI, pág. 379.

(2) *Idem*, pág. 381 e 382.

Administrador do Concelho de Guimarães — águas sulfúreas de Vizela e das Taipas.

Ventura de Castro Meireles — cinza comum e de sobro.

José Ribeiro Guimarães — raspas de chifre.

Sebastião Ribeiro — raspa de coiro e adubos de pele de boi.

Visconde de Pindela — milho em espigas, batatas e abóbora porqueira.

Abade de S. Miguel (Vizela) — colombo e cebolas; semente de trevo.

Jacinto Gomes de Oliveira (Candoso) — colombo e milho branco.

D. Maria da Conceição do Amaral Branco — jerimu e cebolas.

João José Lopes Pimenta (Aldão) — abóbora porqueira.

António José Leite (S. João de Ponte) — arroz por descascar, planta de arroz.

D. Maria da Conceição do Amaral Branco — feijão branco e dito arroz-preto; legumes.

Vinconde de Pindela — feijão rasteiro e dito cor de ganga; legumes, milho, arroz e batatas; alhos e pimentos; cenoura francesa e nogões.

João de Castro Sampaio — feijões brancos e roxos sarapintados.

Manuel Machado Ribeiro Bernardes — feijão de trepar, milho tremês, batatas e abóbora moganga.

Ventura de Castro Meireles — feijões de trepar (olho preto).

António José Ferreira Caldas — painço e legumes.

Dr. António Alves Carneiro — feijões; abóbora menina, chila e mel por coar; nozes e nogões e avelãs, conservas, azeite não clarificado.

José Ferreira Mendes de Abreu — feijões e milho tremês.

Júlio Pinto Monteiro Girão — cevada e castanhas de leirão; vinho verde tinto.

António José Ferreira Leão — tomates e amêndoas compridas; vinho verde branco.

Manuel Coelho da Mota Prego — abóbora menina.

Barão de Pombeiro — milho branco, nozes moles, moínha e azeite não clarificado.

Vinconde de Pindela — linho em rama e estopa em rama.

Ventura de Castro-Meireles — plantas medicinais e frutas várias.

António José Ferreira Caldas — plantas medicinais.

D. Joaquina Carolina de Santa Rosa de Lima — caixas de linha.

Domingos José da Costa — tecidos de linho.

José da Costa Nogueira e Sousa — uma colcha de linho.

António da Costa Guimarães — linha em meada e em maço; tecidos de linho, tomentos.

José António de Oliveira Guimarães — linha em meada e em maço; tecidos de linho e algodão.

Maria Joaquina — maçarocas de linha.

Francisco Joaquim de Oliveira (Gondar) — linha em maço.

D. Maria da Conceição do Amaral Branco — uma meada de linho cru.

António José Ferreira Caldas — amostras de madeiras e raiz de nogueira.

Visconde de Pindela — cortiça e madeiras de queima.

Ventura de Castro-Meireles — vimes, cera virgem, favo de mel e sementes de erva castelhana e língua de ovelha.

Joaquim de Azevedo Machado — frutas doces.

D. Emilia de Castro — geleia de marmelo e frutas doces.

Barão de Pombeiro — pessegada e mel por coar.

Visconde de Pindela — frutas doces e frutas secas; doce de damasco.

Manuel de Almeida — farinha de milho branco.

D. Maria da Conceição do Amaral Branco — farinha de painço e de milho amarelo; presunto e unto salgado; frutas várias; aguardente de vinho e bagaço; licores; geropigas; vinagre de maçãs e vinho verde.

João de Oliveira Cabeças — farinhas de milho, trigo e centeio.

D. Joaquina Carolina de Santa Rosa de Lima — doce de fruta.

José Ribeiro Guimarães — raspa de chifre para estofar.

Manuel José de Castro — cola preparada.

Visconde de Pindela — seda em meada.

Gaspar da Cunha Berrance — seda em meada.

D. Maria da Conceição de Araújo Teixeira — seda em meada.

Pedro Lopes Guimarães — seda em meada.

Francisco António de Abreu — pasta de cola e cola verde.

António José de Matos Chaves — couros, bezerros e vitelas.

José Francisco de Sousa Basto — seda em meada.

José António de Oliveira Guimarães — couros e bezerros.

Cristóvão José Fernandes da Silva — couros vários.

António Mendes Ribeiro — couros vários.

Condessa de Basto — casulos; pepino de conserva.

Francisco de Azevedo Varela — lantes de carvalho; conserva de ginja.

Jerónimo Vaz Nápoles — castanhas amarelas.

José Custódio Vieira (Gondar) — sementes de tojo arnal e molar.

Domingos José Ribeiro — sementes de couve e de nabos.

João de Castro Sampaio — sementes de mostarda, de linho e linhaça.

José Joaquim da Costa — vinagre de 1858.

D. Ana Emília de Araújo Machado — vinho verde.

Henrique Cardoso de Macedo — vinho verde.

Francisco José da Silva Basto — vinho verde.

Francisco Martins de Moraes Sarmiento — vinho verde.

Manuel Machado Ribeiro Bernardes — dobadoira, malho e engaçó, espadeladoiro e espadela, maço de maçar o linho.

Manuel José Pinto — sarilho.

Clemente Cantonha — malho.

Francisco José Ribeiro — arado zabumba.

Domingos da Silva Guimarães — utensílios agrícolas.

Cesário Augusto Pinto — pás de ferro.

Domingos Bernardino de Araújo — cabaço de pesca.

Diogo Neves — um crucifixo de marfim.

Administrador do Concelho de Guimarães — amostras de papel de embrulho da fábrica de Vizela.

José Francisco de Sousa Basto — quadro de *petit-point*.

Ribeiro & C.^a — amostras de papel de escrita da fábrica de Vizela.

Pedro Joaquim Ferreira — quadro de costumes, (aguada).

José Ribeiro — pentes de chifre.

D. Joaquina Carolina de Santa Rosa de Lima — salva de linha com os escudos nacionais da mesma matéria.

Conde d'Azenha — dois açaíates de linha com flores da mesma matéria e uma almofada com uma coroa ducal; limpador de penas e porta-relógio de couro.

Nicolau José Gonçalves — socos de homem e de mulher.

Pedro Alves Guimarães — pentes, facas e calçadeiras de chifre.

José Custódio Vieira (Vizela) — utensílios de ferro fundido.

Pedro Nunes Guedes — butes de homem e de senhora.

D. Maria Rita de Sousa — flores contra-feitas.

Administrador do Concelho de Guimarães — almofada de linha com coroa e cetro da mesma matéria; açaíatinho de linha.

— Em sessão de Câmara, realizada em 24 de Novembro de 1863, foi proposto pelo presidente, o Doutor António Alves Carneiro, que pela ocasião da vinda de S. S. M. M. à capital deste Distrito, para fazer por Suas Reaes Mãos a distribuição dos Prémios aos expositores da grande exposição agrícola que acaba de ter lugar na dita Capital, achava ser mui justo e conveniente que esta Câmara fosse felicitar os Mesmos Reaes Senhores: O que sendo por todos tomado na devida consideração, foi a proposta unanimemente aprovada.

Dizendo mais o dito Presidente que também propunha à discussão da Câmara o projecto da seguinte *Felicitação*:

Senhor

A Camara Municipal da Cidade de Guimarães berço da monarchia, vetusto sólio de seo primeiro e glorioso Rey, e patria de um povo sempre leal e dedicado aos seos monarchas, vem respeitosamente, e com o maior jubilo por si e em nome do Concelho que representa, felicitar e saudar a **Vossa Magestade e Sua Magestade a Rainha a Senhora D. Maria Pia**, pela sua feliz chegada à capital deste districto, e assuciando-se ao alvoroço e geral regosijo de seus habitantes agradecer pela sua parte a distinctissima honra que a **Vossa Magestade** aprouve conceder, distribuindo por sua real mão aos benemeritos da grande exposição agricola, os premios alcançados na gloriosa e fecunda lide do trabalho.

Esta magnanima resolução de Vossa Magestade é mais um penhor que assegura aos habitantes desta bella provincia, e a todos os portuguezes em geral que o esperançoso reinado dos virtuosos filhos das serenissimas casas de Bragança e Saboya deve ligar a antiga gloria das conquistas e das descobertas à moderna gloria das artes, das sciencias, dos talentos e da civilisação, que, fazendo a felicidade dos povos, fazem a felicidade dos reis, e lhes dão incontestaveis direitos à admiração e encomios da posteridade.

Digne-se Vossa Magestade aceitar benevolmente esta singela expressão dos sentimentos da Camara e concelho de Guimarães, acompanhada de sinceros votos que faz de amor e dedicação à pessoa de **Vossa Magestade, de Sua Magestade a Rainha, de Sua Alteza o principe real e de Sua Magestade EIRey D. Fernando**, e mais real familia, cujas preciosas vidas Deos guarde por dilatados annos (1).

— « Aos 30 dias do mez de Novembro de mil oitocentos sessenta e tres annos, nesta Cidade de

(1) Livro n.º 14 das Vereações, desde 30 de Março de 1863 até 4 de Novembro de 1864, a folhas 91 v.— Arquivo Municipal de Guimarães.

Guimarães e Casa da Camara, em sessão publica da mesma que fazia o Presidente, o Doutor António Alves Carneiro e os Vereadores ao diante assignados.

Nesta sessão tomou elle Presidente a palavra e disse que tendo o grande Jury da exposição agrícola de Braga, por proposta do seu digno Presidente o Excellentissimo Conselheiro Januario Correa d'Almeida, deliberado unanimemente que fosse conferida hua medalha d'ouro ao Concelho de Guimarães, como premio, pela sua brilhante e variada exposição, e ainda pela circumstancia de terem varios expositores do mesmo Concelho sido julgados dignos daquelle premio, mas a quem a sorte o não conferio; e havendo o grande Jury resolvido mais que fosse esta circumstancia mencionada no respectivo diploma e entregue á Camara Municipal do sobredito Concelho para ser conservado no seo archivo, como memoria do modo distincto porque foi representado na exposição agricola de Braga; e tendo finalmente **Sua Magestade** resolvido honrar com hua visita a Capital do Districto em companhia de **Sua Magestade a Rainha**, e distribuir por sua regia mão os premios conferidos aos diversos expositores, tivera elle Presidente a honra, em nome da Camara a que preside de receber das mãos d'El Rey o respectivo diploma e medalha d'ouro conferidos a este Concelho, e que no acto da entrega **Sua Magestade** se dignara manifestar a consideração que lhe merecião os povos da Cidade e Concelho de Guimarães, dirigindo a elle Presidente as seguintes memoraveis palavras—**estimo muito ter esta occasião de premiar a segunda capital do districto**—Que estas palavras proferidas por hum Monarcha tão esclarecido como justiceiro, erão hum segundo premio, não menos valioso, conferido aos habitantes deste Municipio, que muito devem apreci-lo, e lisongear-se pela subida distincção com que **Sua Magestade** se dignou menciona-los.

Propunha que se fizesse de tudo menção na acta da sessão de hoje, e nella se consignassem em letras grandes aquellas palavras de **Sua Magestade El Rey**, como memoria da sua Real Benevolencia para com este importante Concelho.

O que sendo tudo ouvido attentamente foi a mesma proposta, com o maior enthusiasmo unanimemente approvada.

Em seguida propos elle Presidente mais que se mandasse encaixilhar em caixilho dourado o diploma conferido e se collocasse na Salla das Sessões, guardando-se no seu archivo a medalha d'ouro com que foi premiada » (1).

— Nesta Exposição, de que se não publicou catálogo official, obteve Medalha de Prata a firma António da Costa Guimarães (Fábrica do Castanheiro).

1867

Catálogo Official da Exposição de Archeologia e de Objectos Raros Naturaes, Artísticos e Industriaes, Realisada no Palácio de Cristal Portuense em 1867

*Parte Archeologica — Objectos achados nas escavações de Vizella
expositor — Bartholomeu Achilles Déjante (2)*

Telha romana, achada nas escavações do «Mourisco».

Pedra de cantaria, do banho descoberto.

(1) Livro n.º 14 das Vereações, a folhas 92v.

À margem desta acta foi posta a seguinte nota: Medalha de ouro está em poder do Guarda Jer.º L.º Mend.ºes. E com ella foi para a sepultura, naturalmente, acrescentamos nós, porque nunca se enxergou.

(2) Engenheiro civil, da cidade do Porto, encarregado dos planos de melhoramentos a efectuar nas Caldas de Vizella, plantas e projectos do estabelecimento termal, exploração de águas, etc. (Ver o livro das Vereações de 15 de Novembro de 1865 até 19 de Junho de 1867, a folhas 137 v.).

— Para esta grande Exposição Archeológica, partiram de Guimarães para o Porto, 17 volumes, com objectos desta cidade e da de Braga. Foram acompanhados por uma força de infantaria 8 e pelo Sr. Isaac Newton, empregado do Palácio Cristal. («Religião e Patria»).

Dous canos de barro, romanos, achados ao pé do tanque das pipas.

Pedaço de madeira, que cobria os canos.

Dous tijolos romanos, achados no «Banho das pipas».

Dous canos, (caleiros) romanos achados no «Banho Grande», cobrindo uma das fendas da rocha, onde saíam as águas do «Banho meia lua».

Um tijolo romano, do Mourisco, e outro mais pequeno da Lameira.

Ardósia, achada no banho romano, ao pé da casa do antigo correio.

Marmore decomposto, achado no banho romano.

Betão romano.

Pedaço de pedra, achado no «Tanque das pipas», mostrando ter havido buracos, servindo provavelmente à passagem directa para os depósitos das águas das nascentes.

Uma caleira larga, de barro.

Betão romano; argamassa romana.

Pedaço de xisto, achado no «Banho novo».

Tijolo romano, achado na Lameira, com impressões de pés de cabra.

Duas cascas de ostras, achadas num encanamento romano.

Bocado de uma ânfora.

Cano de chumbo, encontrado na profundidade de dous metros.

Mármore, betão e mosaico, do «Tanque das pipas».

Pedra romana de aparelho. Granito empregado na emergência das nascentes. Tanque das pipas, antigo banho romano. Único granito sobre o qual as águas sulfurosas não têm tido acção.

Este granito encontra-se na Serra da Ermida.

Cinco pedaços de mármore encontrados nos banhos romanos.

Cinco pedaços de vasos encontrados a dous metros de profundidade no «Mourisco».

Pedaço de caleira de barro; cano de chumbo e tijolo assente em betão.

Mosaico assente em betão; betão romano do «Mourisco».

Vários grupos de mosaico.

Uma medalha romana de cobre.

Uma grande pedra de granito, assente sobre tijolo e que servia para cobrir a nascente.

Sessenta e um objectos de metal ou ferro, encontrados nas escavações. Os objectos de ferro estão cobertos de pirites.

Este mesmo expositor, que não é vimaranense, levou à exposição várias espécies arqueológicas de outras regiões, que constam do referido catálogo, incluindo na parte mineralógica os seguintes objectos referentes a Vizela:

Várias amostras de granito; enxofre depositado nos canos modernos.

Cristalizações achadas no lugar do «Médico»; lodo encontrado no fundo do «Banho grande».

Projecto do estabelecimento da Lameira — oito plantas.

Projecto do estabelecimento do «Moinho do Fragata» — sete plantas (estabelecimento para as pessoas atacadas de morfeia).

Projecto do estabelecimento do Mourisco — sete plantas.

Projecto de uma piscina para animais.

Descrição dos estabelecimentos.

Mapa das nascentes das Caldas de Vizela.

Extracto das memórias de literatura portuguesa, tomo 3.º, ano de 1792. Memória sôbre a antiguidade das Caldas de Visela, por José Diogo Mascarenhas Neto.

Câmara Municipal de Guimarães:

Um incensador de prata com as armas reais de Portugal, a esfera de que usa Guimarães no edificio Municipal, e a Virgem da Oliveira em relevo.

Um areeiro de prata com labores a buril, com a data de 1603.

Um cálix de prata com colherinha e patena dourada e labores abertos a buril, dos princípios do século XVII. O desempenho artístico deixa entrever a mesma mão do artista que fizera o areeiro su-

pradito. Tem de altura 0,^m20, e de diâmetro na base 0,^m12 e na boca 0,^m08.

Quatro padrões de medidas de secos, de latão, dadas por El-Rei D. Sebastião para o arquivo Municipal. São em forma cúbica, e bem manipulados. Têm as armas da monarquia com a legenda *Sebastianus*.

O foral da Câmara do ano de 1508.

Conde d'Azenha :

Uma espada florete, antiga, com punhos de copos.

Uma espada colubrina, antiga, com punhos de copos, com relevo e rendado na orla.

Um florete, antigo, com punho de copos, com abertos e sobre-aro.

Dous capacetes, antigos, um deles com rebordos revolteados, e outro com cimo acuminado.

Um pelote de anta, sem mangas, do século XVII.

Um acicate de correias de latão.

Um escudo de charão, com as armas da antiga família da Casa d'Azenha.

Dous espartilhos antigos, de senhora.

Uma farda verde, bordada a retrós, prata e ouro, que foi do príncipe de Hesse, com quem Augusto Roquemont veio, (na qualidade de secretário) para Portugal.

Um vestido branco de cauda, antigo.

Um mantelete verde, tecido de prata.

Dous corpetes de seda, antigos.

Uma crinoline do século XVIII.

Umas anquinhas de senhora, antigas.

Dous pares de sapatos antigos, de senhora.

João Baptista Sampaio :

Uma cruz de bispo, com cinco relógios, peça antiga muito curiosa.

Uma caixa de rapé, de prata dourada, que pertenceu ao falecido reverendo padre Marcos, confessor da Rainha D. Maria II.^a

Uma caixa de rapé de ágata e ouro. Dádiva do Senhor D. Pedro IV a xxx.

João de Castro Sampaio :

Uma salva de prata, antiga; uma dita, mais pequena, e uma chaleira de prata com tripé.

José Falcão de Magalhães :

Uma salva de prata, antiga.

Um relógio, antigo, em forma de pêra, e uma cadeia de ouro, esmaltada, com emblemas de música.

Uma farda e colete bordados a ouro e prata, que pertenceram ao falecido Conde de Basto.

Visconde de Santa Luzia :

Uma salva de prata, antiga.

Uma bacia de barba e jarro, de prata.

Uma caixa de tartaruga para rapé, com ornatos de dente de cavalo marinho.

Belas-Artes

Conde de Arrochela :

Retrato da falecida condessa d'Arrochela, por A. Roquemont.

Retrato de Augusto Roquemont, por ele mesmo.

Quadros de costumes alentejanos, por Roquemont.

Conde d'Azenha :

Retrato da falecida condessa d'Azenha, por Roquemont.

Retrato de uma irmã do conde d'Azenha, por Roquemont.

S. Francisco penitente, quadro original, pelo mesmo artista.

Santa Ana leccionando a Virgem, pelo mesmo artista.

Dr. Bento Cardoso:

A caridade romana.
Vénus e Zéfiro.
O amor de Proserpina.

José Falcão de Magalhães Guimarães:

Uma cabeça de estudo, por Roquemont.

1869

Na sessão de Câmara de 4 de Agosto de 1869, entre outras deliberações encontra-se a seguinte:

Mais deliberou a câmara, por proposta do Senhor Vice-presidente Dr. Avelino da Silva Guimarães, que se pedisse autorização para criar uma exposição agrícola no dia da feira de S. Gualter, porque não só se desenvolve por este meio a indústria agrícola do concelho mas se reanima a feira de São Gualter, que vai decaindo em progressiva desanimação, declarando o senhor Vice-presidente que esta sua proposta tem a consulta favorável da comissão de melhoramentos. Deliberou igualmente a Câmara que esta exposição seja somente concelhia, que os prémios sejam tirados do produto dos bilhetes de visita à exposição, que as despesas de abarracamento sejam tiradas do mesmo produto, auxiliando a Câmara com uma pequena verba, e que as despesas de condução dos objectos expostos fiquem a cargo dos expositores (1).

Excelente iniciativa, mas não sabemos se teve, como merecia, favorável realização.

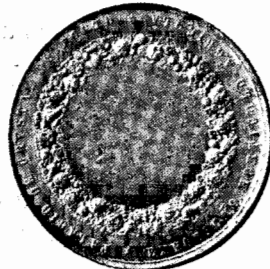
(1) Livro de Vereações, de 1868 a 1869, a folhas 242 — Arquivo Municipal de Guimarães.

1879

Exposição Hortícola no Porto, no Palácio de Cristal, em Outubro de 1879.



Anv.



Rev.

Medalha da Exposição Hortícola-Agrícola. Palácio de Crystal do Porto

(Gravada pelo artista vimaranense Molarinho.
-Do Museu da S. M. S.)

Nesta exposição, havia variadíssima colecção de biscouto de Valongo, de Avintes e a antiga *tosta Azeda*; frutas secas; compotas de Guimarães, de Vila Real, de Barcelos, de Elvas e de outras procedências notáveis em conservas, etc. (1).

1879

Exposição de vinhos portugueses realizada no Palácio de Cristal Portuense de 5 a 12 de Outubro de 1879.

Teve a representação dos Concelhos de Amares, Barcelos, Braga, Cabeceiras e Celorico de Basto, Esposende, Fafe, Póvoa de Lanhoso, Terras de Bouro, Vieira, Famalicão, Vila Verde e Guimarães.

(1) «Jornal Official de Agricultura», n.º 7 do III ano, 15-10-1879, pág. 201.

Desta Exposição não se publicou Catálogo, supomos.

Vinho verde tinto e branco de . . .	1878
» » » » » » . . .	1877
» » » » » » . . .	1876
» » » » » » . . .	1875

Os vinhos eram expostos nas garrafas que opositor preferisse. Cada concurso era representado por 4 garrafas.

Seria conferida uma medalha de ouro ao vinho que o júri entendesse ser de mais merecimento.

1880

Exposição vinícola inaugurada em 1 de Maio de 1880.

«Inaugurou-se no dia 1 do corrente, na nave central do Palácio de Cristal do Porto, a primeira exposição vinícola que se faz em Portugal. Está muito concorrida de vinhos, aguardentes, azeites e aparelhos destinados à vinicultura. Desta cidade também concorreram à exposição:

Conde de Vila Pouca — 23 garrafas de vinho maduro malvasia, alvaralhão, e 8 garrafas de vinho verde da colheita de 1879.

José Martins de Queiroz — 4 garrafas de vinho verde da colheita de 1879.

Dr. José da Cunha Sampaio — 20 garrafas com vinho verde da sua quinta de Cabeçudo, em Famação, e 38 com bastardo, verde clarete e verde tinto, da sua quinta de Boamense.

Da quinta da Crujeira, deste Concelho, também foram expostas 6 garrafas com vinho verde da colheita de 1879» (1).

(1) «Imparcial», 8.º ano, n.º 684 de 4-5-1880.

1882

Catalogo Illustrado da Exposição Retrospectiva de Arte Ornamental Portuguesa e Hespanhola celebrada em Lisboa em 1882 sob a protecção de Sua Magestade El-Rei O Senhor D. Luiz I.

Cálix de prata dourada. Altura 0,^m16. Base circular, ornada de seis medalhões circulares representando em baixo relevo leões e folhagens. Século XII.

(Confraria das Almas de Santa Marinha da Costa)

Patena do mesmo cálix, de prata dourada. No centro tem uma cruz e sobre ela a mão no acto de abençoar. Século XII.

(Confraria das Almas de Santa Marinha da Costa)

Cruz processional de prata, estilo gótico, muito coberta de ramos de carvalho e cujas extremidades terminam em flor-de-lis. Servem-lhe de base dois castelos sobrepostos, etc. Século XV.

(Colegiada de Nossa S.^{ra} da Oliveira)

Cálix de prata dourada. Altura 0,^m31. Copa hemisférica, adornada com seis figuras de anjos que sustentam os emblemas da Paixão, e na parte inferior com outras seis sustentando outros tantos tintinábulo, etc., etc. Século XVI.

(Colegiada de Guimarães)

Cofre forrado de folha de prata com ornatos rebatidos e dourados, representando folhagens e flores. Século XV.

(Colegiada de Guimarães)

Custódia de prata dourada. Altura 0,^m80. A parte superior é formada por uma arcaria gótica, dividida por quatro feixes de pilares, formando baldaquinos, sob os quais estão os estatutos dos quatro Evangelistas, etc., etc., etc. Século xvi.

(Colegiada de Guimarães).

Cálix de prata dourada e esmaltada, com sua patena. Altura, 0,^m22. Capa lisa e piramidal. Século XIII.

(Colegiada de Guimarães).

Tinteiro de prata. Tem no bojo, em relevo, a imagem da Virgem com o menino ao colo, ambos com ramos de oliveira; as armas reais encimadas por capacete e coroa ducal, e saindo desta o dragão, emblema dos duques de Bragança, e a esfera armilar. Século xvi.

(Câmara Municipal de Guimarães)

Cruz processional de prata. Altura 1,^m55. Largura na base 0,^m46. A base, cuja forma é a de uma pirâmide hexágona, assenta sobre uma coluna adornada no pedestal com carrancas, no fuste com festões, e cabeças de anjos no capitel. A parte inferior da base é distribuída em seis secções adornadas com trofeus, arabescos e quimeras, etc., etc., etc. Século xvi.

(Colegiada de Guimarães)

Triptico de prata dourada de estilo gótico. Altura, 1,^m35: Largura, 1^m23. Na parte principal a Virgem num leito, tendo junto, sobre a roupa que a cobre, o Menino Jesus. Próximo do leito S. José. Em plano superior, as cabeças dos animais do pre-

sépio e dois anjos com turíbulos. Cobrem o leito quatro arcos ogivais, etc., etc., etc. Século xv.

(Colegiada de Guimarães)

Fruteiro circular de prata rebatida. Diâmetro 0,^m54. É ornado de folhagens, conchas, vasos e flores. No centro tem um baixo-relevo móvel, que representa a Fugida para o Egito. Século xvii.

(João de Castro Sampaio — Guimarães)

Custódia de prata dourada. Tem o nó cilíndrico e nele em baixo-relevo as figuras dos Evangelistas. Na base, folhagens e serafins. O relicário está entre quatro colunas salomónicas que sustentam a cúpula, encimada por uma estatueta de Cristo. Altura 0,^m77. Século xvii.

(Ordem Terceira de S. Francisco, de Guimarães)

Chaleira de prata com trempe e lâmpada. Altura 0,^m41.

(João de Castro Sampaio — Guimarães)

Salva de prata, redonda. Diâmetro 0,^m49. Tem no centro uma águia pousada num ramo; em volta larga cercadura de folhagens e flores. Contornam a cercadura dezasseis caneluras, ornadas com outras tantas tulipas. Todos os labores são em meio-relevo e de obra rebatida. Século xvii.

(Conde de Vila Pouca — Guimarães)

Jarro de prata com 0,^m26 de altura e 0,^m36 incluindo a asa. É ornado com festões de flores e contas. Século xviii.

(Conde de Vila Pouca — Guimarães)

1882

Exposição de indústrias familiares ou caseiras, promovida pela Sociedade de Instrução do Porto, em 29 de Abril de 1882.

« Esta Exposição, revelando os importantes trabalhos de muitos dos nossos curiosos, servirá de documento da existência de muitas aptidões e talentos, e contribuirá para arrancar o Estado e as associações particulares da apatia em que caíram com relação às questões de ensino técnico ».

Programa — Trabalhos de carpintaria e marcenaria. Trabalhos ao torno em madeira, marfim, osso, etc. *Pintura*, pròpriamente dita e *pintura decorativa*: em barro, faiança, porcelana, vidro, madeira, seda, etc. *Escultura*, pròpriamente dita e *escultura decorativa*: flores artificiais em estofos, em couro, cera, papel, etc.

Desenho decorativo e gravura em madeira.

Tecidos, bordados, rendas e tapeçarias. Trabalhos em palha, vime, crina, etc.

Arte de cortar e talhar: modelos e padrões para o vestuário.

Encadernação e cartonagem.

Mobiliário doméstico. Instrumentos de trabalho, no campo e em casa. *Trajos e costumes das províncias portuguesas* (1).

Expositores de Guimarães premiados:

Asilo de Santa Estefânia — Ana Emilia Cunha Leite (1.º prêmio em bordados a branco).

Colégio de Nossa S.^{ra} da Consolação e Santos Passos — Josefa de Jesus do Vale (1.º prêmio em

(1) Ver a «Revista da Sociedade de Instrução do Porto» ano 2.º (1882), págs. 134, 135, 439 a 449.

flores de pano). Maria de Belém Carreira (2.º prêmio, idem).

Expositoras

Adelina Cândida Gomes
 Ana Emília da Cunha Leite
 Ana Miranda
 Ana Carolina Magalhães Lobo
 Carolina Poncia de Magalhães Ferraz.
 Guilhermina Júlia de Magalhães Ferraz
 Josefa de Jesus do Vale Guimarães
 Maria Angélica Soares
 Maria Carmo Gomes
 Maria Carolina da Silva Melo
 Maria José da Silva Costa
 Maria Pia de Magalhães Ferraz
 Palmira de Magalhães Ferraz
 Rosa Miranda.

Expositores

António da Costa Guimarães
 António Martins Pinto da Cunha
 Carlos da Cunha Berrance
 Conde de Margaride
 Francisco Carneiro
 Gaspar da Cunha Berrance
 José Barroso Pereira
 Dr. José de Freitas Costa
 José Porto.

1882

Exposição de cerâmica, promovida pela Sociedade de Instrução do Porto, no Palácio de Cristal, em Outubro de 1882.

« Pouco benévolos mas justiceiros, como fomos neste mesmo lugar, quando tratamos de apreciar, em tempo, a importância positiva da exposição de indústrias caseiras levada a efeito pela Sociedade de Instrução do Porto, folgamos ter ensejo de dar um testemunho da nossa imparcialidade, louvando os esforços e o cuidado com que ela se houve agora, na organização de um certâmen cujo êxito ultrapassou a expectativa dos mais exigentes.

Um facto que ressaltava à vista do visitante que percorria a exposição, era o encontrar na louça ordinária das aldeias, extrema beleza de formas. E aliás o artifice que a modela é, por via de regra, incapaz de definir o estilo do vaso que lhe sai das mãos, tornando-se, por assim dizer, inconsciente e material o seu trabalho.

Como se explica, pois, este fenómeno, se assim se lhe pode chamar? Pela tradição dos padrões deixados pelos povos que em épocas mais ou menos remotas dominaram na península, e pela persistência do operário em conservar, de geração em geração, as formas primitivas que lhe legaram os antepassados.

Havia ali vasos de barro preto e vermelho que reproduzidos na sua restrita simplicidade, em boa faiança, poderiam honrar a copa mais luxuosa ou decorar a sala mais aristocrática.

Abençoada rotina essa, que tem permitido fazer chegar até nós, na sua reprodução quotidiana, esses formosos modelos que opulentam o rústico lar dos aldeãos.

A parte da exposição relativa à louça das aldeias era opulenta, não só em número de expositores como em quantidade de objectos. Viam-se ali produtos de Viana, Valença, Vila Verde, Barcelos, Braga, Guimarães, Prado, Vila Real, Mirandela, Chaves, Moncorvo, Ovar, Aveiro, Coimbra, Vizeu, Lamego, Extremoz, Vila Viçosa, Loulé, Faro, e Portimão.

Na Europa não houve ainda uma exposição em que melhor estivesse representada a olaria popular de qualquer País, como na que acaba de realizar-se no Porto, e isso, que era confirmado a cada passo pelos estrangeiros que a visitavam, constituía para eles e para os estudiosos, uma das partes mais importantes do certâmen.

Com diplomas de mérito foram contemplados três fabricantes, sendo um de Extremoz, outro de Molélos (Vizeu), povoação notável pela sua louça preta, e Guimarães» (1).

«A olaria fornece-nos a prova mais evidente do prestígio incomparável com que a arte cerca todos os objectos que se aproximam do círculo mágico da sua influência. Não é a matéria que determina o valor do objecto; é a arte, é o labor da mão humana.

(1) «O Occidente» Revista Ilustrada, vol. VI, n.º 147, de 21-1-1883.

O trabalho do oleiro introduziu a arte na habitação. Na manipulação do barro e no lavor do tecido, se revelaram ao homem as formas mais elementares do alfabeto artístico».

Programa — Olaria popular antiga e moderna. Objectos rústicos para todos os usos domésticos. Barro vidrado e por vidrar. Faiança lisa e pintada.

- a) Produção própria das aldeias de todo o país.
- b) Fabrico da cidade para consumo das aldeias.
- c) Produtos de exportação para as colónias.
- d) Escultura decorativa em barro. Estatuetas, relevos, etc.

Cerâmica para aplicações de utilidade pública e ornamentações.

Materiais de resistência. Canalizações, azulejos, ladrilhos, etc.

Matérias primas portuguesa e estrangeira.

Instrumentos da indústria. Modelos de fornos, etc.

Literatura da indústria nacional e estrangeira.

Livros, estampas modelos, etc.

Cerâmica peninsular (hispano-portuguesa) antiga.

Cerâmica estrangeira antiga.

António Alves da Costa Guimarães — Um cântaro de Guimarães, com rosetas aplicadas em relevo e polvilhadas de mica branca, brilhante. Atrafu a atenção de todos os visitantes, e mereceu ao expositor, um dos três diplomas de mérito da secção de louça popular (1). Na Exposição Agrícola de Braga, em 1863, obteve medalha de cobre.

1883

Exposição de ourivesaria no Palácio de Cristal do Porto

«Foi ontem entregue no Porto, à comissão organizadora da exposição de ourivesaria, a colecção de alfaias e jóias antigas que a comissão auxiliar

(1) Ver a «Revista da Sociedade de Instrução do Porto» 2.º ano (1882), págs. 345 a 347 e ano 3.º (1883) pág. 472.

vimaranense, composta de sócios da Sociedade Martins Sarmento, pôde obter.

Não obstante a estreiteza de tempo, e a importância por estarem ausentes muitas das nossas famílias que poderiam fornecer abundantes espécimes, a comissão auxiliar, desenvolvendo a maior actividade, desempenhou-se galhardamente.

A colecção compõe-se de 39 peças de diversos géneros: jóias antigas e interessantes; antiga baixela e alfaias sagradas de máximo valor.

Entre os objectos mais apreciados pela illustre comissão portuense, incluem-se o cálix de D. Dulce, da irmandade das Almas da Costa, a cruz de S. Gonçalo, de Tágilde, como elementos valiosíssimos para a história da arte; uma pulseira do sr. Agostinho Pereira da Silva Guimarães, como espécime da indústria vimaranense do século passado, revelada pela gravura de Nossa S.^{ra} da Oliveira em um dos seus elos, e uma estátua de Nossa S.^{ra} da Oliveira, de madeira, num pequeno relicário com suporte de filigrana, pertencente ao sr. José Joaquim da Costa.

É de sentir que a indústria moderna se não representasse (1).

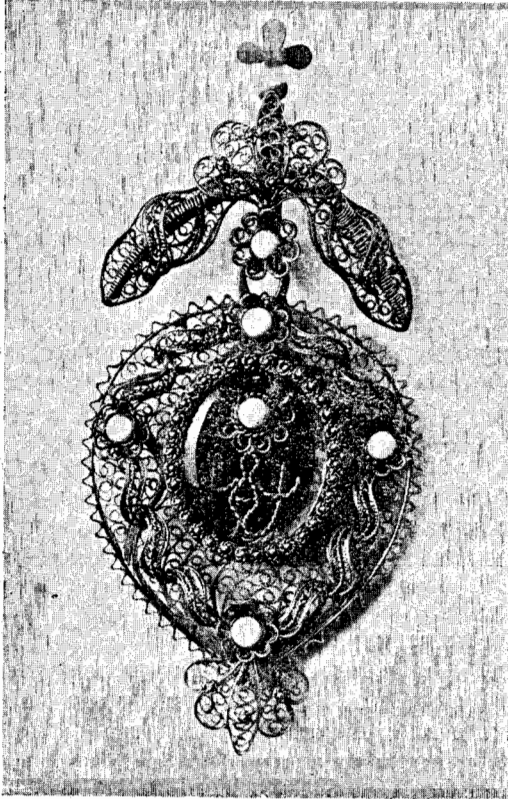
Somos informados que entre os primores que se encontram no recinto da exposição, não escasseiam objectos de uso médio e ordinário, em nada superiores a alguns da mesma espécie que aqui se fabricam para mercado ordinário.

A colecção vimaranense ocupa duas largas vitrinas. O aspecto geral da exposição é surpreendente: a célebre custódia de Belém desperta a atenção de quantos visitam a exposição. Ocupa o segundo lugar a custódia da nossa Ordem Terceira de S. Francisco.

Graças à benemérita Soc. Martins Sarmento, Guimarães entra vantajosamente neste certâmen.

(1) Nesta Exposição de ourivesaria, obteve o prémio de *Diploma de progresso*, o hábil artista desta terra, sr. António Alberto da Rocha Guimarães, o único que desta cidade ali concorreu com produtos da moderna indústria de ourivesaria da sua própria lavra. («Religião e Pátria» n.º 44, de 24 de Novembro de 1883).

Uma parte da comissão, composta dos srs. Avelino da Silva Guimarães, Domingos de Castro Meireles, António Augusto da Silva Caldas, Domingos Ferreira Júnior e António José da Silva Ferreira,



Relicário de ouro, em filigrana

(Col. particular)

acompanhou a colecção até à entrega». (Da «Religião e Pátria» n.º 25, série 34, de 19-9-1883).

«Publicamos hoje a relação dos objectos coleccionados, e que actualmente ocupam um lugar de distinção no recinto da exposição.

A exposição, a última da série de exposições que a ilustre Sociedade de Instrução do Porto tem iniciado, com o fim de desenvolver os diversos ramos da indústria nacional, ocupa a sala que termina a galeria superior, do lado do poente do Palácio de Cristal.

No recinto desta sala concentram-se verdadeiras opulências de ourivesaria. A indústria actual oferece à riqueza e bom gosto dos visitantes, mercado abastecido para aquisição dos primores artísticos, com que podem alimentar-se as mais altas ostentações, ou satisfazer-se o consumidor mediano na compra de ornatos de uso ordinário.

Para estudos comparativos, para demonstração das passadas opulências nacionais, assim na riqueza dos valores como nas revelações de aptidão artística dos nossos antigos ourives, encontram-se os artigos da antiga ourivesaria, desde o mais mediano brinco de metal esmaltado até às salvas de largo diâmetro e lavores aprimorados. Como coroa de todos estes primores da antiga arte portuguesa, como apuradíssima síntese de toda a passada glória artística, ostenta-se, com o valor de um verdadeiro monumento, a célebre custódia de Belém.

É nesta parte arqueológica que a benemerita Sociedade Martins Sarmiento ocupa um lugar distinto, não só pela abundância e variedade da colecção, mas pelo merecimento artístico e histórico das jóias e peças de baixela, já vantajosa e lisonjeiramente apreciadas pela imprensa portuense.

Para este resultado, que honra a cidade, e principalmente a prestante Sociedade M. Sarmiento, concorreu não só o brio da comissão eleita, como a benevolência dos diversos expositores vimaranenses».

Eis a relação dos objectos:

Seis fotografias de diferentes alfaias da Colegiada de N. S.^{ra} da Oliveira.

(Sociedade M. Sarmiento)

Um pequeno cofre ou guarda-jóias, de ouro.

(José de Castro Sampaio)

Uma antiga pulseira de ouro, tendo nos diversos elos, estatuetas de N. S.^{ra} da Oliveira e S. Bento.

(Agostinho Pereira da Silva Guimarães)

Bandeja com chaleira, tendo na primeira parte da haste uma urna móvel com três depósitos.

Fruteiro de prata rebatida, com a largura de 0,^m50.

Pequeno tabuleiro de prata rebatida.

Jarro de prata.

(Conde de Vila Pouca)

Fruteiro de prata rebatida, com o diâmetro de 0,^m54.

Chaleira e trempe, de prata rebatida.

Fruteiro de prata rebatida, com o diâmetro de 0,^m47.

(João de Castro Sampaio)

Fruteiro de prata rebatida.

Jarro de prata rebatida, tendo no bojo a inscrição: *Ipse perit.*

Bacia com idêntica inscrição.

(Conde de Margaride)

Jarro e bacia, de prata.

(Fortunato José da Silva Basto)

Fruteiro de prata rebatida.

Concha de prata.

(Visconde de Santa Lusía)

Fruteiro de prata, com o diâmetro de 0,^m39.

Colar, broche e brincos de ametistas cravadas em ouro.

(Avelino da Silva Guimarães)

Cáliz de D. Dulce.

Cáliz de prata dourada, nó ornado de querubins e copa ornada de querubins e tintinábulo.

(Irmandade das Almas, da Costa)

Antiga custódia de prata, com a base circular ornada de folhagens. O relicário entre quatro colunas. Quatro tintinábulo. Cúpula hemisférica, terminada em lanternim e cruz. Altura, 0,^m65.

(Confraria do SS. de Creixomil)

Um pequeno crucifixo de prata.

Bacia de prata, com o comprimento de 0,^m44, e a inscrição: *Ut patiar potior.*

Jarro de prata com idêntica inscrição.

Um copo de prata, cinzelado.

Uma cestinha de prata vazada.

Fruteiro de prata, com o diâmetro de 0,^m50. No centro um brasão.

Outro fruteiro, com brasão. Diâmetro 0,^m46.

Mais dois fruteiros de prata.

(Manuel Crisóstomo da Silva Basto)

Custódia de prata dourada. Altura 0,^m77. O nó cilíndrico com as figuras dos Evangelistas em baixo relevo. O relicário entre 4 colunas. Cúpula encimada por uma estatueta de Cristo.

Cáliz de prata dourada, ornado de diversos emblemas da Paixão.

(Ordem Terceira de S. Francisco)

Cáliz de prata dourada, com a base circular, ornada de querubins.

(Misericórdia)

Cruz do século XII, ou principios do séc. XIII, de chapas de prata sobrepostas, ornadas de folha-

gens e vários emblemas. Os braços terminam em flor-de-lis. Segundo a tradição local, serviu no baptismo de S. Gonçalo.

(Junta da freguesia de Tãgilde)

Estatueta de Nossa S.^{ra} da Oliveira, em madeira, dentro de pequeno relicário, tendo por suporte pequena coluna de filigrana de prata.

Uma caixa de prata.

(José Joaquim da Costa)

Fruteiro de prata rebatida.

Centro de prata rebatida. Altura 0,^m21.

(Domingos de Castro Meireles)

Um par de brincos de esmalte, em metal.

Caixa de metal esmaltado.

Caixa de prata. Dita com ornatos em alto relevo.

Chave de relógio, com um grande topázio.

(José de Freitas Costa)

Relógio de ouro, de repetição, com o mostrador ladeado de duas figuras, e duas campânulas.

(António Augusto da Silva Caldas)

Berloque de ouro esmaltado, encerrando um relógio.

(Gaspar Loureiro de Almeida Paúl)

Um par de brincos de ouro com diamantes e pérolas.

(Domingos José Ribeiro Guimarães) (1)

(1) Da «Religião e Pátria» n.º 32, série 34, de 13-10-1883.

1884

*Catálogo da Exposição Agrícola
de Lisboa (1).*

P.^e João de Bugalhós—Vinho verde espumoso de 1882.

Domingos Leite de Castro—Vinho verde de 1882.

Corrundela (Guimarães)—Vinho verde de 1882.

Ventura de Castro Meireles—Vinho verde de 1882.

José Martins de Queiroz—Vinho verde e vinagre branco e tinto.

José Martins da Costa Ribeiro—Vinho verde e mel.

Alberto Sampaio—Vinagre tinto e azeite. Linhos: em planta, em estriga e assedado.

Augusto Mendes da Cunha—Podoas. Tesouras do ar.

Joaquim Ferreira de Araújo Guimarães—Vinho branco e tinto de 1883.

O *Concelho de Guimarães* fez-se representar com os seguintes cereais: *Milho*—verdeal de terra funda; pombeiro temporão; branco de entre linho e trigo; rosado; alvo miúdo; painço; branco temporão; amarelo temporão; pandilha temporão; trigo de inverno; centeio barroso; centeio galego.

Feijão—bastez ou tremoçal; borra de cuba; carrapato; de olho roxo de trepar; amarelo de trepar; meia cara de trepar; de vagem grossa de trepar; pintassilgo de trepar; multiflor; fradinho; velhaco encarnado; velhaco branco; canário; branco temporão; preto.

(1) Esta exposição foi inaugurada na real tapada da Ajuda, sob a presidência de El-rei D. Luís.

— Em sessão de 7-3-1883, a Câmara de Guimarães nomeia uma comissão, composta dos Srs. Dr. Alberto da Cunha Sampaio, José Martins de Queiroz Montenegro e Manuel de Castro Sampaio, e delibera pedir-lhe obtenha os produtos que julgue convenientes para a exposição.

Sementes — de herva castelhana; de trevo encarnado; de bromus; de língua de ovelha e molar e de linho coimbrão.

Mel e azeite.

Entre os prémios concedidos, obteve uma menção honrosa José Martins de Queiroz, pela amostra de vinho que expos.

1884

Exposição Industrial Concelhia de Guimarães

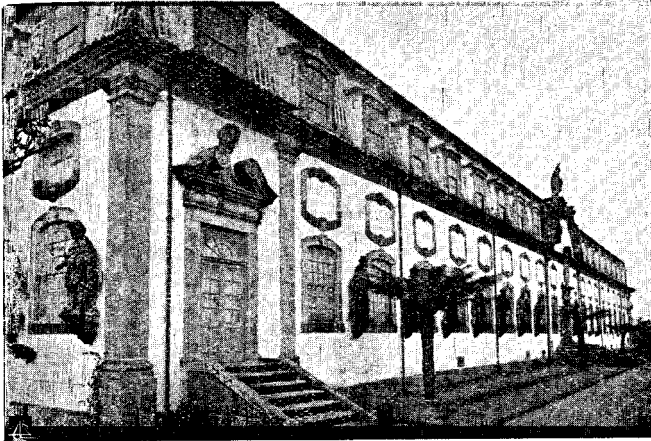
Devemos destacar, antes de dilatarmos as informações que trouxemos de reserva para este ponto, o espírito empreendedor e de regularidades estimulantes de visão, do Dr. Avelino da Silva Guimarães, que como Vice-Presidente da Câmara, na sessão de 4 de Agosto de 1869, propusera se pedisse autorização para criar uma Exposição Agrícola no dia da feira de S. Gualter. Será interessante ver os termos da proposta no lugar respectivo deste trabalho, Exposição de 1869, se é que passaram despercebidos aos olhos dos mais apaixonados bairristas.

Cabem, pois, neste lugar, algumas informações e estatísticas conhecidas e publicadas muito antes da manifestação das forças produtivas apresentadas neste certâmen de 1884. E por elas se poderá tirar uma esclarecida comparação de números industriais e agrícolas, de múltiplos aspectos, e avaliar dos triunfos e dos progressos obtidos, pela relação e volume das espécies, das classes e dos expositores, nos intermédios das três principais exposições: 1884, 1923 e 1953.

É sabido que em 1881 se fez um inquérito por todos os industriais do País, de que se publicaram cinco grossos volumes. A esse inquérito responderam somente dous ou três industriais vimaranenses, não tendo correspondido ao esforço do empreendimento, aquela generalidade que seria de esperar, e

que asseguraria os seus futuros interesses materiais, se especificadamente cada classe se representasse no aludido inquérito com todos os esclarecimentos pedidos.

As informações isoladas não surtem efeitos. Só o conjunto global se impõe. Por isso é que surgiram, numa realidade asseguradora de objectivos económicos, as exposições, de que os relatórios e os catálogos nos dão depois as impressões e as conclusões dos números e dos valores.



Palacete de Vila Flor, em Guimarães, onde se reallzou a 1.ª Exposição Industrial Concelhia, em 1884.

Tudo quanto sobre o nosso valimento industrial e agrícola aparecia e apareceu publicado antes de 1884, era isolado e fragmentário, e obtido sem aquela vantagem de rigor e de precisão, como mero acessório para fins díspares, e nunca com aquele espírito associativo de obter, pela verdade dos cálculos, dos méritos, da produção, da importação e das necessidades, melhorias de classe, operações de comércio, protecções do Estado e movimentos que estabelecessem o melhor nível de escolas de especialização profissional, aprendizagem e aperfeiçoamento técnicos.

Todas as isoladas informações que se conhecem, pouco exploradas e nada perscrutadoras, algumas obtidas particularmente, para fins de realizações e influências a conquistar, outras pelo directo contacto com as classes produtivas, para fins de estatística provável, ou de tratados especializados, não deixam, todavia, pelo afastado das datas em que foram publicadas, e pelos rudimentos mercantis e rotineiros desses tempos, pobres e maneirinhos de iniciativas, de merecer uma antecipada curiosidade de estudo, e quiçá, de colaboração.

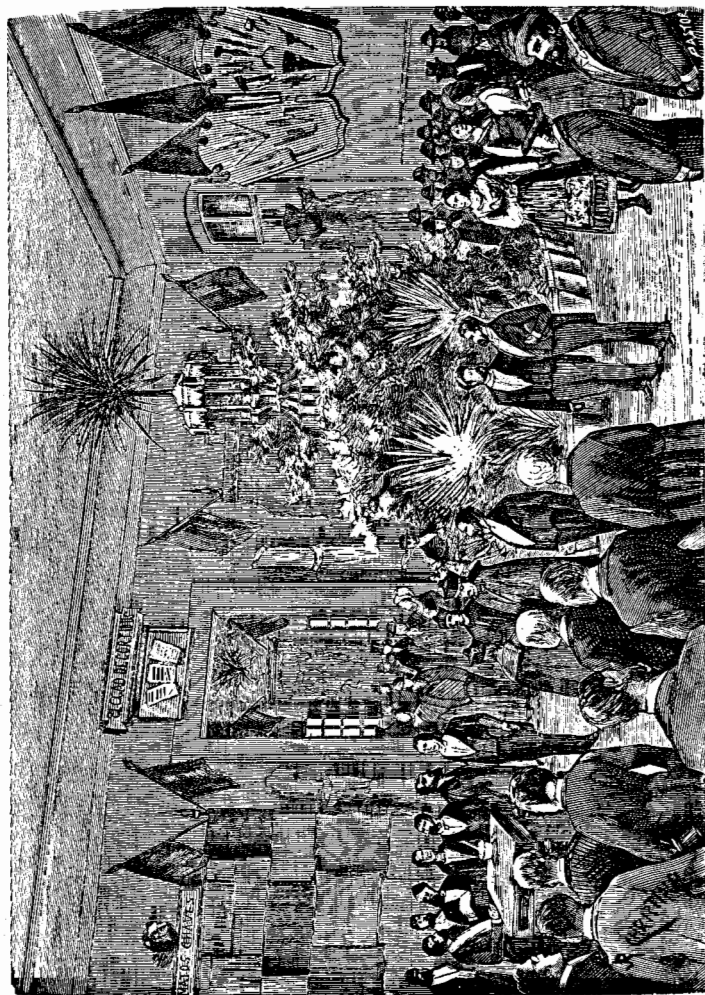
Curiosidade relativa, se considerarmos que o estudo e a pesquisa dos tempos e das situações passadas, possam, como podem, trazer demasias para os problemas de classificação económica e sociológica dos progressos de hoje, ao examinar e confrontar, em circunstância, toda a natureza regional dos assuntos de produção, que se articulavam à margem de cooperações e numa deficiente industrialização manual.

Zona de pobreza cerealífera, esta nossa, embora de vantagens elementares para mais altos desejos de curar as vicissitudes duma colónia frondosa de trabalhadores rurais e fabris, ainda hoje vemos que muitos operários da chumieira industrial, espalhados pelas freguesias do Concelho, para contrabalançarem o baixíssimo nível de vida, se adaptam acumuladamente aos serviços da terra, fabricando pequenos eidos e quintalórios, com a ajuda das mulheres e dos filhos (1).

Existe um raro folheto de Eduardo Moser, que em 1874 veio defender, por interesse próprio, a projectada via férrea de Bougado a Guimarães (2).

(1) Um dos primeiros inquéritos Agrícola Concelhios, foi organizado em Guimarães em 1887, tendo feito parte da comissão os Srs. Conde de Margaride, Dr. Luís Martins Pereira de Menezes e Dr. Joaquim José de Meira.

(2) «Breves considerações sobre a projectada via férrea de Bougado a Guimarães, feitas sobre dados estatísticos, por Eduardo Moser e dedicadas à Ilustre Câmara Municipal de Guimarães» — Porto, 1874.



Acto solene da inauguração, no Palacete de Vila Flor, em Guimarães, da Exposição Industrial Concelhia, em 1884, com a assistência do clero, nobreza e povo. (Grav. antiga em madeira)

Colheu vários documentos, obteve a simpatia de desempoeirados e progressivos espíritos, e deu à estampa uma valiosa estatística industrial, embora resumida, que conseguiu fosse organizada pelos vimaraneses Drs. Alberto Sampaio, Avelino da Silva Guimarães, José Joaquim de Lemos e José da Cunha Sampaio.

O autor do citado folheto vai apoiando as suas considerações em louvor e defesa da projectada via férrea, com tudo o que obteve de reforço sob o ponto de vista da importância económica do Concelho de Guimarães.

«Em 1871, na Câmara dos deputados, falando da via férrea de Braga, o deputado Alves Carneiro, depois de muitas considerações históricas sobre Guimarães, relatou a importância do seu comércio industrial e agrícola.

Disse que em 1864 o Concelho de Guimarães produziu 3.227.420 alqueires de diversos cereais, quase a terça parte de todo o distrito de Braga, e mais que os quatro da Maia, Santo Tirso, Famacão e Barcelos.

A sua propriedade anda colectada em 23.102\$196 réis. A sua indústria fabril, laureada nas Exposições de Londres, Porto e Braga, é importantíssima, principalmente em curtumes de couros, tecidos de linho e algodão, cutelaria e serralharia.

Em 1862 tinha Guimarães 41 fábricas de curtumes, produzindo anualmente cerca de 300.000 quilogramas de couros curtidos e preparados, para consumo e exportação.

Havia 18 fábricas de tecidos de linho e algodão, que produziam obra de 40.000 metros de toalhado e lençaria.

Havia 3 importantes fábricas de serralharia e 1 de cutelaria, que produziam em obra forjada e batida em ferro e aço 12.222 quilogramas, além de 18.000 tesouras.

Da sua indústria pagou Guimarães 3.645\$937 réis de contribuição, e os quatro concelhos já ditos 3.699\$928 réis.

Sua população é de 44.415 habitantes, quase metade dos referidos Concelhos» (1).

Seguem depois as 14 páginas da estatística da indústria vimaranense, datada de 20 de Agosto de 1874, que formulada embora em resumo, é uma tentativa de muito préstimo pelos dados curiosos que apresenta.

Na impossibilidade de os destacar, pelo tamanho, daremos o sumo da recapitulação, pois na verdade, tão elucidativo relatório estatístico dos eruditos Alberto Sampaio, Avelino Guimarães, José de Lemos e José da Cunha Sampaio, mereceria integral transcrição.

	Operários	Valor
Ourivesaria	85	240.000\$000
Curtumes e cola	352	652.000\$000
Correiros, Seleiros, etc.	45	14.000\$000
Calçado grosso	700	197.400\$000
Penteeiros	47	13.000\$000
Confeitaria		3.000\$000
Tecidos (cotins, riscados, etc.)	1.074	233.960\$000
Toalhado e Linha	936	278.250\$000
Papel	60	9.600\$000
Cutelaria	307	57.335\$000
Serralharia	70	16.050\$000
	<u>3.676</u>	<u>1.714.595\$000</u>

Estes números globais de 1874, podem ser facilmente comparados com os que aparecem, em cor-

(1) É muito importante ver hoje, em paridade, os diferentes e diversos números do quadro respeitante ao Concelho de Guimarães, expressivos e fabulosos, que em gráficos distintos apareceram na Exposição Histórica organizada em 1953 pela Sociedade Martins Sarmento.

No Concelho: 96.277 habitantes — Na cidade: 18.000.

Produção em milho: 16 milhões de litros.

» em centeio: 1 milhão e 200 mil litros.

» em batata: 5 milhões de quilos.

» em feijão: 1 milhão e 900 mil litros.

» em vinho verde: 12 milhões e 500 mil litros.

Pagamento de contribuição industrial — 14.700 contos.

» » » predial e outras — 8.350 contos.

Venda de papéis selados — 6.200 contos.

respondência de classes, no *Relatório da Exposição Industrial de Guimarães, em 1884*, dez anos volvidos, e verificar o volume de desenvolvimento obtido.

Pena é que o mesmo confronto estatístico se não possa fazer com os valores da Exposição de 1923, pois neste capítulo de números, foi absolutamente omissa a publicação comemorativa—*O Labor da Grei*.

Esperamos que estas indispensáveis estatísticas do valor progressivo da nossa indústria vimaranense, surjam com todos os pormenores elucidativos no esperado Relatório da Exposição de 1953, sem o que não será possível estabelecer um mapa material de confronto económico.

São indispensáveis, já hoje, em qualquer exposição, os quadros de trabalho, de produção, de importação, de exportação em todas as classes do movimento fabril e agrícola, condições sociais de técnica e de assistência, números de operários, de teares, de fusos e de todas as aplicações e condições que lhes são peculiares.

1886

Exposição de rosas em Valença.

Concorreram a esta Exposição, as seguintes damas vimaranenses.

Senhoras Condessas de Margaride e de Vila Pouca; D. Filomena Martins e D. Inês Queiroz, com ramalhetes diversos.

D. Inês Queiroz, com ramalhetes para casaco.

D. Filomena Martins, com corbelhas.

Esta dama vimaranense, obteve o 1.º prémio (1).

(1) «O Comércio de Guimarães», de 20-5-1886.

1888

Exposição Industrial Portuguesa, realizada em Lisboa, na Avenida da Liberdade. Catálogo da Secção Agrícola.

Barão do Pinheiro (?) Deverá ser, talvez, Barão de Pombeiro: Vinho verde (especial). 1887. Preço 25\$000 réis por 500 litros. Produção 55 hectolitros. Vinho verde tinto, comum. 1887. Preço 15\$500 rs. por 500 litros. Produção 520 hectolitros. (*Medalha de Prata*).

Francisco Martins Sarmiento: Vinho verde tinto 1887. Preço 22\$500 réis por pipa. Produção 150 hectolitros.

José Martins de Queiroz: Vinho verde 1887. Preço 100 réis a garrafa. Produção 12:000 litros. Vinagre 1887. Preço 200 réis a garrafa.

José Ribeiro Martins da Costa: Vinho verde tinto. Produção 200 hectolitros. (*Medalha de prata*).

Trigo.	Preço 800 réis.	Produção	1:600 litros
Centeio.	» 500 »	»	3:200 »
Milho.	» 600 »	»	560:000 »
Feijão de subir	» 900 »	»	3:200 »
» branco	» 800 »	»	3:200 »
» »	» 700 »	»	3:200 »
» amarelo	» 600 »	»	3:200 »

Francisco Joaquim Fernandes de Azevedo: Vinho tinto. Preço 20\$000 réis por pipa. Produção 25 pipas.

Vinho branco. Preço 22\$500 por pipa. Produção 2 pipas.

Azeite de oliveira. Produção 100 litros.

Mel virgem. Produção 20 litros. (*Medalha de cobre*).

António de Meneses: Vinho verde. Milho amarelo. Milho branco. Milho alvo. Painço. Feijão branco, amarelo, vermelho e fradinho. (*Medalha de prata*).

Casimiro de Castro Neves: Vinho verde. Preço 17\$000 réis. (*Menção honrosa*).

Manuel Dias da Costa (Vizela, Quinta da Fonte). Vinho verde.

Catálogo das Indústrias Fabris da mesma Exposição de 1888

Joaquim Martins de Oliveira Costa—fabricante de tecidos de linho e algodão. Expos uma colecção variada de toalhetes de algodão, meias de linha fina e rendada, meias de algodão, peúgas de linho, lenços de algodão e linho, colchas e panos de linho.

Guimarães & Filho—proprietários da real fábrica de Caneiros: cotins, riscados, grossarias e outros tecidos de algodão, linho e mistos de lã.

António da Costa Guimarães, Filho & C.^a—estabelecido ele mesmo com fábrica sua há mais de 30 anos, possuía, ao tempo do *Inquérito Industrial*, o principal depósito de tecidos de linho e algodão do Concelho, provenientes do próprio e do alheio fabrico. Os debuxos, tanto no atalhado de linho como nos de algodão, eram porém antiquados e careciam de variedade. Causava estes defeitos a falta de teares Jacquar, os quais, embora não fossem desconhecidos na localidade, não encontrava pessoal que soubesse utilizá-los.

Reconhecera o sr. Costa Guimarães, a conveniência de adoptar este grande aperfeiçoamento, e a comissão do *Inquérito* registava já no seu relatório a resolução que este sensato industrial tomara de mandar vir alguns daqueles maquinismos.

As instalações deste expositor e diligentíssimo industrial, apresentam agora os resultados dos seus esforços, provando quanto pode a vontade presevante e inteligente, posta ao serviço de uma boa causa.

A fábrica da firma expositora, que desde 1856 trabalhara com teares manuais, inaugurou em 1886 os mecânicos, que já hoje são em número de 30.

Uma boa máquina de vapor, com força de 20 cav. nominaes, os põe em movimento, não deixando de

existir ainda nas oficinas 20 teares manuais, com os respectivos acessórios.

Setenta indivíduos de ambos os sexos se ocupam nesta fábrica, onde as mulheres, como em algumas mais, estão em maioria. Os salários regulam entre 200 a 500 réis diários. Das matérias primas que emprega, o linho é português, em parte, e outro provindo da Irlanda. O fio de algodão simples, cru, é nacional.

A firma apresenta — cobertas de linho e algodão. Coxim de linho, de algodão, adamascado.

Guardanapos de linho, algodão, adamascados. Lenços de linho, linha em maços e panos de linho. Peúgas, toalhas e toalhetes.

Manuel Dias da Costa — Casa da Fonte, Caldas de Vizela. Este fabricante licorista começa apenas a sua indústria. Tomou, porém, como objectivo da extracção que promove dos seus produtos, Braga, Guimarães, Póvoa de Varzim e Famalicão, povoações onde os seus licores têm alcançado a mais lisonjeira acolhida. Igualmente a tem obtido das pessoas que procuram a própria Vizela, por benefício das suas águas.

Expõe: licores, genebra e conhaque.

A média anual da produção pode já calcular-se em 2.000 litros para cada uma das especialidades que fabrica. A maioria delas está facturada a 300 réis a garrafa; o aniz e o cumel cristalizados a 500 réis.

1889

Exposição de rosas e bazar de prendas em benefício da Penha. Rua de Sana Maria, 45 (1)

«Inaugurou-se no dia 30 de Junho, solenemente, a exposição de rosas e belas artes, com a assistência das autoridades civis e militares e da Comissão Mu-

(1) Realizou-se no palacete do sr. Abílio Aguiar, a Santa Clara.

nicipal, cujo digno presidente, o Ex.^{mo} Sr. Dr. Luís Martins Pereira de Menezes, depois de declarar aberta e inaugurada a exposição, exaltou a primeira tentativa destas exposições em Guimarães, e animou e aplaudiu os esforços empregados.

A exposição é muito digna de ver-se, e como primeira tentativa de exposições deste género em Guimarães, é realmente auspiciosa, e satisfaz plenamente a expectativa ainda dos mais exigentes. Em Rosas há ali variadíssimos exemplares.

Os nossos amadores fazem-se representar sem deshonra, e alguns até com vantagem.

Em flores naturais também a exposição se ostenta magnífica.

De par com alguns trabalhos das damas vimeiranas, que os exhibiram numerosos e excelentes, os amadores encontram ali muito que ver.

Em belas artes destacam-se, entre os numerosos quadros, alguns de rara beleza. Mencionaremos apenas uma paisagem a óleo, pela S.^{ra} Condessa de Vila Pouca ».

« A exposição de rosas, tanto pela curiosidade como pela disposição de magníficos trabalhos, tem agradado muitíssimo.

O certâmen, embora modesto, tem para nós uma significação particular, um alcance muito simpático, um fim muito brioso; é um ensaio notável, é uma tentativa enérgica, é a pequenina sombra dum desejo nobre.

A exposição é pequena, apesar de grande, é pobre, apesar de rica, é humilde, apesar de ser rica e grande.

No salão das belas artes há ricos trabalhos de expositores de Guimarães, Braga e Porto, a óleo, a matiz, prata, ouro, etc.

Nas outras duas salas estão as flores naturais e artificiais, bordados variadíssimos, a cabelo, a escumilha, a lãs, a matiz, a ouro, a canutilho, etc. ».

Expositores de flores naturais cortadas: Manuel Fernandes Guimarães; viúva Zeferino de Matos (Porto); Condessa de Vila Pouca; Horto Agrícola

Vimaranense; Manuel Pinheiro Caldas Guimarães; J. J. Peixoto Meireles; Dr. Alberto Sampaio; José Martins d'Aldão; João Pinto de Oliveira; Armindo da Costa (Vizela); António Ribeiro da Costa Salgado; Miguel Teixeira de Azevedo (Porto); Joaquim de Souza Brandão; Dr. Luís Vieira; Domingos Leite de Castro e Martins Branco (Porto).

Pintura a óleo e aguarelas — amadores: Condessa de Vila Pouca; D. Maria da Felicidade Sousa; D. Maria Amélia de Almeida Aguiar e D. Maria Augusta do Vale.

A craião: Condessa de Vila Pouca; José Matias dos Santos; Luís Augusto de Pina Guimarães; Augusto Pedro Pereira; D. Delfina do Vale Barreto; D. Delfina Laura Magalhães Vasconcelos; D. Luísa Cardoso de Menezes; D. Maria de Glória Sousa; D. Maria da Felicidade Sousa; D. Maria Augusta do Vale; D. Maria Amélia de Almeida Aguiar.

À pena: Luís Augusto de Pina Guimarães e diversos alunos da Aula Industrial.

Fotografias: Leopoldo Cirne.

Havia muitas e variadas secções: *de camisas, de toalhas, de lenços, de guarda-lenços, de almofadas, a seda e a lã, de pastas bordadas, de sacas a crochet.*

Quadros a cortiça, a lã, a matiz e ouro, a ouro e escumilha, a cabelo, a miolo de figueira, a penas de pavão.

Pinturas em vidro. Bordados a branco, em vidro.

Flores de cera. Flores de fitas de madeira.

Quadros a sola. Flores a sola. Mantos a ouro» (1).

(1) Ver «Religião e Pátria»; números 42, 44, 46, 50, da 45 série, e número 1 da série 46, de Maio e Junho de 1889.

1891

*Relatorios da Exposição Industrial
Portugueza em 1891 no Palacio de
Crystal Portuense*

« Na vitrine n.º 277 teve uma importante exposição de bordados, panos de linho, atalhados, rendas e linha em fio, o *Sr. Joaquim Martins de Oliveira e Costa & C.ª*, de Guimarães.

Nela se viam lindíssimas roupas para cama, de fino linho; toalhas para mesas e guardanapos em linho de lindos adamascados; todas as roupas brancas precisas a uma senhora, guarnecidas de lindos bordados e delicadas rendas; roupas para homem; linha em fio, tão alva e fina como a mais delicada seda; panos de linho e de estopa ».

.....

« São produtos da nossa indústria e da nossa agricultura também, com especialidade da agricultura do nosso belo Minho e da indústria da velha e fidalga cidade de Guimarães, tão pequenina em dimensões mas tão grande e opulenta em títulos de nobreza, que lhe deu o foro de pátria do nosso primeiro Rei, o grande e guerreiro Afonso Henriques, a quem Deus deu ali o berço e os dias da primeira infância, tão rica de vida, onde todos trabalham activos e corajosos, presos às antigas tradições de atraente modéstia e rigidez de usos e costumes.

Não te censuro por esse teu aferramento às tuas antigas ideias, usos e costumes, nobre e guerreira Guimarães!

Não, louvo-te até e muito, por esse amor ao teu lar, por esse respeito ao passado, por esses hábitos patriarcaes, pois se o progresso ainda não conseguiu assentar os seus arraiais dentro dos teus velhos muros e ali fazer definitivamente o seu campo de luta, também o camartelo da moderna destruição não pôde ainda demolir-te os antigos monumentos, esses livros de pedra que tão alto falam do teu rei, que à sombra das seculares muralhas do teu castelo, concebeu e fez robustecer na mente, tantos, tão nobres e valorosos feitos de guerra de que Portugal tanto se ufanou outrora e de que ainda hoje se vangloria, e de que tu, sempre leal aos teus reis, jamais te olvidarás, nobre e austera matrona!

Guarda, guarda nobre Guimarães, essas valiosas reliquias de um passado de glórias e opulências; guarda-as e não consintas que as modernas reformas vão tirar-te essa forma vetusta que chamam *fefa* e *pesada*, mas que só é a santa e nobre linguagem de um falar de avós que continuamente nos diz:

« Nobreza, lealdade, energia, heroicidade ».

Guarda, guarda a tua montanha da Penha, o teu Castelo, a tua Sé, os teus conventos, todas essas imagens grandiosamente poéticas de uns tempos que jamais voltarão; que haja ao menos num cantinho de Portugal, quem guarde como reliquias do passado, um fragmento do largo manto de muralhas do velho lidador de outrora, e que teus filhos continuem a manter ilesa a fama gloriosa e nobre de artistas inteligentes e activos industriais...» (1).

Couros e peles preparados.

... Assim o atesta a primeira exposição de bezerros, atoados secos e verdes, as vitelas; couros pretos, roxos, secos e verdes, fabricados por *Almeida e Irmão (Guimarães)*, que brilhantemente demonstram o que os esforços destes inteligentes industriais têm conseguido. O mesmo diremos dos produtos de *J. Maria Leite (Guimarães)* (2).

José Augusto Ferreira da Cunha — artigos de chifre e utensílios agrícolas.

« As indústrias têm as suas tradições, os seus sistemas e os seus segredos, estes mais ou menos patenteados, mas ficando sempre alguma coisa de oculto. Lendo a descrição que nos faz o sr. José Augusto Ferreira da Cunha, de Guimarães, vemos que a sua cutelaria, onde se encontram instrumentos de largo consumo, os garfos, as facas e navalhas, as tesouras, podões e enxós, os fechos, fechaduras e trincos, etc., se acha disseminada por muitos locais, separando os diversos ramos, de que a indústria se compõe, pautando o serviço pela divisão do trabalho, e empregando apenas os processos manuais.

Com este sistema, para que a produção seja económica como se patenteia pelos preços, é mister que haja métodos tradicionais de fabrico, que habilitem esta oficina a lutar com outras, onde se empregam meios mais expeditos.

Se pelo que diz respeito à cutelaria, este distinto fabricante se não queixa dos efeitos da concorrência que fazem aos seus operários outras fábricas, onde se lança mãos dos do recurso poderoso dos maquinismos, lamenta ele e com razão, a triste situação dos operários de pentes, que só conseguem viver trabalhando dezoito horas por dia, porque a concorrência das fábricas que produzem pelas máquinas, é de tal ordem, que só com este trabalho incomportável o infeliz operário consegue um salário de 80 a 280 réis.

Não é possível subsistir assim; ninguém se sustenta com 80 réis, e ainda menos aguenta com o trabalho de dezoito horas nas vinte e quatro do dia.

(1) Páginas 342, 347, e 348 do citado Relatório de 1891.

(2) Página 364 do citado Relatório de 1891.

E se com essa protecção pautal extraordinária em artigo de bastante consumo, os operários chegam a esta miséria, só há um de dois recursos: abandonar o officio ou acompanhar o progresso da indústria, lançando mão dos mesmos meios, que a torna próspera em outros países» (1).

*Catalogo da Exposição Industrial
Portugueza em 1891, no Palacio
de Crystal Portuense*

N.º 238—*José Augusto Ferreira da Cunha, successor de Augusto Mendes da Cunha* (Guimarães, rua Nova de Santo António, n.ºs 27 e 29).

Tesouras para alfaiate, a 8\$000 rs. cada uma; tesouras para decotar árvores, a 6\$500 rs. cada uma; tesouras para aparar murta, a 3\$000; tesouras para bordar, a 900 rs.; facas para mato, a 2\$500 rs.; machados, de 360 a 800 rs.; alviões, a 800 rs.; picaretas, a 800 rs.; plainas, a 320 rs.; garlopas, a 1\$000 rs.; juntouras, a 650 rs.; enxós, a 600 rs.;

N.º 521—*O mesmo expositor*: garfos de ferro polidos e estanhados. Tesouras, ferros para hóstias, facas, cutelos, talheres, pares de trinchantes, navalhas, fechaduras, trincos, fechos, caravelhos, trinquetes, argolas para portais, martelos, escorchadeiras, podões, enxós, fources com baioneta, tesouras de prata, tesouras de metal branco e de ferro, para papel, tesouras para alfaiate, punhais.

Este expositor ofereceu, acerca desta indústria em Guimarães, o seguinte curioso relatório:

Cutelaria—Esta indústria, compreendendo muitas secções, exige que a dividamos e estudemos cada uma em separado.

Montada em diminutas e singelas officinas, tanto dentro da cidade como nas freguesias rurais, as obras são todas forjadas e batidas. A instalação de cada uma é extremamente

(1) Pág. XCI da Introdução do citado Relatório, escrito pelo Conde de Samodães, presidente da Direcção do Palacio de Cristal e da Comissão executiva da Exposição Industrial no Porto, no ano de 1891 a 1892.

simples: bigornas, forjas pelo sistema do tempo remoto, martelos, tornos fixados em toscos tabuleiros, limas, mós de amolar e rodas de polir, movidas manualmente, são os principais e meramente os únicos aparelhos do trabalho.

Os patrões ou mestres, trabalham familiarmente com os seus oficiais; o nível moral e a educação de uns e outros é paralelamente igual.

As oficinas são todas lojas térreas. Os mestres ora trabalham por conta dos negociantes da cidade, ora por sua conta, tendo quase a certeza de neste caso lhes venderem a obra que produzirem.

Estas vendas fazem-se geralmente aos sábados e aos domingos pela manhã. Não têm recursos capazes de empatar os produtos além de uma semana, de forma que, por este modo liquidam semanalmente os seus negócios; vendem a produção, pagam as matérias primas aos negociantes que lhes fiaram e os salários aos seus oficiais. Na semana seguinte repetem a mesma operação e assim sucessivamente.

Esta cutelaria compreende-se das maneiras seguintes:

Facas para mesa, ordinárias, médias e finas—São fabricadas especialmente na cidade. Os cuteleiros que se empregam neste mister, dividem-se desta forma: uns, só unicamente forjam; outros, só limam e amolam, e outros só acabam, caxeando as facas (cravar-lhes nos cabos o osso ou chifre) e polindo-as.

Empregam-se nesta secção 50 pessoas, mestres e oficiais, divididas por muitas oficinas pequenas. A ferramenta de todas pode valer, aproximadamente, 450\$000 réis. As lojas onde estão instaladas, segundo as rendas que pagam, pode-se-lhes dar um valor de 4:000\$000.

As férias dos operários regulam por 320 rs. diários, e aos mestres pode-se-lhes calcular o salário de 500 a 600 réis diários.

Produzem-se por semana, aproximadamente 200 dúzias, cujos preços variam desde 500 a 2\$800 rs. cada dúzia.

As matérias primas que empregam, ferro, aço, carvão, e outras miudezas, devem regular por 3.000\$000 réis.

Apenas uma quarta parte destes operários, sabe ler e escrever, mal, e os restantes são analfabetos.

Todos os mestres têm a sua marca especial, que adoptam quando se estabelecem, com o seu nome e número.

Operários do sexo masculino: 38 maiores e 12 menores.

Matérias primas — 3.000\$000 réis.

Produção — 9.500\$000 »

Capital — 4.450\$000 »

Cutelos, facas de mato, facas para cozinha, etc. — Esta secção tem-se desenvolvido. Pode-se-lhe dar 12 operários. Avaliamos a produção anual destes artigos em 1.800\$000 réis, custando as matérias primas 500\$000 rs.

Tesouras — Os operários que se ocupam nesta secção devem regular por 50, divididos por muitas oficinas, em algumas das quais trabalha uma só pessoa. A obra que produzem contém uma imensa variedade.

O local das oficinas é em Guimarães, mas algumas estão localizadas nos seus arredores.

Matérias primas, 3.000\$000 réis. Produção, 11.250\$000 rs.
Capital, 5.800\$000 rs.

Machados, podões, etc. — Matérias primas, 357\$000 réis.
Produção, 1.462\$500 rs. Capital, 318\$000 rs.

Navalhas — As oficinas deste artigo estão instaladas em edifícios de aspecto igual ao das precedentes, na cidade e em algumas freguesias rurais. São ao todo, 12. O pessoal de cada uma não atinge acima de duas pessoas. Fabricam-se aproximadamente 36 dúzias de navalhas por semana. São fabricadas em grande variedade de feitios e tamanhos.

Matérias primas, 1.100\$000 réis. Produção, 2.700\$000 rs.
Capital, 1.560\$000.

Garfos ordinários — A fabricação principal está situada em cinco freguesias rurais do concelho: S. Martinho, S. Clemente e S. Lourenço de Sande, Cadelas, e Santa Cristina de Longos. Há nelas 250 pessoas empregadas neste trabalho, distribuídas por pequenas oficinas.

A ferramenta de todas pode valer 1.323\$000 réis.

O valor das lojas pode ser de 6.300\$000 rs.

O seu trabalho constante é de doze horas diárias.

Os mestres forjam e racham os garfos, e os oficiais limam e brunem, e em parte estancam.

A produção é aproximada a 200.000 dúzias anuais, no valor de 20.000\$000 réis, sendo os preços variáveis entre 90 e 120 rs. por dúzia.

A produção desta indústria tem diminuído nos últimos anos. Com um jornal tão diminuto, vê-se que os operários dificilmente podem adquirir meios de subsistência. Actualmente procuram outros empregos. Todos estes garfos, excepto uma diminuta quantidade que vai para Braga, são vendidos pelos próprios fabricantes aos comerciantes de Guimarães, que os exportam para todo o país e para algumas províncias espanholas.

Operários do sexo masculino: 210 maiores e 40 menores.

Matérias primas, 5.800\$000 réis; Produção, 20.000\$000 rs.;
Capital, 7.623\$000 rs.

Garfos médios e finos: Trabalham nesta secção 36 pessoas, mestres e oficiais, divididas em pequenas oficinas. O fabrico está localizado na cidade de Guimarães, nas Pedras Alveiras, Souto e S. João de Ponte.

A ferramenta de todos pode valer 100\$000 rs. As lojas onde trabalham devem regular por 1.800\$000 rs., segundo as rendas que pagam.

Fabricam por semana, aproximadamente, 240 dúzias de garfos. A produção anual regula por 12.000 dúzias, na importância total de 4.140\$000 rs. As matérias primas podem orçar por 1.100\$000 rs. Capital, 2.800\$000 rs.

Pentes de chifre — São produzidos meramente de ponta de boi, e são fabricados de várias formas e tamanhos. Da mesma matéria também fabricam calçadeiras e outros tra-

balhos miúdos. O número de pessoas-ocupadas neste officio regula por 40, das quais, 13 menores.

A ferramenta de cada officina consta de grossas limas, serras, bancos, etc. Valerá 10\$000 rs. cada uma, e as lojas onde estão instaladas podem valer, segundo a sua renda, 1.640\$000 réis. Esta indústria tem diminuído sensivelmente.

A concorrência dos pentes estrangeiros, fabricados mecânicamente, vai-a destruindo. Têm tentado afrontá-la, baixando aos preços, e para compensar a diferença, trabalham 16 e 18 horas por dia. O salário que fica a cada operário, varia segundo as idades e aptidões: 80 a 280 rs.

Empregam por ano, aproximadamente, 55.000 pontas de boi, que ao preço médio de 11.500 rs. o cento, importa em 6.325.000 réis. Cada official pode produzir por dia 4 dúzias de pentes, cujo preço varia entre 80 e 380 rs. a dúzia.

A produção não excederá a 45.000 dúzias, com um valor aproximado a 10 000\$000 rs. A raspa de chifre é vendida, como especial adubo agrícola, e valerá 600\$000 rs. (1).

N.º 269 — *Antônio da Costa Guimarães, Filho & C.ª* (Fábrica de tecidos a vapor do Castanheiro — Guimarães).

Toalhetes de algodão de diferentes qualidades e tamanhos, de 1.500 a 5.000 réis a dúzia.

Lençóis de 2^m × 1,60^m, a 1\$000 rs. cada um.

Guardanapos de diferentes qualidades e tamanhos, de 500 a 1\$400 rs. a dúzia.

Toalhas de 240 a 1\$500 rs. cada uma.

Colchas de diversas marcas, de 1.100 a 2.200 rs. Ditas de linho e algodão, a 7\$000 e 20\$000 rs.; estas últimas são inteiriças.

Esta fábrica também produz tecidos somente de linho.

Ocupa 10 homens, 45 mulheres e 6 crianças, sendo os jornais dos homens de 300 a 600 réis; os das mulheres, de 140 a 240 rs.; e os das crianças de 70 a 100 rs.

Emprega uma máquina a vapor da força de 20 cavalos, teares mecânicos simples com maquinas com Jacquards.

Os mercados de consumo são o país e o Brasil.

Obteve medalha de ouro na Exposição do Rio de Janeiro (1879), de prata, nas seguintes: Por-

(1) Págs. 297 a 304 do referido «Catálogo da Exposição».

tuense (1857), Braga (1863), Lisboa (1888) e Paris (1889), de bronze nas de Viena de Áustria (1873) e Filadelfia (1876), menção honrosa na de Paris (1878) e diploma de 1.^a classe na de Paris (1889).

N.º 292 — *Joaquim Martins de Oliveira Costa & C.^a* (Guimarães, campo do Toural, 70 a 73).

Toalhas de algodão, toalhetes, guardanapos e lenços.

Bordados em linho.

Foi premiado com diploma de 1.^a classe na Exposição de Guimarães (1884), com medalha de cobre na de Lisboa (1888), e com medalha de bronze e menção honrosa na de Paris (1889).

N.º 298 — *António da Costa Guimarães, Filho & C.^a* (Guimarães).

Panos de linho, em peças de 15 metros de larguras várias.

Panos branqueados, em peças de 7^m,30 a 32^m,40.

Toalhetes de linho de diversas qualidades e tamanhos, de 2.400 a 6.000 rs. a dúzia.

Guardanapos, desde 800 a 4.500 rs. a dúzia.

Toalhas de linho, desde 1.050 a 7.200 a dúzia.

Colchas de linho, desde 4\$500 a 27\$000 rs. cada uma.

N.º 377 — *Almeida & Irmão* (Guimarães. Escritório, rua da Caldeiroa).

Bezerros em curtumes de casca e de sumagre.

Atanados secos (aparelho em branco). Ditos verdes (aparelho em branco).

Vitelas de Guimarães (bezerros verdes em branco e preto).

Couros pretos para tamancos, idem, roxos.

N.º 389 — *José Maria Leite* (Guimarães).

Vitelas, touras, loros verdes e atanados secos.

N.º 391 — *Mendes Ribeiro & Sobrinho* (Guimarães).

Seleiro da terra, a 800 rs. o quilo.

Seleiro do Brasil ou seco, a 700 rs. o quilo.

Couros do Brasil ou secos, a 800 rs. o quilo.

Toura, a 1\$300 réis o quilo. Vitela, a 1\$600 rs. Foi premiado com medalha de prata na Exposição de Braga, em 1863.

N.º 428 — *Pedro Pereira da Silva Guimarães* (Guimarães, rua Nova de Santo António, n.º 11 a 13 e rua de Val-de-Donas, n.ºs 1, 3, 5, 7, 9 e 11).

Camisolas lisas, brancas, pretas e diversas cores, desde 100 a 400 réis.

Camisolas caninha, de diversas cores, desde 200 a 900 rs.

Camisolas concha, cruas, a 290 rs.

Camisolas *piqué*, cruas, com fitas de cor.

Ceroulas lisas e caninha, cruas. Meias e coturnos.

1893

Relatorio e Catalogo da Exposição Industrial Portuguesa realisada no Museu Industrial e Commercial de Lisboa em 28 de Julho de 1893—Elaborados por determinação do Ministro das Obras Publicas, Commercio e Industria, Dr. Bernardino Luiz Machado Guimarães.

N.º 235 — *António da Costa Guimarães, Filho & C.ª* — Fábrica de tecidos a vapor do Castanheiro — Guimarães.

Toalhetes de linho de diferentes qualidades e tamanhos.

Preços, por dúzia, 2\$400, 3\$000, 3\$500, 4\$800, 6\$000, 7\$000, 8\$000, 12\$000 e 13\$200 réis.

Toalhetes de linho crivo e renda em volta. Preço por dúzia, 22\$800 réis.

Guardanapos de diferentes qualidades e tamanhos. Preço, por dúzia, desde 800 a 4\$500 réis.

Toalhetes de diferentes qualidades e tamanhos. Preço, por cada uma, desde 1\$050 a 7\$200 réis.

Amstras de pano branqueado. Preço por metro, desde 280 a 850 réis.

Amostras de panos, de linho. Preço por metro, desde 170 a 1.200 réis.

Lenços de diferentes qualidades e tamanhos. Preços, por dúzia, 1\$000, 1\$300 e 2\$880 réis.

Meias de linho. Preços, por dúzia de pares, 6\$000 a 18\$000 réis.

Peúgas de linho. Preços, por dúzia de pares, 3\$000 a 6\$000 réis. Mercados de consumo: Portugal e Brasil. O expositor emprega na sua fábrica, 10 homens, 45 mulheres e 6 crianças, regulando os salários dos homens de 300 a 600 réis, os das mulheres 140 a 240 réis e os das crianças de 70 a 100 réis.

N.º 258 — *António da Costa Guimarães, Filho & C.ª — Guimarães*. Toalhetes de diferentes qualidades e tamanhos. Preços, por dúzia, 1\$500 a 5\$400 réis.

Guardanapos de diferentes qualidades e tamanhos. Preços por dúzia, desde 500 a 1\$400 réis.

Toalhas, de diferentes qualidades e tamanhos. Preços, por cada uma, desde 240 a 1\$500 réis.

Meias bordadas. Preços, por dúzia de pares, 1\$440, 2\$160 e 2\$400 réis.

Meias lisas. Preço, por dúzia de pares, 2\$160 réis. Peúgas. Preço, por dúzia de pares, 1\$320 réis.

N.º 364 — *Manuel Pinheiro da Costa & Filho — Guimarães*. Charuteira. Preço 1\$000 réis.

(Propriedade do museu Industrial e Comercial de Lisboa. Produto apresentado na Exposição inaugurada em 1887).

N.º 374 — *Manuel Pinheiro da Costa & Filho — Guimarães*. Pentes, diferentes feitios. Preços, desde 40 a 180 réis.

Pente fingindo tartaruga. Preço 120 réis.

(Propriedade do museu Industrial e Comercial de Lisboa. Produtos apresentados na Exposição inaugurada em 1887).

N.º 437 — *Manuel Pinheiro da Costa & Filho — Guimarães*. Faca lisa para cortar papel. Preço 120 réis.

Faca rendilhada para cortar papel. Preço 800 réis. (Produtos apresentados na Exposição de 1887).

1894

Em 2 de Agosto de 1894, foi inaugurada no Clube Comercial Vimaranesense, uma exposição de curiosidades.

«Continua a chamar a atenção no nosso público, a bonita exposição de curiosidades instalada nos salões do Clube Comercial Vimaranesense.

Há com efeito ali coisas muito dignas de se verem, e o conjunto da exposição é deveras atraente e convidativo, não só para os amadores daquelas especialidades, como para todos os que desejam passar algum tempo na vista geral e na análise especial dos objectos expostos.»

«Entre vários, os Srs. João Crisóstomo de S. Brandão, António de Freitas Ribeiro, P.^o António Monteiro, José L. da Cruz, Dr. Manuel de Jesus Pimenta, Dr. José da Cunha Sampaio, Dr. Alberto da Cunha Sampaio, António Joaquim de Freitas Guimarães, D. Maria Emília Teixeira da C. Freitas, Domingos José Ribeiro Guimarães, Paúl von Wagner, Bernardino Rebêlo Cardoso de Menezes, Mariano Augusto da Rocha e Francisco C. Pinto, expõem cerâmica antiga, pintura em vidro, obra de talha, jóias, colchas, etc., etc.» (1).

«A exposição está regularmente representada, havendo colecções da fauna Europeia, Asiática e Africana, e de mineralogia; aprestos guerreiros, ídolos, ornamentos e objectos de uso doméstico de várias tribus selvagens; cerâmica antiga, gravuras e pinturas em vidro, cobre e tela, e avultados espécimes de diversos trabalhos do notável artista português Domingos António de Sequeira.

Entre outros objectos de cerâmica antiga, de muito merecimento, obras de talha e jóias antiquíssimas, admiram-se na exposição dous magníficos

(1) «Religião e Pátria» de 4 e 8 de Agosto de 1894.

cálices dos séculos XII e XVI, que já figuraram na exposição ornamental de Lisboa.

Entre os muitos expositores, contam-se mais: Dr. Augusto Chaves, Rodrigo José Leite Dias, António Augusto da Silva Carneiro, José Mendes da Cunha, General Tomás Júlio da Costa Sequeira, A. F. Costa e Almeida, Luís Dias de Castro, José Pinto da Rocha, D. Ana do Carmo Barroso, Eduardo Manuel de Almeida, Dinis da Costa Santiago, M. J. da Silva Miranda e Miguel Pinto Guedes (1).

Os promotores desta Exposição foram: Eduardo de Almeida, Silvino Aguiar e Rufino Ferreira.

1895

Exposição de arte sacro-ornamental, em Lisboa.

Relação dos objectos que desta cidade foram enviados para a Exposição sacro-ornamental de Lisboa:

Cálice, pertencente à Irmandade das Almas de Santa Marinha da Costa.

Cálice, pertencente à freguesia de S. Salvador de Briteiros.

Cofre esmaltado, pertencente à Sociedade Martins Sarmiento (2).

Cruz processional de latão, com crucifixo esmaltado, pertencente ao Sr. Dr. Avelino Germano da Costa Freitas (3).

(1) «O Comércio de Guimarães», de 26-7-1894.

(2) Este valioso cofre bizantino, de prata, foi roubado, juntamente com outros objectos, em 1919. Nunca mais se chegou a descobrir o seu paradeiro.

(3) Esta preciosa cruz românica, de metal, atribuída ao século XII, foi oferecida, em 1927, pelo filho do Dr. Avelino, o Sr. Fernando da Costa Freitas, ao museu da Soc. M. Sarmiento, onde se encontra.

Cruz processional, de cobre fundido, pertencente ao Sr. José Pinto da Rocha.

Cruz processional gravada a cinzel e com meda-
lhões gravados, denominada de S. Gonçalo, pertencente à Junta de paróquia de Tágilde.

Cruz processional, pertencente a José Maria da Costa.

Uma salva de prata, pertencente ao mesmo Sr.

Dous quadros a óleo, em tela, representando um, S. Pedro, e outro S. Paulo, pertencentes à Irmandade de S. Pedro.

Duas Colchas, uma japonesa e outra bordada a matiz sobre cetim vermelho, pertencentes ao Sr. José Maria da Costa (1).

1896

Regulamento e Programa da Exposição de Rosas, plantas diversas, confecções de flores naturais e flores artificiaes no Clube Commercial Vimaranes em Maio de 1896.

«Roseiras em flor, em vasos. Rosas cortadas: híbridas de chá e *noisete*.

Arbustos e plantas ornamentais. Pelargónios diversos. Amores perfeitos, em vasos. Plantas anuais e vivazes, em flor.

Decorações e confecções de flores naturais: Uma corbelha, um centro de mesa, uma coroa, uma peça de fantasia.

Havia concursos para horticultores e amadores».

Comissão: António Guimarães, José Miguel da Costa Guimarães, António Peixoto de Matos Chaves, Manuel Pinheiro Caldas Guimarães, Álvaro da Costa Guimarães, António de Oliveira Martins, António Joaquim Rebêlo Júnior, António A. de Gouveia e Silva.

(1) «O Comércio de Guimarães», de 17-6-1895.

« Inaugurou-se ontem, pela 1 hora da tarde, a exposição de rosas. Este certâmen é uma glória para Guimarães, para os seus promotores e para os expositores. No Minho, segundo ouvimos a alguns amadores do Porto, ainda não se fez exposição igual, não só pela variedade de flores, como pelos magníficos e raríssimos exemplares que se apresentaram.

O júri para os amadores foi constituído pelos Srs. José Pedro da Costa, Jacinto Matos e Aurélio da Paz dos Reis.

Para os horticultores: Dr. Luís Vieira, Dr. Joaquim de Meira e José Dias Alves Pimenta » (1).

1897

*Exposição de crisântemos no
Palácio de Cristal do Porto.*

Vários amadores vimaranenses apareceram ao concurso.

Porém, nesta Exposição, obteve o 1.º prémio (medalha de ouro, de primeira classe, com louvor do júri) no concurso entre amadores, o vimaranense sr. António Gouveia.

Referindo-se aos crisântemos expostos, escreve « O Comércio do Porto ».

Outro amator distinto é o sr. António Gouveia, de Guimarães.

Não podem ser mais perfeitas as flores cortadas que expõe e que demonstram uma cultura esmeradíssima, atingindo algumas um tamanho extraordinário, como as que se denominam « Colosse Grenoblois », « Henri Wonder » e « M. Toukouba ». A impressão que nos deixam os 50 crisântemos cortados deste amator, é na realidade excelente (2).

(1) Como a lista dos expositores é grande, visto que a esta Exposição concorreram muitos amadores e alguns horticultores, não só de Guimarães, como de Braga e do Porto, ver a relação dos premiados de honra em « O Comércio de Guimarães » de 11 de Maio de 1896.

(2) « O Comércio de Guimarães » de 11 de Novembro de 1897.

1897

*Catalogo da Exposição Industrial
Portugueza em 1897 no Palacio
de Crystal Portuense.*

Alvares Ribeiro — Fábrica de Papel de Vizela (Porto, Rua Chã, 132).

Amostras de papel e papelão.

Preços do papelão e papel de embrulho sem cola: 80, 85, 90, 95, 100, 105, 115, 120, 125 e 130 réis cada quilograma.

O preço do papelão e papel *collado* é de mais de 20 réis em quilograma que o idêntico não *collado*.

O colorido artificial do quilograma de papel ou papelão custa 10 ou 20 réis.

Preço do papel almaço: 1\$300, 1\$400, 1\$500, 1\$800 e 2\$000 cada resma.

O transporte é feito por conta da fábrica para o Porto, Braga e Guimarães.

A fábrica vende a dinheiro e abate 4,6 e 8 por cento ao comprador de 200 quilogramas, inclusivé, para cima.

A correspondência pode ser dirigida à fábrica de papel de Vizela — S. Martinho de Campo, Negrelos.

A fábrica de papel de Vizela foi construída há 108 anos, na margem direita do rio Vizela, sob a inspecção da Real Junta do Comércio, Agricultura, Fábricas e Navegação do Reino de Portugal e seus Domínios, por alvará régio de 24 de Novembro de 1789.

Obteve diploma de medalha de prata concedido pelo grande júri qualificador na exposição agrícola de Braga em 1863, como recompensa ao mérito.

Esta fábrica fornece papelão de trapo e de palha.

Emprega, como motores, rodas hidráulicas, e na produção um pequeno engenho e algumas tinas.

É muito variável o valor da sua produção anual.

Escola Industrial Francisco de Holanda (Guimarães) — Desenhos.

Fábrica de pentes a vapor da Madrôa (Rua da Alegria — Guimarães) Pentes de chifre e de celulóide. Pregos para o cabelo.

Francisco de Oliveira e J. R. de Freitas (Guimarães, lugar do Pinheiro e largo da Oliveira).

Talheres (faca e garfo) estilo Luiz XVI.

» » » » cabo botão de tulipa (pau preto).

Talheres (faca e garfo) cabo botão de tulipa (chifre).

Talheres com trinchador, cabo de buxo.

» de sobremesa, de caixa e sortidos.

Facas para manteiga e queijo.

» para batata; de serrote; à espanhola e à francesa.

Cutelos de picar. Punhais. Trinchadores sortidos.

A sua oficina foi fundada em 1892.

O custo das matérias primas regula por 400\$000 rs. e o valor anual da produção por 1.000\$000 réis.

Manuel Pinheiro da Costa & Filho (Guimarães).

Pentes de chifre (1).

(1) *A fábrica da Madrôa*, de Dias & Irmão, não passa despercebida ao visitante, pelo gosto delicado e artístico como nela se acham dispostos os pentes. Esta importante fábrica acha-se montada com máquinas e aparelhos dos mais aperfeiçoados para o fabrico dos produtos da sua indústria.

Manuel Pinheiro da Costa & Filho expos um pequeno quadro com 33 pentes de chifre.

Francisco de Oliveira e J. R. de Freitas, exposeram cutelarias, que são um verdadeiro primor de arte já pela perfeição das lâminas e do espelhado, já pelo esmero dos cabos.

Das 40 indústrias vimaranenses, é triste dizê-lo, nada mais apareceu na Exposição do Palácio de Cristal!

Pena foi que os fabricantes produtores e negociantes de Guimarães, uma das primeiras terras industriais de Portugal, e que se ufana de contar, já em remotas épocas, artífices exímios, não aproveitassem esta ocasião, para demonstrarem a importância industrial do nosso concelho. É na verdade para estranhar que a nossa indústria de tecidos brancos de linho e algodão e mistos — uma das mais antigas do concelho e que hoje atingiu o seu auge de perfeição, — não concorresse ao certâmen industrial, sendo certo que os seus produtos nada deixam a desejar aos similares estrangeiros, e sendo igualmente verdade, que, se em todo o norte do país se tece mais ou menos pano de linho, só aqui este trabalho adquire a importância duma indústria de exportação.

Eram igualmente dignos de se apresentarem os fabricantes de curtumes, cuja indústria, já pelo valor da produ-

1910

*Exposição Agrícola de Guimarães
e Mercado especial das Indústrias
Vimaranenses — Agosto de 1910 por
ocasião das festas da cidade.*



Anv.



Rev.

*Medalha da Exposição Agrícola e Industrial de 1910
em Guimarães.*

(Do Museu da Soc. M. S.)

No antigo Terreiro de S. Francisco ou largo de D. Afonso Henriques, promovida pela Associação Comercial, organizou-se em dous elegantes pavilhões, expressamente construídos para esse fim, um mostuário de algumas indústrias de Guimarães e dos produtos agrícolas produzidos no Concelho.

Como desta Exposição se não publicou nenhum Relatório, será curioso destacar neste lugar, os nomes dos expositores vimaranenses, e sòmente estes, pois na parte agrícola, grande número de expositores era estranho ao Concelho. De Braga, Porto, Viana, Felgueiras, etc., vieram muitos produtos agrícolas.

ção, 529.700\$000 réis anuais, já pelos grandes capitais de que dispõe, é a mais importante e poderosa do concelho.

Os cuteleiros vimaranenses, tão justamente afamados por todo o país, deviam ter concorrido em larga escala, para mostrarem o aperfeiçoamento dos seus artefactos. («O Comércio de Guimarães» de 21 de Outubro de 1897).

Era autorizada a venda de todos os productos expostos, só podendo ser retirados depois de encerrada a Exposição.

Foi permitido à *Missão Agrícola Conde de Agrolongo*, instalada na Sociedade Martins Sarmento, concorrer a qualquer das secções.

Indústria — Neves & C.^a, mobiliário riquíssimo à Luís XV e sala de jantar à arte nova. Objectos em pau preto.

Manuel Bernardo Alves — tecidos de lã e algodão.

Gabriel de Faria e Manuel Luís de Matos — calçado.

Simão Ribeiro e José Caetano Pereira — cabe-dais e vitelas nacionais.

Lerdeira & C.^a — pentes.

José Ribeiro de Freitas — artigos de arte.

Companhia de Fiação e Tecidos de Guimarães.

António da Costa Guimarães Filho & C.^a

Colégio de Nossa Senhora da Conceição — primorosos trabalhos em flores.

Eduardo da Silva Guimarães — pentes.

Fábrica de tecidos de Francisco Inácio da Cunha Guimarães.

Isaura da Silva Pargas — bordados.

Domingos Alves Machado — trabalhos fotográficos.

Minerva Vimezanense — trabalhos tipográficos.

Francisco Marques, o «melro» — móveis.

Joaquim dos Santos Pinheiro — trabalhos de escultura.

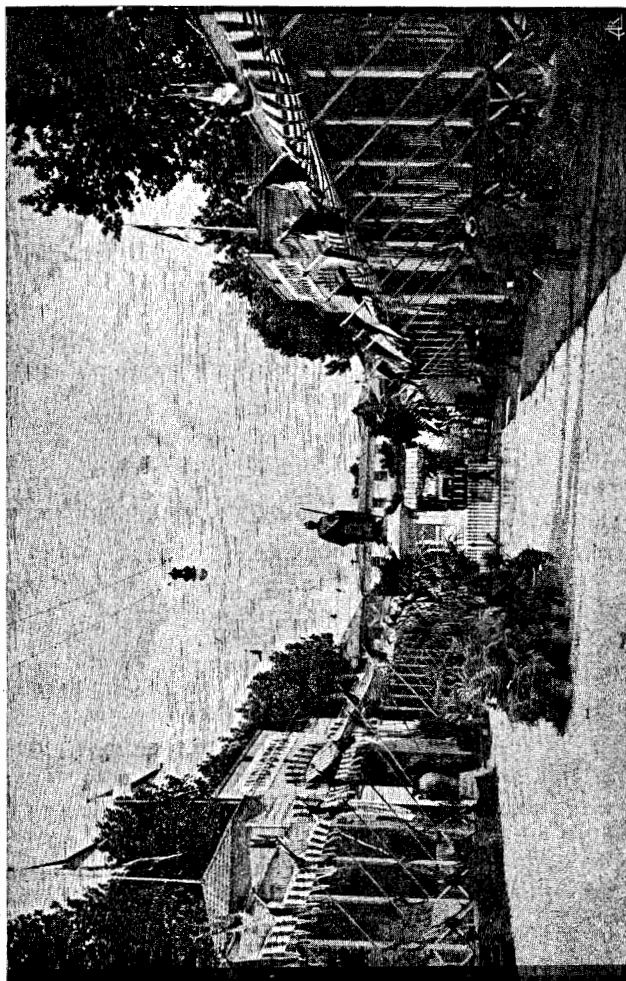
António José da Costa Rainha — trabalhos de olaria.

Costa Lerdeira & C.^a — objectos de cutelaria.

Luís de Pina — trabalhos de serralharia.

José de Freitas Costa Soares — diversos trabalhos de linho e roupas bordadas.

José Francisco da Silva — artigos de cutelaria.
Sapataria Vimezanense.



Os dois pavilhões da Exposição Agrícola e Industrial de 1910, em Guimarães

Agricultura — *José do Couto* — seiras para moinhos de azeite.

António Ferreira — cestos.

Camilo Laranjeiro dos Reis — vinho branco.

João Vieira Guimarães — arbustos, dalias, cactos e adubos químicos.

Manuel Fernandes Guimarães (quinta da Lage, Gondomar) — cogumelos e frutas.

Avelino da Silva Guimarães — doces finos.

Barão de Pombeiro (quinta de Sezins) — vinhos.

Quinta de Aldão — vinhos e azeites.

João José Marques de Freitas (quinta da Bouça Velha, Segade) — frutas, vinhos, azeites e legumes.

António Pereira da Silva — vinhos.

João Vasco Cardoso Guimarães (Corredoura) — vinhos.

Eduardo de Moura e Castro — batatas e vinho.

Manuel Joaquim Marques Guimarães (da quinta de Requião) — geropiga.

Missão Agrícola Conde de Agrolongo — instalada na Sociedade Martins Sarmiento — diferentes produtos.

Francisco Fernandes Faria e Francisco Ribeiro de Faria (Corredoura) — frutas.

Visconde do Paço de Nespereira — vinhos.

David de Azevedo (da quinta de Cusconho) — cereais, frutas e vinhos.

Joaquim Teixeira de Carvalho — frutas.

António Leite de Castro — leite.

Fernando Amaral (da quinta de Barreiros) — vinhos.

Manuel Vale Peixoto — azeites.

António Faria — aguardente.

Joaquim Gomes de Oliveira Guimarães — tanoaria.

Gaspar Leite Brandão — alfaias de lavoura.

D. Ana Adelaide R. M. Costa Aldão — meadas de seda.

P.^e António Monteiro — meadas de estopa.

José de Castro Ribeiro, José Ribeiro Martins Costa e José Mendes de Castro — alfaias agrícolas.
(«O Comércio de Guimarães», de 16-8-1910).

1910

*Exposições de pintura e arte sacra
realizadas no salão nobre da Socie-
dade Martins Sarmiento.*

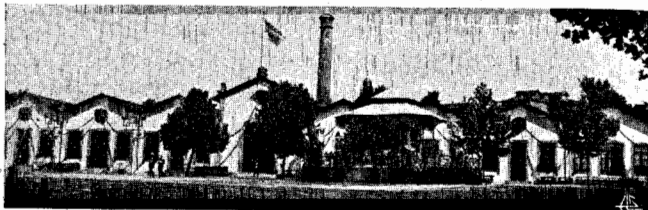
*Catálogo de alguns dos quadros a óleo e desenhos
de valor existentes na cidade e Concelho de Guimarães,
organizado pelo pintor vimezanense Abel Cardoso e
prefaciado por Eduardo de Almeida — Agosto de 1910,
por ocasião das Festas da Cidade nos dias 6, 7 e 8.*

«Não é grande o número de trabalhos da exposição de Guimarães. Tal como é, são muitas as obras que merecem ser vistas e estudadas, e a exposição há-de por certo favorecer a educação artística do público, que é um elemento indispensável da educação geral, e auxiliar os críticos nas investigações a que se dedicam.

São os tipos românticos, tão viris, tão harmoniosamente cuidados de Roquemont, os desenhos impecáveis de Sequeira, uma esplêndida criação do Vieira Lusitano, dois quadros excelentes de Glatina. São as obras mais recentes de Cardoso, artista vimezanense muito ilustre, reais manifestações de arte, como o retrato do pai do autor, e a admirável cópia do alcoólico. São mais ainda, do grande Silva Porto, de Salgado, de Malhoa, Galhardo, de Casanova e de outros. A tentativa frutificará porventura e com isso nos damos por contentes do nosso esforço.» (Do prefácio).

1923

*Exposição Industrial e Agrícola
Concelhia, realizada em Agosto
de 1923.*



*Edifício da Escola Industrial e Comercial, onde se realizou
a Grande Exposição de 1923*

Ver *Guimarães — O Labor da Grei*, publicação comemorativa desta grandiosa e memorável Exposição, organizada por Francisco Martins.

1927

Exposição de Arte Sacra, por ocasião do Congresso Eucarístico Nacional de Guimarães, de 8 a 12 de Junho de 1927.

«Embora não possa constituir um número do programa, pròpriamente dito, de um Congresso Eucarístico, não pode nem deve esta *Memória*, deixar de arquivar o belo êxito que teve a patriótica e inteligente iniciativa do Sr. A. L. de Carvalho, que conseguiu reunir no salão nobre da Sociedade Martins Sarmento os objectos preciosos de arte sacra que Guimarães possui, especialmente o rico tesouro histórico e artístico de Nossa Senhora da Oliveira.

A abertura, realizada no dia 8 de Junho, pelas 4 horas da tarde, teve toda a solenidade que lhe

veio da assistência dos Ex.^{mos} Prelados e das pessoas mais gradas de Guimarães.

O Presidente da Direcção da Soc. M. Sarmiento, em breve discurso, saudou os ilustres Prelados e a distinta assistência, fazendo a apresentação do conferente Sr. Dr. Carlos de Passos, que num erudito e interessante discurso falou da arte e sua evolução; da sorte da ourivesaria em Portugal, história dos museus, das exposições anteriormente realizadas, do significado e história dos objectos expostos, entre os quais merecem especial menção: o *relicário*, que dizem tomado aos espanhóis em Aljubarrota, e que é uma peça preciosa; a cruz processional de 1547, que dizem ser um exemplar único; a cruz gótica do século XIV; a custódia, atribuída a Gil Vicente, de 1534, etc., etc.».

1929

Primeira Exposição do milho e concurso da melhor maçaroca, realizada na Estação Agrária do Além-Douro Litoral — Senhora da Hora, em Novembro de 1929.

Fins da Exposição: Fazer o inventário dos milhos actualmente cultivados. Promover a selecção do milho. Estimular o aperfeiçoamento da cultura. Fomentar o consumo do milho.

Poderão ser expostos quaisquer outros artigos, de interesse agrícola, que convenha tornar conhecidos.

Lista dos prémios, conferidos aos Srs. agricultores da área da Missão Agrícola de Guimarães:

Dr. Leopoldo de Freitas — Prémio de honra (1.500 esc.) estabelecido pelo Ministro da Agricultura.

Abel Alves de Freitas (S. Torcato) — Prémio especial (500 esc.).

D. Ana Ribeiro Loureiro — Um saco de fosfato «Renania» (1).

(1) «O Comércio de Guimarães» de 3-10-1930.

1932

Grande Exposição Industrial Portuguesa. Organizada pela Associação Industrial Portuguesa em Lisboa, de Setembro a Novembro de 1932.

Nesta Exposição, obtiveram medalhas de ouro e prata as seguintes firmas:

Domingos Francisco da Silva, (Silva 5)— Cute-larias.

Francisco Inácio da Cunha Guimarães & Fi-lhos— Tecidos de algodão.

Fábrica da Breia, de Oliveira, Irmãos, L.^{da}— Tecidos de algodão.

1934

1.^a Exposição Colonial Portuguesa. Realizada no Porto, em 1934.

Nesta Exposição, obteve Diploma de Honra, o couteleiro *Domingos Francisco da Silva, (Silva 5).*

1936

Exposição Nacional do traje regional, promovida pela Associação Comercial de Lisboa, sob o patro-cínio do Ministério do Comércio e Indústria, inaugurada em 16 de Maio de 1936.

Câmara Municipal de Guimarães— Quatro mane-quins com os trajos da região.

1.^o— Lavrador em traje domingueiro: jaqueta de montanhaque azul com alamares de sutache de algo-

dão, da sirgaria vimaranense; colete com rebuço, de pelúcia, em cor castanha, com duas fiadas de botões; faixa preta, à roda da cinta; calça preta, afunilada, de casimira de fios de seda; camisa de linho, bordada a favos; meias de lã cor de rosa, com matulos de cor amarela; chinelas de couro branco e chapéu braguês, de pelúcia preta e abas largas.

Ao lado o varapau das romarias e das feiras, de lodão.

2.º — Lavradeira com argolas e cordão de coração pendente, ao peito. Camisa bordada nos punhos, com voltas de renda; colete branco, de rabichos, bordado a ponto de cruz, com linha vermelha; saia de baeta crepe, escura, com larga faixa de veludo em toda a roda, e duas carreiras de vidrilhos pretos ao cimo da faixa; avental de veludilho preto, com remate de pele e uma fiada de vidrilhos, formando ao centro o nome MARIA. Meias brancas de linho e chinelas de verniz, bordadas.

3.º — Lavrador em traje de trabalho: carapuça vermelha; camisa de linho, bordada em todo o peito a ponto de cruz, com linha vermelha, e o nome ao fundo MANOEL; jaleca de baeta de quartos, debruada a sutache e liga preta; calças de cotim e tamancos.

Ao lado a enchada do trabalho.

4.º — Lavradeira em traje de cerimónia: lenço branco, de linho, com barra azul; casaquinha de merino preto, debruada a renda; capote comprido, de grande roda, de pano azul do reino, com largos abandamentos de veludo preto; meia branca de linho e chinelas de verniz, bordadas.

Estes quatro manequins encontram-se na secção de etnografia do museu da Soc. Martins Sarmiento.

Obeve a Câmara Municipal, o diploma com a classificação de *Muito Bom*.

1941

*Exposição Bibliográfica da Restauração,
(Catálogo—2 vols.—Biblioteca Nacional,
Lisboa, 1941)*

Espécies bibliográficas dos vimearanenses :

Alberto Vieira Braga.

Alfredo Pimenta.

Mário Cardoso.

Publicações periódicas — «O Comércio de Guimarães» (semanário). Em publicação. «Gil Vicente» (semanário), Guimarães, 1918-1924. «A Restauração» (semanário), Guimarães, 1903-1911. «Ressurgimento» (semanário), Guimarães, 1939. «Notícias de Guimarães», (semanário). Em publicação.

«Revista de Guimarães» (órgão da Sociedade M. Sarmento). Em publicação.

«Gil Vicente» (mensário). Em publicação.

1942

*Exposição do jornalismo vimaranense,
organizada pelo Director do «Notícias
de Guimarães», Antonino Dias de Castro,
e inaugurada em Janeiro de 1942,
no salão nobre da Sociedade Martins
Sarmento.*

Esta exposição, pela novidade que constituiu no meio vimaranense, obteve grande êxito, e a ela se referiram largamente os periódicos da terra. O jornalista e poeta vimaranense, Luís Filipe Coelho, de saudosa memória, pronunciou uma conferência no dia da abertura desta exposição, onde figuraram, por ordem cronológica, (1822-1942) todos os periódicos enunciados nas *Curiosidades de Guimarães—VII—Jornalismo Vimaranense*, Guimarães, 1940.

1945

Exposição das Publicações Comemorativas do Ano Aureo — Catálogo Bibliográfico, organizado por Carlos Alberto Galvão Simões (Ministério da Educação Nacional — Instituto para a Alta Cultura, Lisboa, 1945).

Espécies bibliográficas dos vimeanenses :

Alberto Vieira Braga

Alfredo Guimarães

Jerónimo Almeida

Joaquim Roberto de Carvalho

E das Revistas — « Gil Vicente » e « Revista de Guimarães ».

1949

Exposição de Livros Portugueses na Itália — Ministério da Educação Nacional — Instituto para a Alta Cultura, Lisboa, 1949.

« Organizada e realizada com o intuito de contribuir para a maior intensificação das relações culturais de Portugal com nações amigas da família latina, esta exposição de livros portugueses não pretende ser a sùmula da actividade intelectual portuguesa de hoje, mas tão sòmente levar a centros culturais da Latinidade um núcleo de publicações, que constitua ponto de partida para futuras realizações do mesmo tipo.

O visitante encontrará nos três milhares de livros expostos, obras actuais e antigas, ùltimamente reeditadas, textos de renome universal e edições de carácter meramente divulgativo e popular, pois não houve a pretensão de apresentar apenas o melhor, mas sim de tudo um pouco, faltando até forçosamente, como adiante se verá, edições de valor especial.

Embora apresentada em cidades de elevada categoria cultural, não será de admirar que esta exposição traga novidades aos seus visitantes, tão pouco conhecido é, certamente por culpa nossa, o livro português em nações estrangeiras, mesmo latinas. Por isso se espera que esta exposição contribua real e eficazmente para a expansão do livro português e ajude a criar ambiente favorável à facilitação da permuta cultural e comercial dos livros portugueses com os de outras nações amigas». (Do prefácio do catálogo).

Espécies bibliográficas de:

Alberto Sampaio
Francisco Martins Sarmento
Mário Cardoso
Sociedade Martins Sarmento

1949

Catálogo da Exposição de pintura comemorativa do 80.º aniversário da fundação da Associação de Socorros Mútuos Artística Vimaranense — Outubro de 1949.

Expositores: Abel Cardoso, Abel Salazar, António Cardoso, António Lino, António de Sousa Lima, Benjamim Castro Alves Ferreira, Domingos Dantas, Eduardo de Almeida (Pai), Fernando Teixeira de Carvalho, Gaspar Pimenta (Filho), Joaquim Teixeira, Sargento José Gonçalves Coelho, José Luís de Pina, José Maria de Moura Machado, José de Meira, D. Maria de Oliveira Almeida, Mário Monteiro Dias de Castro e D. Olga Pimenta.

Esta exposição, só de vimaranenses, uns já falecidos, outros ainda vivos, realizou-se no salão nobre da Associação Artística Vimaranense, por iniciativa do saudoso Luís Filipe Coelho, que pelo decorrer de muitos anos desempenhou o lugar de Presidente daquela prestantíssima Colectividade de Socorros Mútuos.

1950

Exposição de Livros Portugueses-«Colloquium» Internacional de Estudos Luso-Brasileiros — Washington, 1950.

Espécies bibliográficas de:

Alberto Sampaio, Mário Cardoso e Sociedade Martins Sarmento.

1953

Por ocasião das comemorações festivas do Centenário da «Cidade de Guimarães» e do Milenário da sua existência histórica, organizaram-se as seguintes Exposições:

Exposição Histórica e Bibliográfica.

«Esta Exposição, montada na Sociedade Martins Sarmento, dá-nos uma lição admirável de ciência e de cultura, que tanto honra os seus ilustres organizadores como a memória inesquecível do autor de *Os Argonautas*.

Ela apresenta valiosos documentos e objectos da pré e proto-História, da romanização da Península, da invasão dos bárbaros e dos muçulmanos, de Mumadona, de D. Henrique, de D. Teresa, de D. Afonso, que constituem um precioso recheio, tanto mais que estão ordenados com saber e aptidão artística.

Devemos destacar mapas de «Castros» modelos e fotografias de Dólmens, instrumentos de cobre, ouro e bronze, peças de cerâmica, moedas, pergaminhos, raros exemplares bibliográficos, esculturas primitivas, uma espada medieval, do século XII, atribuída a D. Afonso Henriques, a Carta Régia de D. Maria II, que elevou Guimarães à categoria de cidade, etc.

As indústrias tradicionais do Concelho também ali têm o seu lugar bem definido.

É ainda digna de louvor, a Exposição da Imprensa Periódica Vimaranesense, que abrange o período de 1822 a 1953.

Por tudo isto, esta Exposição tem alcançado um retumbante êxito, estando à altura do nome glorioso que patrocina a Sociedade Cultural de que Guimarães tanto se orgulha.»

(Terras de Portugal — N.º 18 (435) — Julho de 1953)

Sobre as brilhantes e dignificadoras Exposições que a Sociedade Martins Sarmento organizou, ver as seguintes publicações:

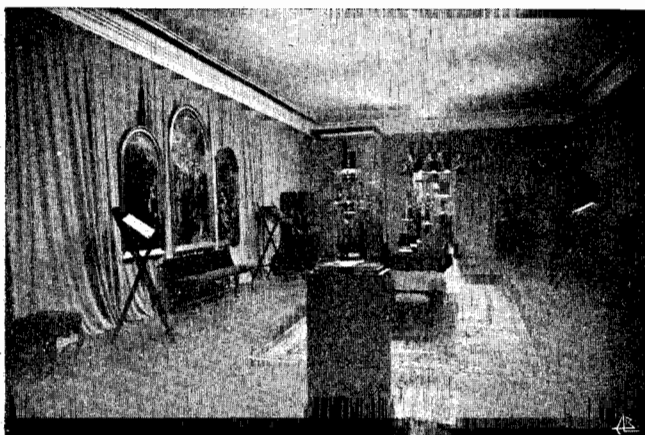
Catálogo da Exposição Histórica da Cidade, por Mário Cardoso.

Catálogo da Exposição da Imprensa Periódica Vimaranesa (1822-1953), por Alberto Vieira Braga.

Catálogo da Exposição Bibliográfica de Autores Vimaraneses, por Alberto Braga e Mário Cardoso.

Exposição de Arte Sacra.

« Nos Claustros da igreja de S. Francisco, organizou-se uma magnífica Exposição de Arte Sacra. Rica de conteúdo artístico e histórico, exibindo verdadeiras preciosidades, em



Um aspecto da Exposição de Arte Sacra nos Claustros de S. Francisco

feliz sequência e óptima arrumação, nela distinguem-se e avultam obras de cunho religioso da Casa de Bragança, trazidas de Vila Viçosa, de Vila Nova de Ourém, de Vendas Novas, de Barcelos, de Ponte do Lima, de Bragança, de Portel, etc.

As tapeçarias de Bruxelas, entre as quais se salientam as de Marco António e Octávio, muito valorizam este opulento certamen, que afirma bom gosto na maneira como foram seleccionadas as várias peças que o compõem.

Alfaias, paramentos, imagens, trabalhos de ourivesaria, crucifixos, objectos de culto, quadros, o belo tríptico «Descida da Cruz», tudo ali se encontra num conjunto maravilhoso, que

tem merecido calorosas referências de apreço de quantos percorrem essa admirável galeria de arte, de piedade e de fé.»

(*Terras de Portugal, N.º 18 (435) — Julho de 1953*)

O Conselho Administrativo da Fundação da Casa de Bragança, que num alto sentido de projecção educativa e social, teve a feliz iniciativa de organizar em Guimarães este certâmen de valores artísticos de primeiro plano, onde se adivinhavam as diversas culturas de influência cristã, tenciona publicar um desenvolvido e esclarecido *Catálogo* de tão notável acontecimento, acompanhado da brilhante conferência, que no acto do seu encerramento, nos claustros de S. Francisco, proferiu o ilustre crítico de arte Dr. Adriano de Gusmão.

Exposição Industrial e Agrícola.

«Esta Exposição, montada no Campo do Salvador, onde, segundo a tradição, se desenrolou a fase decisiva da Batalha de S. Mamede, é uma série de magníficos pavilhões e galerias, com um belo sentido moderno de arquitectura e decoração, no fundo imponente das muralhas do Castelo de Guimarães.

Este certâmen, levado a efeito por uma equipa de técnicos da Feira das Indústrias Portuguesas, destacada para Guimarães pela Associação Industrial Portuguesa, num louvável espírito de colaboração com as entidades locais, foi erguido em tempo relativamente curto, segundo o projecto do pintor Manuel Lapa, auxiliado pelo architecto Bastos Coelho e pelo engenheiro Justino Cruz, no sector industrial, que ocupa a maior parte da área do recinto.

Estão admiravelmente documentadas, através de numerosos «stands» as múltiplas e progressivas actividades económicas do importante Concelho, destacando-se, como é natural, aquela que se refere à indústria textil, a de mais volumosa e variada representação, nos seus índices de riqueza e desenvolvimento.

É também para salientar o Pavilhão da Lavoura, traçado, com feliz engenho, pelo architecto Sequeira Braga.

A ourivesaria, as indústrias de calçado e de curtumes, as cutelarias, os pentes e seus derivados, os produtos de serralharia, as cartonagens, os bordados e as flores, os mármore e a construção civil, fornecem valiosos testemunhos da sua crescente importância nessa Exposição, que marca e assinala o verdadeiro nível económico da indústria e da agricultura vimaranense, sempre a expandir-se em novos valores técnicos e sempre a conquistarem, com justiça, novos e melhores mercados.

Guimarães afirmou ali, mais uma vez, as suas nobres tradições de trabalho e os seus elevados propósitos de aumentar o seu património pela unidade, pelo espírito de sacrificio e pelo engenho dos seus habitantes.»

(*Terras de Portugal, N.º 18 (435) — Julho de 1953*).

Falta agora publicar o Relatório-estatístico desta Exposição, diremos melhor, o Relatório-estatístico e geral de todas as indústrias do Concelho.

Que fique, pelo menos, um inventário relacionado e característico de ordem económica, e expressivo da capacidade progressiva de todos os ramos e elementos de actividade das indústrias de Guimarães e seu termo, para concretamente se avaliar da irradiação fomentadora da sua exportação e de todos os valores consolidados à sua volta, em riquezas imóveis. Não bastam, por certo, o espírito e o estímulo da assimilação, para orientar significativamente o arranjo de um completo e unificado estudo moldado deste jeito.

A material valorização e a manifesta desenvoltura industriais, exigiriam, em todas as suas modalidades, um apròximado contacto com todos os elementos de influência produtiva, directiva e de estatística, para as particularidades especializadas deste estudo. Estudo que deveria ser preliminar no *Relatório*, em sistematização de matérias e actividades, às listas sectionadas das classes e dos expositores que concorreram à Exposição.

Mesmo nesta marcação elementar de classes e de lugares, a nossa Exposição Industrial e Agrícola de 1953, não teve os respetos merecidos, na expressão de um maior conjunto de expositores, que afirmasse a grandeza industrializada do Concelho, e foi pena.

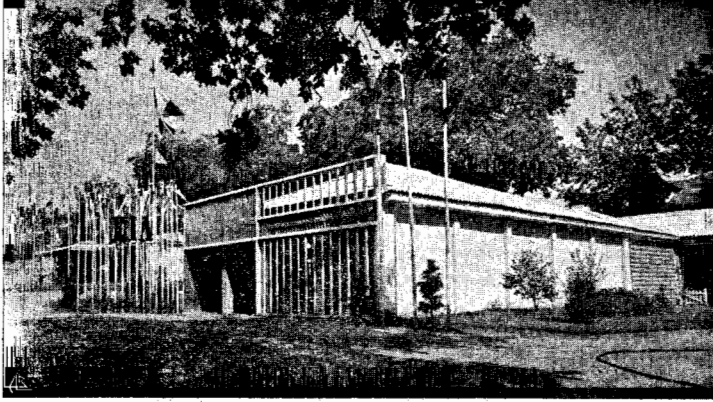
Faltaram muitos e falharam as indicações precisas, hoje absolutamente indispensáveis, das estatísticas.

Não se viram os oleiros, os serralheiros e os cesteiros da obra de vime e de zangarinho.

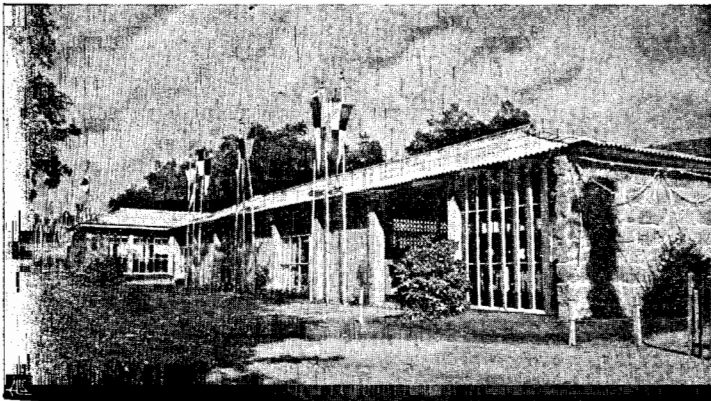
Não se viu alguma coisa mais, e nem de leve se abarcou a considerável importância da arte e das indústrias populares e rurais, promessas humildes e indígenas de fabricação manual, utilitária, que podiam tomar um valimento de comércio mais para além das economias domésticas, se outros movimentos de actuação e de aspectos as norteassem, em ambiente e natureza de relações, mas sem o desvirtuamento das características, dos apreços e das tradições.

Exposição Industrial e Agrícola de 1953, em Guimarães

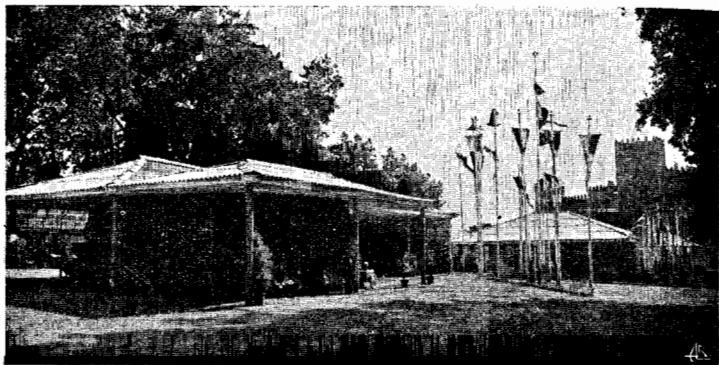
*(Realizada no Campo do Salvador
em pavilhões especiais)*



Aspecto exterior de um pavilhão das indústrias



Aspecto exterior de outro pavilhão das indústrias



Aspecto exterior do pavilhão da agricultura



Um aspecto interior do pavilhão da agricultura

Pois faltaram ali, naquele grande certâmen, todas as artes e indústrias populares, que em outro lugar deste trabalho já indicamos como sendo típicas adentro da nossa história regional, e merecedoras de carinhos e estímulos.

Exposições Internacionais :

1855

Catálogo dos Produtos da Agricultura e Industria Portuguesa mandados à Exposição Universal de Paris em 1855.

Cristóvão José Fernandes da Silva, curtidor e surrador em Guimarães — couro branco. Pele de vitela branca.

1862

Na sessão de Câmara, realizada em 25 de Setembro de 1861, « e para cumprimento da circular de 7 de Agosto pretérito, do Secretário da Comissão Portuguesa, Rodrigo de Moraes Soares, criada na cidade de Lisboa, para a Exposição Universal de Londres, que há-de ter lugar no 1.º de Maio de 1862, se nomeou uma Comissão nesta cidade, composta dos cidadãos os Ex.^{mos} Snrs. Conde de Arrochela, Rodrigo Lobo Machado e Couros, Henrique Cardoso de Macedo, João de Castro Sampaio e António José Ferreira Caldas » (1).

No Arquivo Municipal de Guimarães, existe o Programa desta Exposição Universal—Secção da Indústria Agrícola, editado pela Imprensa Nacional, Lisboa, 1861.

O Catálogo, porém, não o chegamos a vêr, pelo que não sabemos qual a representação que Guimarães levou a este certâmen.

(1) Livro n.º 13 das Vereações, desde 8 de Junho de 1861 até 30 de Março de 1863, a folhas 67 v — Arquivo Municipal de Guimarães.

1865

Catálogo Oficial da Exposição Internacional do Porto em 1865 (1).

Anv.



Rev.

Gloria Victoribus. Exposição Internacional. Porto, 1865.

(Do museu da S. M. S.)

Fundição de Vizela: Ferro fundido (2).*Conde de Vila Pouca: Vinho do Douro e de Guimarães.*

(1) Na sessão da Câmara, realizada em 8 de Fevereiro de 1865, o Presidente apresentou uma circular do Ex.^{mo} Governador Civil, recomendando à Câmara de Guimarães a criação duma Comissão que promovesse a concorrência de produtos agrícolas e industriais para a Grande Exposição Internacional, que devia inaugurar-se em 21 de Agosto no Palácio de Cristal da Cidade do Porto.

A Comissão ficou assim organizada: Administrador do Concelho, todos os membros da Câmara e os seguintes Senhores: Rev. do João Evangelista da Costa Veiga, abade de S. Miguel das Caldas, Ventura de Castro Meireles, João de Castro Sampaio, Francisco da Costa Sampaio e Castro, José Maria da Costa, José Mendes Ribeiro, António Joaquim Ribeiro de Sousa Guimarães, Manuel Joaquim da Cruz, António da Costa Guimarães, António José de Matos Chaves, Joaquim Mendes da Silva Guimarães, João Mendes de Sousa Machado, da freguesia de S. Martinho de Sande, Manuel Joaquim Marques, da freguesia de S. Cláudio do Barco, Manuel Joaquim da Silva, da freguesia de Longos, José Pinheiro Caldas Guimarães, da freguesia de Penteeiros, António de Azevedo Varela, de Infias, António Ribeiro de Faria, de S. Torcato, e António José Ferreira Caldas.

(2) Na nota do tabelião de Guimarães, José Joaquim de Oliveira, foi lavrado em 5 de Setembro de 1860, o seguinte

Conde de Vila Pouca: Quarenta e seis meadas de seda em rama.

Cristóvão José Fernandes da Silva: Uma pele de vitela preta de azeite e outra de casca branca.

Ribeiro & C.^a (fábrica de Vizela): Quatro mãos de papel diverso, e um rolo de papel contínuo.

João Francisco da Silva: Toalhas.

Joaquim Mendes da Silva Cerqueira: Objectos de cutelaria.

O *Suplemento — errata ao Catálogo Official da Exposição Internacional do Porto de 1865*, apresenta mais os seguintes expositores vimaranenses:

António da Costa Guimarães — toalhas, guardanapos, linhos.

documento: António do Espírito Santo, João Manuel de Melo e José Custódio Vieira, comerciantes desta cidade, como Directores da companhia *Fundição de Vizela*, e Manuel Francisco de Castro e mulher, do lugar da Lage, de Moreira de Cónegos, por aqueles foi dito que a companhia, carecendo para maior desenvolvimento da sua indústria, levantar o açude onde se acha construída a respectiva fábrica, mas não o podendo fazer sem consentimento de Manuel de Castro e mulher, pela razão do prejuízo que lhes causava aos seus moinhos pelo encoro das águas, fizeram com eles contrato e transacção, nas condições seguintes:

Que eles Manuel Francisco de Castro e mulher, como possuidores dos moinhos superiores à levada onde se encontra a dita fábrica, e que estão situados na margem direita do rio Vizela, na freguesia de Moreira de Cónegos, consentem que a companhia levante o açude da levada 1 metro e 32 centímetros, correspondente a 6 palmos acima do nível actual, até à marca que se lhe fez no penedo que está à beira do rio na bouça do casal dos Aviascos, e consta de uma cruz com um buraco de broca no meio, em tudo igual a uma outra cruz ou sinal que se fez no alicerce da levada nova. Que a companhia fica obrigada a pagar anualmente a Manuel Francisco de Castro e sucessores, a pensão de 120 alqueires de milhão, para compensação do prejuízo.

— Na Exposição de 1884, em Guimarães, aparecem como expositores de serralharia e fundição, Almeida & Freitas e Luís de Pina.

Na Exposição de 1923, em Guimarães, na secção de fundição de ferro, aparece como expositora A Metalúrgica Vimaranense, de Ferreira & C.^{al}L.^{da}.

José António de Oliveira — toalhas, guardanapos, veludo liso, sarja lisa e em cordão, nobrezas pretas lisas, e nobrezas para chapéus de sol.

Manuel José de Castro Abreu — ramos de flores de cera e de conchas.

José Ferreira de Abreu — seis peles de vitela, curtidas.

Pedro Nunes Guedes — calçado.

João Baptista Ferreira — aparelho de folha para café; lanterna grande de igreja.

José Custódio Vieira — facas, garfos, freios e estribos de diversas qualidades.

João Baptista Sampaio — instrumentos de jardinagem e de medicina, facas, garfos, tesouras, canivetes, navalhas, machados, fources de podar, etc.

Nesta Exposição foram premiados com medalha de honra, a Câmara Municipal de Guimarães, pela importante indústria de fição e tecidos de linho.

Conde de Vila Pouca, com medalha de Primeira Classe, pelo excelente vinho moscatel de 1863, da quinta de Vila Pouca, em Guimarães e pelas sedas apresentadas.

Condessa de Vila Pouca, com Medalha de 2.^a Classe, pelo bom vinho verde da quinta de Aldão.

António José Ferreira Caldas, com Menção Honrosa, pela satisfatória qualidade de frutos secos ou passados (1).

(1) Foi nomeada uma grande comissão e concorreram poucos expositores, como se vê pelo Catálogo Oficial. Todavia o juri conferiu à cidade de Guimarães as seguintes honrarias, descritas na sessão de Câmara realizada em 15-I-1868: «Nesta foi presente o Diploma de honra conferido á Camara Municipal de G.^{es} pelo Jury internacional pelo muito dos productos expostos na classe 22 na Exposição Internacional Portugueza celebrada no Porto em 1865; e bem assim a medalha de cobre dourado que acompanhou o mesmo diploma; conjuntamente com a medalha de ouro que foi concedida ao Concelho de Guimarães pela Exposição Agricola de Braga no anno de 1863 e que já existia no archivo». (Livro N.º 17 das Verreações, desde 19 de Junho de 1867 até Setembro de 1868 — Arq. Municipal de Guimarães).

1867

*Exposition Universelle de 1867 A Paris
Catalogue Spécial de la Section Portugaise*

José Custódio Vieira (Guimarães)—25 ciseaux de différentes grandeurs et à diverses applications.

Cette fabrique a été fondée en 1836.

Ouvriers: 20. Salaires: de 240 à 360 reis.

Médailles aux Expositions de Londres de 1862; Porto de 1857 et Braga de 1863.

António da Costa Guimarães—Nappes et serviettes de lin damassées.

Petite industrie. Médailles aux Expositions de Braga et de Porto.

Photographies—Le Château; Église de Saint-Michel, dans le même château; Façade de l'église du Collège; Cloître de l'église Saint-Dominique; Église Saint-François (1).

(1) Na sessão de Câmara, realizada em 29 de Janeiro de 1866 foi presente um officio do S.^{or} Governador Civil, em que nomeava os vereadores da Câmara Municipal de Guimarães para conjuntamente com o S.^{or} Administrador formarem a Comissão que havia de animar e convencer os industriais a concorrerem com os seus productos à Exposição Universal de Paris de 1867.

Os vereadores eram: Barão de Pombeiro, Presidente da Câmara, Dr. António Leite de Castro, João de Castro Sampaio, António José Ferreira Caldas, Francisco José da Silva Basto, Dr. João Pereira Leite de Magalhães e Couto e António Joaquim Ferreira de Eça e Leiva (Livro n.º 16 das Vereações, desde 15 de Novembro de 1865 até 19 de Junho de 1867 — Arquivo Municipal de Guimarães.)

1873

Exposição Internacional de Viena de Austria.

Teve somente a representação nos nossos linhos, curtumes e cutelarias.

Não vimos o Catálogo desta Exposição, pelo que não sabemos os nomes dos expositores, mas sabemos que a firma António da Costa Guimarães, F.^o & C.^a, ali obteve medalha de bronze.

1876

Exposição Internacional de Filadélfia.

Dos 30.864 expositores que concorreram a esta Exposição dos Estados Unidos da América, Portugal e suas colónias figuram em terceiro lugar, com 2.462 expositores.

De Guimarães, ali figuraram os nossos linhos e a afamada fruta seca conventual.

A fábrica de António da Costa Guimarães, ali obteve a medalha de bronze, pela magnífica representação do seu fabrico de linhos.

A esta grandiosa Exposição Internacional, mandou também o nosso conterrâneo e grande artista José Arnaldo Nogueira Molarinho, um quadro contendo 30 exemplares das diversas medalhas que tinha aberto e cunhado.

No catálogo da agricultura figuram mais os seguintes expositores:

Convento de Santa Rosa de Lima — Frutas secas: peras, figos e pêssegos.

Convento de Santa Clara — doces e frutas secas.

Administração do Concelho de Guimarães — plantas e cereais.

Dr. José da Cunha Sampaio — vinhos, pelo que obteve medalha de prata.

1878

Exposição Universal de Paris.

Não chegamos a ver o Catálogo desta Exposição, mas sabemos que os adornos de fio de linha das freiras de Santa Rosa de Lima ali estiveram, e que a firma António da Costa Guimarães, F.^o & C.^a obteve menção honrosa.

1879

Exposição Portuguesa no Rio de Janeiro (1).

« É bem conhecida em Portugal e no Brasil a indústria de panos de linho de Guimarães, que iguallam em beleza os de proveniência estrangeira, excedendo-os na solidez e duração.

A indústria de Guimarães está nesta secção perfeitamente representada por uma interessante colecção de panos de linho, toalhas, guardanapos, colchas, saias bordadas, travesseiros, do sr. António da Costa Guimarães, e por outra, consistindo em toalhas, guardanapos, lenços, etc. do sr. Manuel Ribeiro Guimarães.

O sr. António da Costa Guimarães, é já hoje muito conhecido dentro e fora do país, pelos excellentes tecidos de linho que tem levado a todas as exposições estrangeiras de primeira ordem, nas quais tem sido sempre premiado com distincção. São tam-

(1) A comissão que nesta cidade e concelho está encarregada de promover a remessa de produtos para a Exposição portuguesa no Rio de Janeiro, de que a *Companhia Fomentadora das Indústrias e Agricultura* tomou a iniciativa, é composta dos sr. Barão de Pombeiro, José Ribeiro Martins da Costa, António Mendes Ribeiro, Augusto Mendes da Cunha, José Ferreira de Abreu e José da Costa Nogueira e Sousa. O agente em Guimarães é o sr. Serafim Carneiro Galdes.

bém de superior qualidade os produtos do sr. Manuel Mendes Ribeiro Guimarães, e se este industrial não goza já de muita nomeada, é isso devido à sua abstenção em concorrer a todas as exposições». (Do « Comércio Português »).

Entre os industriais vimaranenses que concorreram a esta brilhante Exposição do Rio de Janeiro, obtiveram prémio os seguintes :

António da Costa Guimarães, medalha de ouro, pelas toalhas e guardanapos.

D. Amélia Soares, menção honrosa, pelas rendas.

António Crisóstomo da Silva Basto, menção honrosa, pelas toalhas de crivo.

Manuel Mendes Ribeiro Guimarães, medalha de prata, pelas toalhas e guardanapos.

Augusto Mendes da Cunha, medalha de ouro, pelas ferragens e cutelarias.

1888

*Exposição de vinhos portugueses
em Berlim.*

Vê-se pelo *Regulamento e Programa* publicados e largamente distribuídos, que da Comissão do Porto, eleita na reunião de Viticultores do Norte, em 7 de Maio de 1888, faziam parte, como Presidente, o Conde de Samodães, como Vice-Presidente, o Visconde de Vilar d'Alen, e um dos Vogais era o nosso illustre conterrâneo Alberto Sampaio.

Este nome, dá-nos a garantia, de terem ido desta terra, algumas espécies figuradas nos grupos do programa desta exposição, de acordo com a Sociedade central de Geografia Comercial de Berlim.

Do 1.º grupo faziam parte os vinhos generosos e licorosos; os vinhos espumosos; os vinhos de mesa ou de pasto; os vinhos verdes; os vinhos lotados; as uvas de embarque.

Do 2.º grupo—os materiais usados na cultura e no fabrico—plantas, fotografias, modelos e desenhos.

Do 3.º grupo—bibliografia, memórias, relatórios, etc.

Do 4.º grupo—estatística e cartografia vinícola.

Do 5.º grupo—etnografia—elementos, notícias ou memórias para o estudo social do viticultor português; notícias sobre trajos, usos e costumes da população vinhateira em Portugal.

E não conseguimos adiantar mais, por falta de notícias.

Sabemos, entretanto, pelo Relatório da Exposição Universal de Paris, em 1889, que o Dr. José da Cunha Sampaio, obteve nesta Exposição de 1888, medalha de prata. (Ver no lugar respectivo deste trabalho).

Seria o único expositor de vinhos na Exposição de Berlim?

1889

*Exposition Universelle de Paris en 1889
Catalogue Officiel des Sections Portugaises—Industrie—Agriculture*



Anv.



Rev.

Exposition Universelle 1889. République Française.

(Do Museu da S. M. S.)

Joaquim Martins d'Oliveira Costa (Guimarães)
—Tissus de coton: Couvre-lits, serviettes, draps en crochet, essuie-mains, nappes.

Tissus de lin; Oreillers brodés, couvre-lits, mouchoirs, bas garnis, chaussettes, draps au crochet, essuie-mains, nappes.

Médailles de bronze à l'exposition de Lisbonne, 1888.

António da Costa Guimarães F.º & C.ª—Tissus de coton. Essuie-mains; serviettes; nappes, couvertures.

Tissus de lin; fils à coudre de lin: Essuie-mains; serviettes; nappes; toiles diverses; couvertures.

Établissement fondé en 1856. Ouvriers 70.

Médailles et récompenses aux expositions nationales et étrangères de Vienne, Philadelphie, Paris et Rio de Janeiro.

José da Cunha Sampaio (Guimarães)—Vin claret—Quinta de Boamense. Prix—9.400 réis l'hectolitre nu bord, Porto.

Récompenses—Médaille de cuivre à l'exposition de Lisbonne, 1884; médaille de cuivre à l'exposition de Philadelphie, 1876; médaille d'argent à l'exposition de Berlin, 1888; médaille d'argent à l'exposition de Porto, 1880.

A esta Exposição levou o Museu Industrial e Comercial do Porto, diversos produtos da indústria doméstica, ou pequena indústria, de Guimarães, representada em cutelarias, (pág. 34 do Catálogo); tecidos de algodão (pág. 46); tecidos de linho, (pág. 49); curtumes (pág. 118).

Nesta Exposição, a firma António da Costa Guimarães F.º & C.ª, obteve medalha de prata, e Joaquim Martins de Oliveira Costa, medalha de bronze.

1897

Exposição Internacional de vinhos, em Bordeus—Novembro e Dezembro de 1897

A Câmara Municipal de Guimarães e a Direcção do Sindicato, estão unidas no empenho comum de preparar devidamente a representação do concelho naquele certâmen.

A exposição é um útil mostrador dos nossos ricos e aproveitáveis vinhos verdes.

Temos uma produção de vinhos, excedente às necessidades do consumo local, às exigências do comércio interno e dos mercados estranhos, como provam muitos factos, entre os quais o de haver ainda bastante vinho da anterior colheita; a exposição é um meio de adquirirmos mercados, onde possamos colocar os nossos produtos vinícolas.

A Direcção do Sindicato nomeou as seguintes comissões de sócios:

Comissão central — Manuel de Castro Sampaio, Administrador do Concelho, Dr. Antero de Campos, Vice-Presidente da Câmara, Manuel Vitorino da Silva Guimarães, vereador, P.^o João Cândido da Silva, abade de Vila Nova de Sande, Presidente do Sindicato, Dr. António Marques da Silva Lopes, Vice-Presidente do Sindicato, António Augusto da Silva Carneiro, idem, 1.^o Secretário.

Comissão auxiliar: todos os mais sócios do Sindicato (1).

Supomos que foi alguma, embora pequena, representação dos nossos vinhos, mas não obtivemos, através dos periódicos, mais informes.

1900

Exposição Universal de Paris, em 1900

Não conseguimos ver o Catálogo desta Exposição, mas sabemos que Guimarães nela se representou com os seus linhos, curtumes e cutelarias.

Nesta Exposição, obteve medalha de bronze, pela sua variada representação de linhos e bordados, a firma José Pinto Teixeira d'Abreu & C.^a.

(1) «O Comércio de Guimarães», de 26 de Novembro de 1896.

1922

Exposição Internacional do Centenário da Independência. Organizada no Rio de Janeiro. 1922-1923.

Nesta Exposição obtiveram os cutedeiros Joaquim Ribeiro Moura & Filhos, L.^{da}, (Moura 35), medalha de ouro, e Domingos Francisco da Silva, (Silva 5), medalha de prata.

1929

Exposição Ibero-Americana de Sevilha

Nesta Exposição obteve o cutedeiro Joaquim Ribeiro Moura & Filhos, L.^{da}, (Moura 35), um diploma de honra.

Contratos notariais de obrigação para a aprendizagem dos officios.

Não era com duas palhetadas e duas tretas, que qualquer aprendiz chegava a oficial, e deste estalão, muito menos ao destacado posto de mestre do seu officio. Nem alguém, fosse quem fosse, tinha o direito ou a liberdade, por sua gana ou alvedrio, de montar banca e trabalhar por sua conta e risco. Podia não saber ler nem escrever, mas tinha de dar provas da sua competência, num exercício experimental, e dentro de todas as consumadas regras do modo de vida em que fez a sua aprendizagem.

Tinha, ao abrigo de todos os regulamentos de ordem associada e de classe, de fazer exame, e se todas as provas práticas satisfizessem a sapiência profissional do Juiz do seu officio, ser-lhe-ia passado diploma, e só depois, uma vez inscrito na corporação do seu grémio, onde juraria cumprir, guardar e

servir todos os deveres, preceitos e obrigações do *Regimento dos mestres*, a vereação lhe daria licença para abrir tenda, podendo, habilitadamente preparado, granjear a sua vida.

Havia uma engrenagem mais perfeita de poderes, e todos tinham de se subordinar aos grêmios e regulamentos das suas classes. Os mestres mandavam na sua oficina, ganhavam por quantos aprendizes tinham sob a sua guarda no regimen da ensinança, mas todos eram obrigados a respeitar as ordens dos Juizes dos seus officios, que como presidentes das classes, nessas funções pontificavam, muitas vezes por uma acesa luta de votação associativa, pois as regalias e as privanças dos Juizes, iam, desde o grémio da classe, com poderes de vigilia sobre os aprendizes, e a qualidade da obra com que serviam o público, até às manifestações do voto, às posições de sociabilidade nos actos cívicos e processionais e destaques solenes nas cadeiras da governança municipal. Faziam respeitar a tabela dos preços de toda a mão de obra, asseguravam a matéria prima e eram uns figurões de importância, quando como mestres da mesa, se sentavam a pouca distância dos vereadores, com voto e palavra em todos os assuntos e problemas do bem comum.

Hoje, qualquer sapateiro toca rabeção, e desde que pague a sua contribuiçãozinha, pode afoitamente abrir porta de officio e explorar a humanidade a seu gosto, sem o estorvoiro das tabuadas.

A alma do negócio foi sempre o segredo, e como dantes se não nascia com os olhos tão abertos, nem havia escolas profissionais nem mestres nem fabri-queiros que metessem canalha para a prática, e ensiná-la de graça e a seco, as dificuldades e os percalços eram grandes para se dar um arrumo aos filhos, e então a aprendizagem era feita dentro das oficinas, mediante um contrato de vantagens abonadas e seguras para os mestres especializados que ministravam a ensinança aos aprendizes, sugando dos moços o maior rendimento só pela manutenção, e pouco mais, durante os cinco ou seis anos do contrato de obrigação, notarialmente firmado para todos os abonos de garantia de ambas as partes.

E então estes moços aprendizes, para lucrarem o saber do ofício que escolheram, sujeitavam-se, sem mais conhecerem a doçura das bençãos e da caridade, aos espinhos raladores e depressivos da lazeira e da servilidade, ganhando a tigela do caldo e a pancada, perdendo o gozo da alegria e da liberdade, presos como reféns às bases dos contratos paternais e à mestrança do ensino, numa idade em que as folgas, os gritos e as travessuras, são a saúde maior para a têmpera dos corpos e das almas (1).

Mas quem quisesse subir a escaleira tropeçante da aprendizagem, tinha mesmo de padecer, e dar-se ao gosto amargoso do pão que o diabo amassou.

Pelas poucas regras que a seguir amostramos, representativas do clima das aprendizagens, e de que os livros notariais estão cheios, em fiança de contratos, se pode avaliar das modalidades dessas obrigações recíprocas, entre os pais dos moços e os mestres.

Em 19-2-1554. «Saibam quantos este contracto de obrigação de ensino de um moço virem como no anno do nascimento de N. S. J. C. de mil e quinhentos e cincoenta e quatro aos dezanove dias do mez de fevereiro nesta villa de Guimarães nas pousadas de mim publico tabelliam pareceu um homem que disse haver nome João Martins lavrador morador no casal do Outeiro da freguesia das Duas Igrejas do termo da cidade do Porto e assim Antonio Gonçalves cutileiro morador em rua de Gatos e logo por elle João Martins foi dito que lhe aprazia de dar ao ensino ao dito Antonio Gonçalves cutileiro um seu

(1) Muitas vereações, sabendo que os aprendizes passavam duros trabalhos, e por vezes saíam dos mestres tão ignorantes como inferiores, à semelhança das obras que apresentavam, impunham aos Juizes dos ofícios para que fizessem respeitar os seus regulamentos, *pondo os aprendizes em mestres capazes de os ensinar bem e com caridade.*

Só passante os anos da aprendizagem, que variavam entre 3, 4, 5 ou 6 anos, consoante os ofícios, os moços passavam a ser oficiais. Até lá, os mestres serviam-se deles para todos os encargos e mandados, quer na oficina, quer em casa.

filho por nome chamado Gaspar para que ele o ensine a seu officio de cutileiro da feitura desta escriptura a oito annos primeiros seguintes e elle Gaspar estará com elle Antonio Gonçalves os ditos oito annos e elle Antonio Gonçalves lhe darà de comer e beber e vestir e calçar e cama em que durma e elle seu pai João Martins lhe darà camisas roupa de linho somente e elle Antonio Gonçalves será obrigado a dar ensinado nos ditos oito annos de seu officio de tudo o que elle Antonio Gonçalves souber muito bem e lhe mostrar tudo aquillo que elle sabe e acabados os oito annos se obriga elle Antonio Gonçalves mais a dar ao Gaspar mil e quatro centos reis em dinheiro e não no dando ao dito Gaspar official no dito tempo de oito annos que então lhe pague como a um bom obreiro cada mez ou cada anno até que elle Gaspar saia bom official e será visto por officiaes que o examinem e sendo caso que elle Gaspar saia delle Antonio Gonçalves antes de acabarem os oito annos elle seu pai João Martins lho torne logo a trazer e não o trazendo que elle João Martins pague a elle Antonio Gonçalves por cada mez ou anno todo o tempo que deixar de o servir no dito officio como a um bom obreiro. E por esta maneira ficaram contractados e se obrigaram por todos os seus bens moveis e de raiz havidos e por haver e por tudo se obrigaram a responder perante o ouvidor e juizes desta villa de Guimarães». (Pela cópia de J. L. de Faria).

Em 10-10-1785, Francisco de Oliveira Ribeiro, à Ponte de Santa Luzia, fabricante de fustão e outros géneros, nesta vila, fez obrigação com Francisco Vieira e mulher Maria de Oliveira, moradores na Devesa, freguesia de Gondar, de ensinar-lhes dous filhos, António e Manuel, o officio de tecelão de fustões e toalhas adamascadas de padrão estrangeiro, por cinco anos, dando ele fabricante de diária ao official António, 100 réis, e ao aprendiz Manuel 60 réis, o caldo e os mais merecimentos, isto nos dias de trabalho, e os pais lhes dariam o pão, o vinho e o vestir. (Nota do tabelião Luis António de Abreu a folhas 49).

Em 27-11-1790, o mesmo Francisco de Oliveira Ribeiro, contrata com Rosa Maria Carneiro, viúva, do lugar de Cabanelas, da freguesia de S. Pedro de Riba de Ave, tomar-lhe um filho de nome Manuel José Carneiro, para em cinco anos lhe ensinar a tecer toalhas adamascadas e fustões, sustentando-o e vestindo-o nestes cinco anos, principiados já a 20 de Outubro, dando 1\$000 réis por ano à mãe, para esta dar roupa branca necessária ao filho. (Nota do mesmo tabelião, a folhas 31).

Em 28-4-1810, Luis António de Faria, fabricante, do lugar da Ponte da Mança, de S. Jorge de Selho, contratou com João de Faria, sapateiro, de S. Cristóvão de Selho, ensinar o ofício de tecelagem de tremóias e cassas lavradas para folhos de lençóis e do mais que ele sabe pertencente ao mesmo ofício, ao filho deste, José de Faria, que já estava com ele mestre, em 4 anos e 4 meses, principiados em 1 de Março próximo passado, dando-lhe o mestre desde já, por cada vara que o aprendiz tecer dos ditos géneros, 10 réis. O pai, sustentava-o, vestia-o, e calçava-o. Findo o dito prazo, o mestre dar-lhe-ia obra em que ganhasse 160 réis por dia, havendo-a. Se o aprendiz sair do mestre sem acabar o prazo, nunca poderá em tempo algum usar do ofício de lançadeira, sob pena de prisão. (Nota do tabelião Paulo José de Freitas, a folhas 32) (1).

(1) Nesta terra houve sempre, de velha data, fabricantes de galões, (galoeiros) e fabricantes de fitas de seda e cetim, (fiteiros), fabricantes de fustões, cassas, talagarças, toucas, faixas e tremóias. As tremóias, embora os dicionários não registem este termo, eram uma espécie de tecido raro e estreito, que servia para guarnecer os lençóis, etc.

Em 1797, foi concedida provisão a José Ferreira da Silva, de S. Martinho de Leitões, como administrador da sua fábrica de tremóias e fitas de seda estreitas.

Em 1844 havia nas casas do Largo dos Laranjais, que foram dos Távoras, com frente para a Rua dos Fornos ou das Lamelas, uma fábrica de fitas em teares manuais, pertencente a José Francisco de Araújo e Silva.

Havia outra nos Pombais, nas casas imediatas à capela de S. Lázaro, da banda de baixo, que era dos Limas. (Efeméride de João L. de Faria).

Em 27-12-1825. Contrato em que o mestre ferreiro António Alves Ferreira e o jornaleiro Manuel da Cunha, ambos da Rua de S. Lázaro, se obrigam: o mestre ferreiro a aceitar o filho do jornaleiro, de nome Manuel, e ensinar-lhe o ofício de ferreiro, estando na companhia dele mestre 5 anos, contados desde o dia 9 do corrente mês. O mestre só o sustentava e daria roupa lavada, e nada mais, com a declaração que o aprendiz permanecerá na sua casa pelos 5 anos e não poderá sair para outro mestre do mesmo ofício, porque fazendo-o, e o pai o não restituia, logo pagará toda a despesa do comestível do tempo em que tiver permanecido fora, à razão de 80 réis por dia. (Nota do tabelião Nicolau Teixeira de Abreu, a folhas 123).

Conclusões.

Rematemos agora com um fugidio exame analítico, observando de preferência as principais indústrias e as mais salientes espécies que compareceram às Exposições atrás enumeradas e distinguidas, sem que nos detenhamos com os acessórios esporádicos de curiosidade manufactureira e os frutos elementares de cultura agrária.

Como expositor, uma vez que se integrou nos certâmens de concorrência e de habilitações, deve compreender-se aquele que, levando a qualquer Exposição, os produtos mais consideradamente estáveis e absolutos da sua lavra ou do seu fabrico, pode estabelecer e alimentar, pela qualidade, quantidade e prevalência criadora do que expõe, um certo movimento de contactos comerciais, não satisfazendo, por mera reacção de instintos pessoais, sòmente à vontade e ao desejo de mostrar o que tem, sem luta de vantagem, num conjunto de possíveis transacções.

Sobretudo nas Exposições Agrícolas, verificam-se certos contra-sensos e certas posições experimentais, sem resultados práticos e económicos, que divergem do sentido predominante que as deve nortear justificadamente.

Pela razão particular de um expositor apresentar amostras de azeite, colhendo apenas 100 litros ou pouco mais, não é nem pode ser considerado produtor e misturar-se com os outros elementos de mais garantida formação e intensificação, não pesando aquele, pela minguança, na economia regional.

E assim, por esta ordem e da mesma maneira, os que apresentam amostras de mel, de cera, de linho, de colombros, jerimus, castanhas, nogões, aguardente, jeropiga, vinagre, etc., etc.

Poderíamos alargar extensivamente estas considerações, até mesmo sob vários aspectos, mas todos compreendem o que queremos dizer.

Ora pois entendemos, cá no nosso próprio raciocinar, que a bem da aliança dos esforços colectivos e do foro regional, deviam muitas dessas Exposições Agrícolas que se têm realizado, admitir sòmente os especializados cultores de géneros transaccionáveis, e que fossem da arte plenária do seu ofício, como acontece nas Indústrias, ou chamar-lhes então, por contemporização inteligente, *Feiras de amostras*, *Feiras-Exposições* ou *Mercados-Agrícolas*.

Mostrar uma terra sòmente pela correspondência variada do que fabrica nas suas glebas, é diferente do ponto integral de mostrar com rigor aproximado a sua capacidade produtiva. E pela mesma ordem de ideias, é indispensável saber-se, a capacidade de produção individual de cada expositor. Tais referências, elucidativas para todos os concursos de negócio, se observam e encontram, quer sob o ponto integral, quer individual, em muitos Relatórios de Exposições já realizadas.

O engano é que esta capacidade só atingiria entre nós, montante apreciável, em poucos ramos de produção: no vinho, milho, centeio, feijão, batata, cebola, e pouco mais. A cebola, entre nós, desenvolve um grande comércio de exportação.

O resto, são mimos, curiosidades, que todas as terras alimentam, tão variados e paladosos quanto diferem as situações dos lugares e das Províncias.

Mimos e curiosidades para um limitado abastecer de feiras e mercados.

O Minho, de resto, é todo igual e o mesmo, nas características e nos inventários de produção, agràriamente subdividido e particularizado de cultivo, que não retém avantajadas reservas para exportações.

Arboricultura — o seu desenvolvimento é de esperar, num futuro mais ou menos próximo. Tudo nos leva, pois, a prever, que a geração moça, daqui por uns vinte anos, venha a sentir, em nova Exposição Agrícola, outras linhas intermédias de representação, nas espécies e matérias expostas, asseguradoras de maiores proveitos e vantajosamente dotadas do sentido de um mais rico rendimento económico.

Este sistema de corrente, luxuriante e ubertoso, se desencantará da natureza, quando se verificar que as terras de cultivo, já cansadas no revezo das mesmas sementeiras, não acompanham, pelos adubos que insufficientemente as reanimam, e pelas maquinarias apressadas que as revoltéiam, o esforço cada vez mais acrescido que lhes exigem permanentemente. A luta que a terra desenvolve é constante, entre o temporão e a resteva.

Ora a nova nascente, entrando em profundidade na seiva virgem da terra, ficará numa apreciável posição de desenvolvimento. Desenvolvimento que já se operou, riqueza que já existiu, e vinha de séculos. Deceparam essa riqueza e não a foram renovando, por uma catureira de espírito individualista, que dá mais pelas gramíneas aráveis de rápida colheita, do que por aquilo que cresce e se avoluma e só o poder dos anos reveste frondosamente os montes e os vales.

Esse povoamento de lentidão, seria uma futura reserva económica, e está dentro da substância arborícola, acessível às aptidões de qualquer proprietário abonado de sortes de mato, que queira plantar para legar aos seus, na certeza de que esta ajuda, sem egoísmos, traria por linha de conta, uma maior abastança industrial, comercial e nacional.

Quando eram nobres e ricos os frades da Costa, de Souto, e todos os mandatários e privilegiados do Cabido de Santa Maria da Oliveira, a riqueza sólida e grande que possuíam, eram as suas frondosas

cercas, que se estendiam numa conquista de liberdade quase que sem limites, por todas as Honras e Coutos, cercas revestidas espessamente, como o comprovam todos os prazos velhos, de sobreiros, de carvalhos, de castanheiros, de pinheiros e oliveiras.

Não ficaram mais ricos os frades e os cabidos que foram mutilando essas cercas e sotos, porque tudo perderam; nada lucraram os que os não refizeram, e empobreceu de verdade a riqueza económica do Concelho e a geral, da Nação.

Não havia, por outro lado, logradouros e maninhos das freguesias e das confrarias, segundo rezam os tombos igrejários, baldios do Concelho e terras dos Contos, que não fossem eriçados de sobreiros, de carvalhos e de pinheiros. Hoje, todos os montes, os mais costeirinhos, quando não estejam esmou-tados para sequeiros de produção enfezada, encontram-se à escovinha, despídos, na miséria de um tojo molarinho, e todas as boas cercas transformadas na plenitude das vinhas ou na proflifera parasitagem dos eucaliptais (1).

Ora a riqueza da arboricultura terá de voltar, quando reconhecerem que a variável e não muito compensadora economia dos cereais e os dispêndios na fabricação dos vinhos, com tratamentos, montagem de ramadas e enfraquecimento lento dos enforcados, tudo na desmedida das baixas cotações do mercado exclusivamente taberneiro, terão de ser compensados pelos produtos mais nobres, susceptíveis de correr os mercados de todo o mundo.

E são estes as cortiças, as madeiras, os azeites, as resinas, as cascas de carvalho, as landes e as castanhas.

(1) Em 22 de Novembro de 1849, reconhecendo Sua Magestade a Rainha as vantagens que proporcionam à agricultura, às artes e ao comércio, a abundância de arvoredos, que tinham sofrido grande destruição, a ponto de em alguns Concelhos se chegar a sentir a falta de madeiras e de lenhas, ordenou se distribuissem pelas diversas Câmaras Municipais, semente de penisco e pinhão, pés de carvalho, de castanheiros mansos e sobreiros.

O que veio para o Concelho de Guimarães, foi distribuído por 103 proprietários.

É dentro deste factor de modalidade agrícola, que a Exposição de aqui a vinte anos abrirá ao público o seu novo mostruário, com todas as probabilidades de exportação assegurada. Não há cultura sem mestres. Que eles surjam, para bem dos instantes e complexos problemas da lavoira.

Os nossos produtos de exploração florestal e os produtos agrícolas não alimentares, apareceram em muitas Exposições, embora em reduzida percentagem, dada a pobreza e a fraqueza do inconsistente plantio, que sobrevivia no enguiçamento da geração espontânea.

Na Exposição de 1863, em Braga, António José Ferreira Caldas, apresentou amostras de madeira; Visconde de Pindela, cortiça e madeiras de queima; Ventura de Castro Meireles, vimes.

Na Exposição de 1884, em Guimarães, António Coelho da Mota Prego, António de Barros Faria e Castro, e Carlos de Castro Araújo Abreu, expuseram: linho em palha, maçado, espadelado e asseado; lã de carneiros merinos e uma meada de seda. Madeiras de pinho bravo e de pinho manso, cedro, tília, teixo, castanho, amieiro, azevinho, amoreira preta, choupo branco, japoneira, figueira, chorão, oliveira, macieira, sobreiro, nogueira e mimosa; casca de carvalho, de salgueiro e cortiça.

Na Exposição de 1923, em Guimarães, António Leite de Castro e Dr. João Santiago de Carvalho e Sousa, expuseram madeiras de eucalipto, austrália, carvalho, cedro, pinheiro, castanho e carvalho. Neves & C.^a diversas amostras de madeira.

Na Exposição de 1910 e na de 1953, se estes produtos silvícolas estiveram, não marcaram, nem podiam marcar, porque de facto não há apaixonados arboricultores. O que há, presentemente entre nós, é tantos madeireiros como a chuva, que vão espantando o pouco que existe em pinheiros e castanheiros, pelo desgarrado dos alcantis. E tantas serrações e estâncias de madeiras espalhadas pelas freguesias do termo, que para se alimentarem e promoverem o seu negócio, têm os donos de caminhar estiradas léguas. Tudo isto, e o saber-se que as indústrias de marcenaria e carpintaria cresceram e avolumaram os seus negócios, pela favoreza

das obras e do aumento populacional, e que é imensa a tonelagem de exportação que o País desanda lá para fora, em cortiça, toros de pinheiro, travessas de carvalho e pranchões e vigas de castanho, são factores mais que imperiosos para uma abundosa intensificação silvícola.

As marcenarias e as carpintarias, são em todas as localidades, proveitosas indústrias que alimentam larga classe de operários. Para as tornar prósperas é preciso dar-lhes condições de vida, e dando-lhes também matéria prima regional, a economia concelhia lucra vantajosamente. De maneira que todas as previsões agrícolas devem ser encaminhadas no sentido de levar a agricultura a cooperar, o mais intensamente possível, com as modernas indústrias, que estão em florescente domínio.

Linhos — o seu fabrico teve altos e baixos, oscilando entre as variáveis correntes de adaptação, de crise e de contactos comerciais, mas por um princípio de estabilidade nativa foi progredindo e melhorando, até se estabelecer firmemente no caracterizado espírito do meio, e em realidade psicológica, pelas determinantes históricas da sua existência de foro medieval.

Os linhais cresceram e aumentaram entre nós e através dos tempos, pelo viço natural e favoreza propícia das terras lentas e de regadio, sempre adubados nas extremas pelos sulcos dos ribeiros e riachos, onde as águas correm em giro direito, um dia para uns, outro dia para outros, e pela natureza essencialmente minhota e feminina. Já as crónicas, as geografias e as inquirições anunciaram que a mulher do Minho e as terras do Minho eram as criadoras, por excelência e virtudes especiais, do melhor bragal de renda e de oferta, amanhado e tecido numa canseirosa escala de perfeição e ensinança das gerações fiandeiras e teceadeiras, que sempre afamaram esta região linheira, dada às perfeições laboradas nos teares rudimentares, sempre na matraca das baetilhas, das colchas, dos linhos e das estopas.

Nem é pois milagre nenhum, que a indústria mecânica dos linhos de Guimarães se tenha notabilizado, estabelecendo no campo económico local uma

das maiores riquezas, pelo valor da sua produção, sempre crescente e renovada.

Sobre as representações dos nossos linhos e dos trabalhos e ornamentos executados a fio de linha, ver nos lugares respectivos deste trabalho as Exposições de 1857, 1861, 1863, 1884, 1888, 1891, 1893, e internacionais de 1865, 1867, 1879, 1889 e 1900.

Cutelarias — nascidas de uma indústria pobre, rotineira, mas fundamentalmente laboriosa, apareceram sempre, pelo lento rebusco de uma técnica aperfeiçoada, embora deficitárias de rendimento, progressivas e esmeradas, acompanhando todos os mercados e favorecendo das enormes exportações, que lhes deram sobrados créditos e auxílios monetários para novas tentativas de valimento produtivo.

É certo que os cutileiros de Guimarães passaram negras misérias e debateram-se com emperradas crises de delonga.

Ai por 1852, esta indústria atravessou uma crise assustadora, segundo relatam as efemérides, que só a Exposição Industrial de Guimarães, em 1884, conseguiu debelar por completo.

E acrescentaram os jornais que era indispensável que os nossos cutileiros se convencessem da necessidade de reconstruirmos a sua indústria, melhorando-a e aperfeiçoando-a, não se poupando a esforços e sacrifícios.

Outra grande crise foi entre os anos de 1895 e 1896, chegando os industriais de cutelarias, por essa altura, a representar à Câmara e ao Governo, pedindo a protecção pautal. Os preços, pela concorrência da Inglaterra e da Alemanha, tinham baixado a dúzia de facas, que se vendiam a 1\$600 e 1\$800 réis, para 900 e 1\$000 réis.

Da Exposição de 1923 à de 1953, sobretudo, o seu avanço, pelas utilizadas influências estrangeiras das máquinas aplicadas, e das novas matérias primas, foi extraordinário e famoso.

Sobre a representação desta indústria, ver nos lugares respectivos deste trabalho, as Exposições de 1844, 1857, 1861, 1884, 1891, 1893, 1897, e Internacionais de 1865, 1867, 1879, 1889, 1922 e 1929.

Olaria e serralharia — são duas indústrias que se fizeram representar, embora modesta e pobremente, em algumas Exposições. Vêm de longe, de milénios, porque são as mais íntimas e populares.

Se o descaminho das favorezas e o enguiço dos fados hajam presentemente diminuído as suas actividades, por motivo de outras variações de produtos, a par de outras estéticas e modalidades introduzidas nas artes do ferro e da cerâmica, não morrem, nem morrerão jamais, pois o limitado âmbito da sua produção estará sempre assegurado dentro do comércio e do consumo da gente do povo e das aldeias. A louça doméstica e popular, a ferrajaria mais caseira e utilitária, entram nos lares humildes, pela comodidade e barateza.

As chapas e pregarias para os carros e rodados dos lavradores, as suas ferramentas, as suas trempe, os seus gramilos, as suas fechaduras, os seus amanhos de lavoira, de ramadas, de noras e de moinhos, são hoje serviços pobres que pobremente alimentam as classes mais modestas e desprotegidas dos ferreiros e serralheiros.

Os oleiros, se mais não adiantaram na arte difícil, aliás, do tornear e do modelar, nunca tentando o vidrado e o colorido, não deixarão todavia de vender sempre, o que alimenta e serve a casa humilde do lavrador, em chocolateiras, cântaros, tigelas, sopeiras, vinagreiras, caçoilas, assadores, infusas, púcaros, fogareiros, panelas e testos, mealheiros e fornos de panela (1).

(1) «Em Guimarães fabrica-se louça comum, amarela, não vidrada, servindo para fogo e água; o fabrico é pouco importante, abastecendo em parte Guimarães, Fafe, Basto, Amarante e Penafiel. A louça é totalmente lisa.

Usam-se argilas de Guimarães e Prado. Ensaio do barro de Guimarães:

Cor primitiva	Cinzentos esverdeado.
Depois de calcinado. . . .	Vermelho tijolo claro.
Sem carbonatos.	
Resíduo.	29% (esverdeado).
Conclusão	Argila ferruginosa.

(*Estudo químico e tecnológico sobre a Cerâmica portuguesa moderna*, por Charles Lepierre, pág. 42).

A roda, a masseira, o forno e o mato dos oleiros, a forja, a bigorna, o malho e o carvão dos serralheiros, não bastam, nos tempos de hoje. Tudo isto, quer dizer, todas estas indústrias dos lares caseiros, de meia porta e uma janela, fazem lembrar aquelas jóias de crença, que o nosso povo vai espalhando em nichos de alminhas, pelas encruzilhadas dos caminhos . . .

O alumínio, a folha, o zinco e os metais, enfim, o progresso, não só depauperou serralheiros e oleiros, como deu cabo de muitas artes e indústrias afins, que viviam ao calor de uns tempos mais modestos, mais borralheiros e mais económicos.

Hoje é tudo forjado, fundido, crómado, niquelado; é tudo em metal, em bronze, em prata, em ouro.

Para a grande fama dos nossos oleiros, basta-lhes a cantarinha das prendas ou dos namorados, que tem corrido tanto mundo como os macacos ou bonecos característicos das nossas festas.

Pois é verdade. Nem estas cantarinhas, nem os bonecos, nem aqueles típicos espelhos, batentes e gramilos das portas, que os ricos ainda hoje mandam fazer, só pelo luxo de uma conspícua vaidade, apareceram, embora como friso decorativo, na Exposição de 1953!

Se de barato querem chamar a tudo isto bugigangas, é bom saber-se que elas aparecem e são admiradas, as nossas e as de outras Províncias, em muitos museus etnográficos do País e do estrangeiro.



Cantarinha das prendas ou dos namorados

E lá se veem as nossas cantarinhas e os nossos bonecos.

O que não se vê, é uma protecção de escola e de escala, em desenhos e modelagens de sabor industrial, para incentivo destas classes tristemente desamadas.

Cirieiros, sirgueiros e estribeiros — indústrias manuais, caseiras, e pobres de há muitos anos, pois laborando quase que à porta fechada, entre o seio familiar das populações rurais, pouco ou nada se expandiram pelas Exposições, atendendo à modéstia do fabrico e à pouquidade da produção.

Embora em 1860 houvesse espalhados pelas freguesias e em Guimarães, 4 estribeiros, 5 sirgueiros e 3 cirieiros, podemos hoje considerar estas pequenas indústrias entre meio estacionárias, meio decadentes. Em 1884 havia 3 fabricantes de velas e de «milagres», ou ex-votos. Em 1923 dous, colocando Francisco Martins esta indústria no quadro das estacionárias. Sirgueiros, em 1884 apareceu uma senhora, D. Ana Rosa de Oliveira, da rua de Camões, dando Alberto Sampaio esta indústria como decadente. Em 1923 a sirgaria não se fez representar, figurando no quadro das indústrias decadentes.

Dos estribeiros, nem a publicação de 1884, nem a de 1923, deles falam.

E quando dissemos que estas artes menores estão entre estacionárias e decadentes, sem aprofundar origens nem aspectos, nem desenvolver sequer, e por agora, o seu panorama florescente ou meãozeiro, é porque na realidade elas existem ainda, num trabalho miudinho e pobre, e à porta fechada, graças devidas ao avanço dos tempos modernos, que as vai pondo à margem de todos os concursos de negócio, e matando a sua tradição de efeitos e de prestança, ficando da sua produção a estreiteza do indispensável: menos velas e círios bentos, e mais ex-votos; menos sirgaria, em torçais, cordões e requifes, e mais gaiterice; menos estribos de pau, e mais estribos de ferro, porque os burros são poucos, e os moleiros sendo muitos, só gastam para as suas alimárias, freios e ferraduras, e nem gastam as típicas

albardas da rua de S. Dâmaso e de Relho, porque andam de vitória.

Mas certo é que temos ainda um estabelecimento de sirgaria, e um estabelecimento de artigos de cera, e cada um no seu género, muito ou pouco, tudo fabricam. São da arte.

À porta fechada, temos sirgueiros ou sirgueiras, em serviço muito caseiro; temos ainda um cirieiro em S. Salvador de Briteiros, (Costa e Silva), e um velhote estribeiro na mesma freguesia, que é um bom artista, e ainda trabalha, como fazedor de estribos de pau de amieiro, com armações ligeiras de ferro.

E deve haver mais, espalhados por o largo termo do Concelho.

O inventário das pequenas indústrias, tão rigoroso como seria necessário, está por fazer, e tanto mais difícil é fazê-lo, quanto é certo que muitas trabalham à porta fechada, no seio da família e a coberto dos solícitos informadores da Senhora Fazenda.

Em Briteiros se fazem pandeiretas, em S. Clemente de Sande aros ou arcos de peneira, fusos de roca, em S. Paio de Vizela, paus de socos. Se fôssemos a desfiar, talvez nos repetíssemos, provocando longa maçada.

Na Exposição de 1857, no Porto, Domingos José Pereira, expôs estribos, obtendo menção honrosa, e Ventura da Costa Meireles, cera virgem.

Curtumes — mantiveram-se sempre, dentro dos traçados técnicos da sua formação e fabricação, fieis à considerada preferência dos mercados internos e externos, e embora por uma delonga de anos fartos modorrassem presos às húmidas e aos sumagres dos tanques de cevadoiro, a moderna apresentação das suas espécies melhorou consideravelmente, pelas suas realizações, formando hoje um corpo social com sólidas bases produtivas e económicas.

Sobre as representações desta indústria, ver nos lugares respectivos deste trabalho, as Exposições de 1861, 1863, 1891, e Internacionais de 1855, 1865 e 1889.

Pentes — indústria antiga, primitivamente localizada, no Cano e Arcela. Mais caseira do que associada, teve os seus limites e fraquejos de produção, mas rompendo e saindo afoitamente da sua pobreza inicial e dos seus rudimentos de origem, singrou pela iniciativa arreguilada de se assemelhar ao moderno fabrico estrangeiro, e de acompanhar a civilizadora instituição das máquinas e das novas matérias primas.

Todavia nunca deixou de se apresentar o pobre fabrico desta pobre indústria, em todas as Exposições, que se limitava ao manual esforço e arranjo dos *pentes dos bichos*, dos *pentes de alisar* e das *calçadeiras*. Todas estas especialidades, e poucas mais, eram de chifre, e produtos que se encontravam a granel nas tendas dos ambulantes e em todas as feiras do País.

Muitos cornos se consumiram!...

Na Exposição de 1884, em Guimarães, ainda se apresentaram os cinco expositores, com os célebres produtos manuais em chifre, exclusivamente, mas já variados no sentido da aplicação comercial, e de caseira e doméstica utilidade: pentes, travessas para criança, calçadeiras, facas de cortar papel, pentes de viagem, ganchos e pregos para cabelo de senhora, pulseiras e torneiras (1).

O que esta indústria aumentou, progrediu e se aperfeçoou, em revelação, adaptação e interpretações maravilhosas e brilhantes, só comparando o que expôs em 1923 e 1953, em Guimarães.

Ver neste trabalho, as Exposições de 1863, em Braga, de 1891, no Porto, de 1893, em Lisboa, e de 1897, no Porto.



Uma das mais antigas e características calçadeiras em chifre.

(Do Museu da Soc. M. S.)

(1) Ver Relatório da Exposição de 1884, em Guimarães, págs. 39 e 113.

Indústrias que não triunfaram, embora todas as condições, do meio e das matérias primas, as pudessem favorecer, para elevado grau progressivo de fartura e de economia.

Ourivesaria — foi uma indústria que teve uma formação preponderante e estrutural, ressaltando nela uma cultura de sentimento e de arte, que lhe deu progredimento e elevados créditos, pela maravilha das filigranas e objectos religiosos, que saíam dos artífices do ouro e da prata.

Muitos dos nossos mestres ourives, que adquiriam justamente esta expressão de mérito, entraram no escol e na categoria de verdadeiros artistas, pela tradição de um rigorismo e sentido plástico que imprimiam às suas obras ornamentais do culto religioso.

Alguns acumulavam, pela sua herança de superioridade e capacidade de renome, largas parcelas de arte, de talento, de importância social e de bens.

Tecer agora elogios a esta arte que morreu completamente, no decair do seu significado de continuidade original, característico e de traços regionais, seria ofender os encómios rasgados que mereceu de críticos consagrados, como Joaquim de Vasconcelos, Ramalho Ortigão, etc.

Esta indústria ainda chegou a levar à Exposição de 1884, uma razoável representação, dentro das tradições do seu especificado fabrico (1).

À Exposição Agrícola e Industrial Portuense, em 1857, concorreram o artífice vimaranense, José Coelho, com um vaso para comunhão e dois cálices de prata, pelo que obteve *Menção honrosa*, e Arnaldo Molarinho, com uma pulseira e alfinete de marfim.

À Exposição de ourivesaria realizada no Porto em 1883, só apareceu o hábil artista desta terra, António Alberto da Rocha Guimarães, com produtos da moderna indústria da sua própria lavra, pelo que obteve um *Diploma de progresso*.

(1) Relatório da Exposição de 1884, págs. 36 e 100.

Na Exposição de 1923, em Guimarães, só um expositor, Sousa & Coelho, L.^{da}, e em 1953, o mesmo. É todavia, este expositor, um primoroso orientador da arte moderna, com boa oficina de artistas especializados para o cinzelar das pratas e perfeito cravejar de pedras preciosas, saindo de sua casa verdadeiras obras primas nestes gêneros.



Brincos de fuso, de metal amarelo, aparecidos em 1941 em S. Salvador de Briteiros. Modelo dos mais primitivos da nossa região.

(Do Museu da S. M. S.)

A antiga arte, aquela arte de segredo no finíssimo amanho das filigranas, vaporosas filigranas das jóias populares, essa desapareceu.

Eram ricos de efeitos flamejantes, os brincos de fuso, modelo mais característico e primitivo usado na nossa região. Depois surgiram as pomposas arrecadas, brincos em crescente lunar, que no jeito e forma arredondada se assemelhavam aos pendants arcaicos, as ciganas (argolas medianas), os brincos à rainha e as argolas à carnicreira (argolas grandes). Este modelo das argolas foi o maior luxo, anos atrás, das lavraadeiras. Ainda se veem, mas só nas mulheres que já derriçaram.

Hoje são as argentárias e banalíssimas libras ou meias libras de cavalinho nas orelhas das moças da lavoura, e as peças de ouro de 8 e 10 mil réis, com aros estrelados, pendants dos cordões.

Uma chateza de pingentes, sem gosto e sem arte.

Cola — era uma indústria que tinha todas as probabilidades para uma existência prolongada, e

mesmo condições favoráveis de progredir, porquanto dos couros era extraída a principal matéria prima. Era uma indústria subsidiária da dos curtumes. Na Ex-



Ilha do sabão, na rua de Couros. Assim ficou a ser popularmente designado o lugar onde existiu a fábrica de sabão e velas de sebo.

posição de 1884, em Guimarães, só um expositor se apresentou, Francisco José Ribeiro Peanha, da Caldeiroa, com cola em bruto, fabricada em diferentes

cores e diversas qualidades (1). Mais tarde houve a existência de duas fábricas, e na Exposição de 1923 aparecem a Empresa Industrial de Guimarães, L. da, com fábrica no Motelo, freg. de Fermentões, apresentando cola em diferentes cores para marceneiro, carpinteiro, etc., e Joaquim Luciano Guimarães & Filhos, com cola em bruto. Na Exposição Distrital de Braga, em 1863, esta indústria chegou a estar representada. (Ver no lugar respectivo deste trabalho).

Embora de arranjo não industrializado, muito antes tivesse aparecido nas Exposições do País este fabrico das colas secas e em bruto, era de supor que uma vez encarreirado na operosidade de mais fértil, perfeita e aproveitada produção, como efectivamente se chegou a acentuar, esta indústria singrasse, e não viesse tão de rápido a cair em falência total.

O monte da Senhora da Conceição, para os lados da Atouguia, onde havia um barraco para secadouro das colas verdes e em bruto, ficou popularmente conhecido pelo *monte da cola*. No monte de Urgeses ainda há pouco existia um barraco que tivera a mesma utilidade.

Sabões — embora tivesse existido uma fábrica de sabões e velas de sebo, de José Ferreira de Abreu & Irmão, na Rua de Couros, as tentativas da sua exploração decaíram quase que ao nascer. Esta firma ainda se apresentou na Exposição de 1884, em Guimarães. O local, ali para a rua de Couros, onde esteve instalada esta fábrica, (existem ainda os dous barracos que a albergavam, cobertos de lousa) ficou popularmente designado e é assaz conhecido, pela *Ilha do sabão*.

Fruta doce e seca — pela categoria dos que inicialmente se deitaram com entusiasmo, pelos respeitos duma paternidade doméstica, ao arranjo e fabrico das especialidades de compota, e as espalharam rotuladas e com boa apresentação por quase todas as

(1) Ver Relatório da Exposição de 1884, em Guimarães, pág. 72.

Exposições Agrícolas Nacionais e Internacionais, era de esperar que a tentativa, não só experimental, mas agregada às possibilidades do meio, fértil de pomos e de utilizáveis sobrados para a conservação e maturação dos mesmos, era de esperar que a tentativa frutificasse e se desenvolvesse em séries de doçaria, associando todos os esforços, todas as quedas e habilidades, ao gosto das receitas fidalgas e conventuais, imprimindo o carácter regional às especialidades que orientadamente a tradição lhes confirmou.

Mas do muito que se expôs, dentro das especiarias de gulodice, ficou a conhecer-se somente a teoria tradicional de tão ricas e finas sobremesas doces. Essa arte, essa herança de apreço, figuravam pouco mais do que dotes de educação e distintos predicados senhoriais, de mimo familiar, com que se abonavam os presentes habituais e de cerimónia, os chás dos bailaricos e dos serões e os outeiros de gala dos abadessados.

Não souberam ou não quiseram produzir umas especialidades regionais, de frutas secas e doces, enriquecidas pelas fórmulas conventuais, como Alcobça e muitas regiões do Douro e Algarve as criaram, esses senhores opulentos, que mantinham e cultivavam soberbos pomares, nos assentos luxuriantes dos seus palacetes, e tanto se consumiram com mandar boa representação do seu doce fabrico às Exposições primeiras, que logo assinalavam e proporcionavam um mercado garantido, aos concorrentes mais destacadamente assinalados pelas suas especialidades.

E assim, esse grupo nobre, na lusitana arraigação dos seus solares, e intimamente ligado aos preceitos da família, grupo sedentário e bem amesendado, dentro do qual se distinguiram o Visconde de Pindela, Barão de Pombeiro, D. Emília de Castro Sampaio, D. Joaquina Carolina de Santa Rosa de Lima, Joaquim José de Azevedo, etc., e os Conventos de Santa Clara e Santa Rosa de Lima, chegaram a mandar em caixas e em frascos, as suas especialidades, para muitas Exposições, com os preços indicados para o mercado de encomendas, tendo alguns

expositores sido premiados em diversos certâmens Internacionais.

O que se prova é ter este fabrico criado uma larga escala de negócio, mas como não safu do ambiente freirático, nem da particularidade dos solares, os segredos mantiveram-se até o derruir destas classes de influência nacional e regional. E tudo se foi, formas e fórmulas, até à sobrevivência das receitas pasteleiras.

Ver Exposições de 1863, em Braga, Internacionais de 1865, no Porto, de 1876 em Filadélfia.

Ver *Relatório da Exposição de 1884, em Guimarães*, págs. 69 e 116.

Vinhos—porque esta privilegiada região se manteve sempre na prática defesa dos ancestrais princípios da postura dos bacelos, mergulhos e enxertos, das melhores e mais escolhidas cepas, favorecendo do clima, da sua posição geográfica e condições mesológicas da terra, criou o mais especificado tipo de vinho verde.

Pela especial sessão das terras, e pela particularidade das vertentes seivasas de regadio, esta região, resguardada pelos cerros, de belgas alcantiladas, plainas e fundeiras, sem o enfermço mal dos destemperos agrestes e dos remordimentos das larvas e das bichas, produz os melhores vinhos e as mais crespas maçarocas. Com as uveiras de enforcado respirando em calma e suavidade, na altitude dos lampadários, e sempre expostas e tafuis nos seus pendentes, aos beijos do sol e dos rócios, os nossos vinhos tiveram fama, mas não criaram cartaz, para um mercado de qualidade e de conquista.

Os vinhos verdes desta zona regional, não firmaram um tipo definido, são iguais e diferentes pela rotina do amanho e do fabrico. Sem um tipo definido, calabreado e tratado, não criaram, os nossos produtores, pelo escrúpulo de um bom apartar de qualidades, um mercado certo e crescente, não saindo acondicionadamente em marcas engarrafadas, num grau pronunciado e industrializado, para as regiões onde o vinho verde é estimado e preferido. Nunca se soube, enfim, explorar o rico filão do vinho verde.

Tentaram os nossos expositores, dos mais abastados e fidalgos, dar a conhecer a Portugal e ao Estrangeiro, por onde desandaram com amostras e preços dos vinhos variáveis da sua lavra, que o sumo da uva destas abençoadas redondezas é de se lhe tirar o chapéu, mas infelizmente, por comodidade, ou porque a produção era tanta que não caberia em garrafas e garrafões, reviraram todos os senhores expositores de então, para a venda por grosso aos taberneiros, como ainda hoje.

Com menos fadiga e responsabilidade, porque todo o proprietário é madraço e dado às comodidades de receber as suas rendas sem trabalhos nem incómodos de maior, lá se passou a vender o vinho na mãe, de *prumeira* ou de segunda, em pipas rafeiras de medida, vinho incorporado que logo borra a caneca branca da prova, com aquela iluminação açucarada e cor de rosa, pelos baldejos dos compradores, que gulosamente o mastigam em lento bebericar paladoso, para o excogito dos defeitos — se tem gosto, se está azeitado, se puxa, se sabe ao pipo, se está frio, botado, etc.

De resto, os vinhos de latadas, de vinha e de enforcado, nas suas qualidades estremes e firmadamente regionais, tinturão, vinhão, azal, verdelho, borraçal, espadeiro, etc., caminharam em amostras por um mundo de Exposições, levados pelos mais exuberantes fabricantes do qualificado mosto, como fossem, Dr. Francisco Martins Sarmiento, Dr. Alberto Sampaio, Henrique Cardoso de Macedo, António José Ferreira Leão, Francisco José da Silva Basto, Dr. José da Cunha Sampaio, Conde de Vila Pouca, Domingos Leite Castro e José Ribeiro Martins da Costa. (Ver nos lugares respectivos deste trabalho, as Exposições de 1863, em Braga, de 1879, no Porto, de 1880, no Porto, de 1884, em Lisboa, de 1888, em Lisboa, e Internacionais de 1865, do Porto, de 1876, em Filadélfia, de 1888, em Berlim, e Universal de 1889, em Paris).

Licores — esta indústria, chegou em Vizela a sair da simples tentativa para uma larga produção

de genebras, conhaques, cumel, etc., etc. Tinha criado os seus mercados, e talvez por falta de continuidade ou apuramento das bebidas do seu fabricante, Manuel Dias da Costa, da Casa da Fonte, não acompanhando os licoristas de bom paladar e a apurada concorrência estrangeira, deixou morrer um negócio que hoje é considerado um autêntico negócio da China.

Bebidas!... (Ver no lugar respectivo deste trabalho, a larga representação, com precário e tudo, que este expositor levou à Exposição das Indústrias Fabris, de 1888, em Lisboa.

Na Exposição distrital de Braga, em 1863, D. Maria Conceição do Amaral Branco, apresentou várias amostras de licores).

Sedas — partiu a fagueira iniciativa de uma possível fabricação de sedas, da classe fidalga, mais favorecida de capitais, mas pobre de engenhos práticos e de constância, e totalmente despida de preparação organizadora e comercial. Não conseguiu essa classe manifestar-se para além das experimentais demonstrações, a que se entregou, serventuariamente embora, mas por manifestas induções da inteligência.

Bem cedo, e quando já os trasmontanos estavam aptos para todas as evoluções do fabrico serícola, principiaram a aparecer nas Exposições as primeiras tentativas dos expositores vimaranenses, em seda fiada, em rama e em casulos, início apreciável que muito favoravelmente podia encaminhar-se para o trabalho industrial, o que nunca chegou a realizar-se, por as muitas experiências terem demonstrado, mais tarde, que uma indústria tão especializada requeria muitíssimos cuidados, larga preparação e amanhos indispensáveis de boas amoreiras, bons sirgos, maquinarias e técnicos. As invasões francesas e os maus governos do Estado, espatifaram todos os centros serícolas portugueses.

É certo que vinham já de longe as aspirações, só alcançadas na doce cogitação dos espíritos de relação comercial, mas falheiras nos efeitos materiais da prática, para o fabrico industrializado das sedas.

E sabemos dessas remotas aspirações, de interesse mais confiado do que certo, pelos informes que nos dão os antigos Livros de Registos.

Em 1781, por despacho do juiz de fora, foi registado um Privilégio de mestre fabricante de sedas largas a Jerónimo de Freitas, da Rua de Santa Luzia.

Em 1792 uma Provisão régia concede licença a Pedro José da Costa, fabricante de tecidos de seda, da corporação do estreito, (teares estreitos ou baixos) ⁽¹⁾ da vila de Guimarães, para trabalhar por mestre da dita manufactura de fitas de seda e estreitas, na conformidade dos estatutos da real fábrica de sedas e depois de examinado.

Em 1795 a António José Mendes Ferreira, de S. Miguel de Serzedo, mestre fabricante de seda da corporação do estreito, que se acha perito e hábil ao fim que se propõe, foi concedida licença para se estabelecer livremente e trabalhar por mestre da dita corporação do estreito em todas as manufacturas que lhe forem relativas.

Grandes vontades, como se vê, e ficaram registadas, mais como patentes, para ninguém lhes roubar as ideias e os planos do que expeditos aviamentos para acelerar a marcha, pois que estes fabricos das sedas de estreito, não saíram jámais da tecelagem colorida das tremóias, fustões, fitas de seda e de cetim e talagarças ⁽²⁾. Não consta mais nada, da nossa história industrial das sedas.

Só mais tarde, é que os quintais, as cercas, alguns dos nossos baldios e praças de Guimarães,

(1) Vê-se da antiguidade da tecelagem da corporação do estreito (ou teares baixos) e das talagarças, das cassas, das tremóias e das fitas, que também eram da corporação do estreito, pelas nomeações e juramentos dos juizes desses officios.

Assim, em 22-6-1695, tomou juramento de *juiza do officio de tecedeira de tear baixo*, Margarida Luiza, solteira, do Cano de Cima.

(2) Em 20-8-1783, foi nomeada *juiza do officio de talagarças*, que não havia, Tereza Joaquina, desta vila.

Em 19-12-1787, foi *eletta juiza do officio de tecedeira de talagarças*, Eusébia Bernarda, da Rua de Santa Luzia.

começaram a pejar-se de amoreiras, e alguns expositores a marcar carreira no cultivo do sirgo e na fiandaria manual do casulo, não chegando a sair destes preliminares encontros filatórios, embora se tratasse de uma classe expositora de categoria vimearanense: Condessa de Basto, Conde de Vila Pouca, Gaspar da Cunha Berrance, José Francisco de Sousa Bastos Guimarães, D. Maria da Conceição Araújo Teixeira, etc.

Em 1860, à Exposição de sericultura no Palácio de Cristal do Porto, já não concorrem os distritos de Vila Real e Bragança, mas Guimarães teve ali uma pequena representação, início dos seus projectos, que não chegou a realizar. (Ver nos lugares respectivos deste trabalho as exposições de 1861, no Porto, de 1863, em Braga, 1879, no Porto, Internacional de 1865, no Porto).

Papel—sofreu o prestígio industrial vimearanense, com deixar desaparecer radicalmente uma das primeiras indústrias do País, a do fabrico de papel com a polpa de pinheiro. Instalada esta fábrica nas margens do Rio Vizela, constituída em sociedade e manobrando sob a direcção de um técnico inglês especializado, colaborava, em virtude do produto que produzia, de grande gasto nas embalagens e no que consumiam os sapateiros, com o agregado laborioso do Concelho de Guimarães, além de que as vantagens iniciais de tudo quanto produzia em papel e papelão, tinham o cómodo poder de ser alimentadas pelo próprio local e freguesias limítrofes da sua instalação: pinheiros, palha de trigo e de arroz e força hidráulica.

Se o exemplo da iniciativa acompanhasse, pelas deficiências manuais, os desafogos dos progressos e das máquinas, seria compreensível que qualquer sociedade mantida no fabrico de papel, instalada nesta região, junto à potência do Rio Vizela, teria sumamente enriquecido, pois congregava às matérias primas que obteria por baixo preço e nas proximidades, uma segurança de negócio favorável, pela situação e pela colaboração associada da corrente, ainda quase virgem de represas e de estorvoiros, a montante e a jusante.

No Relatório da Exposição Industrial de Guimarães, em 1884, diz Alberto Sampaio, a pág. 17:

« A fábrica dos Snrs. Ribeiro & C.^a está situada no lugar de Ante-Vilar, freguesia de Moreira de Cónegos, na margem direita do Rio Vizela. Foi fundada nos anos de 1813-1814. Produz papel almaço e de escrever, branco liso, anilado pautado e de embrulho branco e pardo.

Aproveita como força motora a água do rio, que move 3 rodas, e estas 3 cilindros, que lavam e trituram o trapo até o reduzir a pasta. O resto do serviço é todo manual.

O edificio foi construído e adaptado para o fabrico pelo sistema antigo. Em 1856 ampliou-se com um acréscimo, e fizeram-se alguns aperfeiçoamentos. Além do rés-do-chão, tem dous andares e junto duas casas onde estão duas pequenas oficinas de ferreiro e carpinteiro ».

Tão formal e precisa descrição, leva-nos todavia a fazer um ajustado esclarecimento: Quantas fábricas de papel existiram ou se transformaram, ao longo das margens do Rio Vizela?

A primeira fábrica, sabemos nós que foi montada por António Álvares Ribeiro, assistente na Rua de S. Miguel da cidade do Porto, para o que obteve Alvará régio em 24 de Novembro de 1789, confirmado por Provisão de 7 de Janeiro de 1799.

Laborou muitos anos, com o primitivo empapamento dos trapos velhos. Por escritura de 10 de Julho de 1798, lavrada pelo tabelião de Guimarães, João Mendes Ribeiro, associou, o principal erector António Álvares Ribeiro, *em atenção ao muito trabalho que tem tido com a erecção da fábrica de papel e papelão, que se tem principiado a estabelecer nas margens do rio Vizella da freguesia de Moreira de Cónegos*, Francisco José Ribeiro e Castro, do lugar do Aidro, da freguesia de S. Miguel das Caldas, e como sócio lhe daria a quarta parte dos interesses.

Entre o proprietário, o sócio e administrador da fábrica, Francisco José Ribeiro e Castro, o mestre Francisco Maria Polero, os oficiais e aprendizes, já tinha sido lavrado um instrumento de contrato e obri-

gação, em 27 de Abril de 1798, pelo tabelião Nicolau Teixeira de Abreu.

O documento tem passagens curiosas, sob os aspectos jurídicos, sociais e comerciais. Pretendendo resguardar os segredos do negócio, dando garantias, impunha condições e penalidades.

... Que durante os ditos tempos não poderão os ditos segundos outorgantes sair desta para outra alguma fabrica deste Reino de semelhante manufactura, nem para ella, seus estabelecimentos, ou erecções, darem ajuda, direcções ou instrucções, nem por si, nem por interpostas pessoas, nem descobrirão os segredos d'elle primeiro outorgante Erector; isto debaixo das penas de seis meses de cadeia, e de pagarem ao mesmo Erector todas as perdas e damnos que nisso lhe causarem, e de pagarem pelo melhor dos seus bens a homem que com igual industria trabalhe o tempo que cada um faltar para complemento dos tempos expressados; e os aprendizes durante o tempo dos seis annos, nunca poderão ir dormir a suas casas, nem sair da Fabrica sem licença do Mestre, Administrador ou Proprietario, e que mesmo trabalhando a tina, e acabando de dia o trabalho desta, se occuparão o resto do tempo no serviço da mesma Fabrica que lhe for determinado. Que serão obrigados debaixo das mesmas penas a não armarem discórdias uns com os outros, e a guardarem fiel obediencia ao Erector Proprietario, Administrador e Mestre, a quem communicarão logo no principio as causas de qualquer desavença que possa haver, para estes apasiguarem amigavelmente; ficando na liberdade do mesmo Erector Proprietario ou de seu Administrador despedir algum dos sobreditos no caso de incorrecção, de infidelidade ou de outro algum igualmente forte, bem como o de desavença irreconciliavel entre os mesmos segundos outorgantes» (1).

Esta fábrica gozou de várias regalias, isenções e mercês especiais, que D. Maria lhe concedeu.

A mais, existe ainda na Sociedade Martins Sarmento, um documento notarial, que esteve patente na Exposição Bibliográfica de 1953, por amável oferta do Sr. Engenheiro Moreira de Sá, e que é a cópia

(1) Livro da Nota de T.^{am} Nicolão Teixr.^a de Abreu de 1798, n.º 92, a folhas 5 v. e segts. — Arquivo Municipal de Guimarães.

da escritura de 28 de Abril de 1804, entre o vimearanense Francisco Joaquim Moreira de Sá, José Pereira Ferraz, Manuel Luís da Costa, José Ventura Fortuna, António Ribeiro, Florido Rodrigues Pereira Ferraz e o técnico inglês Tomaz Bishop, para a montagem nas margens do Rio Vizela de uma fábrica de papel, feito com massa de madeira. Diz-se que esta fábrica foi a primeira no mundo que fez papel por este processo.

A fábrica foi destruída na ocasião das invasões francesas, e o seu fundador emigrou para o Brasil.

Assinaturas do contrato notarial de 27-4-1798, sobre a fábrica de papel do Rio Vizela.

É assim a história desta fábrica, bem diferente da história da fábrica apontada por Alberto Sampaio e da história da fábrica de 1789, de que acabamos de transcrever uma parte do documento notarial.

Duas ou mais fábricas, nas margens do Rio Vizela? Certamente.

Na Exposição de 1884, em Guimarães, só aparece um expositor, Ribeiro & C.^a, proprietários da fábrica.

Na Exposição de 1897 (ver no lugar respectivo deste trabalho) o expositor é Álvares Ribeiro, com larguíssima representação, trazendo o *Relatório* uma resenha histórica da fábrica de papel de Vizela, dizendo ter sido construída por Alvará régio de 24 de Novembro de 1789, sob a inspecção da Real Junta do Comér-

cio, Agricultura, Fábricas e Navegação do Reino de Portugal e seus Domínios. Ora esta firma deve ser a primitiva, porque o Sr. António Álvares Ribeiro, fundador da fábrica em 1789, como se vê pelo documento atrás publicado, não podia ser vivo em 1897.

Nas Exposições de 1863, em Braga e na Internacional do Porto, em 1865, aparece igualmente como expositor, Ribeiro & C.^a.

Na Exposição de 1923, em Guimarães, foi expositora a fábrica de Papel de Vizela, localizada em Moreira de Cónegos.

Podemos então situar deste modo: 1.^a fábrica em 1789, laborando com trapos; 2.^a em 1804, laborando com massa de madeira; 3.^a em 1813-1814, laborando com trapos e palha, tendo esta última existido, embora em decadência, até 1930, e em mãos de vários donos, mas sempre de trabalho manual.

Transcrevamos, porém, algumas das principais cláusulas da escritura de 1804, escritura que é de certo modo um documento curioso para a história industrial de Guimarães.

Pelo outorgante Francisco Joaquim Moreira de Sá foi ditto que tendo determinado estabelecer huma Fabrica de Papel, tinha construido a casa e canal para o laboratorio della assim como outras mais casas para uso e serviço da mesma Fabrica, a qual é situada em pertences da sua quinta de Sá nas margens do Rio Vizella; e sendo-lhe ordenado por Aviso Regio de treze de Desembro de mil oito centos e dous para celebrar sociedade para a subsistencia e conservação e arrendamento della, propos aos outros outorgantes os grandes lucros que della se podião tirar, não só pella sua boa situação e abundancia de agoas como pella utellidade que podia resultar pella nova descoberta que o habil Thomaz Bishop tinha feito de algumas plantas e outras materias para a fabricação de todas as qualidades de papel; e sobre o que se tem feito varias experiencias; a qual tem mais singularidade e perfeição do que outro qualquer papel que se faz e que vem dos Paizes Estrangeiros e sem dependencia de trapos.

E por todos foi ditto que estavam justos e contractados a fazerem como com effeito fizeram huma reciproca sociedade pello tempo de vinte e cinco annos, não só para fim de estabelecimento,

conservação e augmento da ditta Fabrica de Papel, mas tambem para a de huma Fabrica de Tinturaria, que os mesmos sócios estão de conformidade a erigir junto á de papel.

.....

O sócio Moreira de Sá entra tão sómente para a ditta sociedade com a casa que tem edificada para a mesma Fabrica e laboratorio das maquinas, a qual tem trezentos palmos de comprido e oitenta e dous palmos de largo alem dos respectivos corpos salientes, e com as duas casas para a cola, e escolha dos materiais, cujas anda construindo, que tudo porá prompto e acabado á sua custa; bem como edificará as casas que forem necessárias para armazens de papel: e enquanto as não põe promptas cede interinamente das dez casas que naquele mesmo sitio tem para uso da lavoura; que da sociedade ficarão pertencendo todas as agoas do Rio Vizella e as agoas do regato de Sá, e as agoas da fonte que ali tirou para uso das mesmas Fabricas do papel e da tinturaria por serem precisas para uso dellas; e só no caso de ahi não serem precisas todas poderá elle ditto Moreira de Sá utilizar-se do acrescimo; e no caso que a agoa da Fonte haja de faltar ou não ser bastante, será o mesmo obrigado a procurar as agoas que forem necessárias á sua custa.

.....

Que os outros cinco sócios ficarão obrigados a suprir e concorrer com todos os dinheiros que forem precisos e sem limite para o custeamento das Fabricas e para as maquinas e seus arranjos e instrumentos para ellas, impates do papel e giro deste comercio.

.....

Que correrá esta Sociedade debaixo da firma
— FERRAZ COSTA FORTUNA E COMPANHIA.

.....

E pelo outorgante Thomaz Bishop foi ditto que elle fora mandado vir pello sócio Francisco Moreira de Sá para fazer fabricar o papel debaixo das suas instruções e operações quimicas; e com effeito tem descoberto várias plantas e outras matérias para se fabricar sem dependencia de trapos de que tem mostrado por experiencia, e portanto está elle justo e contractado de ser o Director de toda a manipulação tanto da Fabrica de Papel, como da Tinturaria, de que tem grandes conhecimentos e sciencia e isto pelo tempo de vinte e cinco annos da duração desta sociedade, pagando-lhe a sociedade annualmente pelo seo trabalho sete centos e vinte mil reis divididos em quatro quartes; e dando-lhe

alem desta quantia o interesse de vinte e cinco avos, que vem a ser de cada vinte e cinco, hum, em todos os lucros liquidos (1).

.

Na freguesia de S. João Baptista de Castelões, segundo relata o abade de Tágilde nos seus Livros manuscritos, havia uma fábrica de papel no lugar da Abelheira, pertencente a Domingos Alves, natural da Senhora do Porto.

Na nota de Nicolau Teixeira de Abreu, tabelião de Guimarães, firma-se, em 23 de Agosto de 1822, um contrato de sociedade entre o abade de S. Miguel das Caldas, Miguel Joaquim de Sá, Jerónimo José de Almeida Coutinho, da casa da Rebessa na aldeia de Paradela, da freguesia de Vilarinho, Joaquim José Pinheiro, da casa da Torre e António Lopes Ferreira, morador na casa de Sá.

Disseram todos que haviam premeditado estabelecer no Rio Paiva e sítio da Bateria, em terreno já destinado e justo, uma *Fabrica de construção de Papel, com duas Tinas e dous Cilindros*. (Nota n.º 153, a folhas 65 v.)

(1) Magalhães Basto, em duas excelentes crónicas dos «Falam Velhos Manuscritos», publicadas no «Janeiro» de 22 e 29 de Junho de 1945, revela-nos com todo o desenvolvimento, aclaração de pormenores desconhecidos e acerado juízo crítico, a história desta velha fábrica da Cascalheira, rematando: Pouco mais de três anos depois de celebrado o contrato, a «Guerra Europeia» estende-se a Portugal: sucedem-se as invasões francesas com o seu cortejo inimaginável de desgraças. Já sabemos que a Fábrica Vizelense da Cascalheira foi arrasada até aos alicerces num acesso de fúria popular. Sabemos também que o seu principal organizador emigrou em 1808 para o Brasil.